

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

Marli Clementino Gonçalves

**JUVENTUDES DO CAMPO E PRÁTICAS EDUCATIVAS: O CASO DO
ASSENTAMENTO MARRECAS EM SÃO JOÃO DO PIAUÍ.**

TERESINA 2009

Marli Clementino Gonçalves

**JUVENTUDES DO CAMPO E PRÁTICAS EDUCATIVAS: O CASO DO
ASSENTAMENTO MARRECCAS EM SÃO JOÃO DO PIAUÍ.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Piauí como requisito final para a obtenção do título de Mestre em Educação. Mestrado em Educação.

Linha de pesquisa: Educação, Movimentos Sociais e Políticas Públicas.

Orientadora: Prof. Dr^a Maria do Carmo Alves do Bomfim.

TERESINA – PIAUÍ
2009

Marli Clementino Gonçalves

**JUVENTUDES DO CAMPO E PRÁTICAS EDUCATIVAS: O CASO DO
ASSENTAMENTO MARRECAS EM SÃO JOÃO DO PIAUÍ.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Piauí como requisito final para a obtenção do título de Mestre em Educação. Mestrado em Educação.

Data de Aprovação: 17/02/2009.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr^a Maria do Carmo Alves do Bomfim
Orientadora

Prof. Dr^a Celecina de Maria Veras Sales – UFC
Examinadora externa

Prof. Dr^a Ana Valeria Marques Fortes Lustosa – UFPI
Examinadora interna

AGRADECIMENTOS

- A Deus, que na sua perfeição nos fez imperfeitos para que pudéssemos, se assim o quisermos, buscar constantemente nos tornarmos mais humanos/as. Que nos faz ter a certeza de que nosso poder para vencer é sempre superior ao peso de todas as aflições porque somos seus/suas filhos/as. Que nos protege com seu infinito amor.
- A minha mãe e meu pai que me guiam na vida, que me ensinam diariamente a buscar com retidão e coragem a realização de meus sonhos. Que são exemplos de luta e de uma vida digna.
- A meu irmão Emerson, minha cunhada Jeane e meus sobrinhos queridos Paulo e Pedro.
- Aos queridinhos da madrinha, Paulo, Kaylane (e a mais recente da trupe, Aixa Luiza) que me mandavam recadinhos, aos domingos, por debaixo da porta quando eu me trancava pra estudar. Paulo, ainda vou ensiná-lo a “computar” como você tanto me pede.
- A meu companheiro, meu amor, Neguinho, pelo amor que construímos cotidianamente, pela força diária, paciência, cuidado e por acreditar mais em mim do que eu mesma.
- As amigas Patrícia Soares, Lucineide Barros e Ana Belleno que, de modos diferenciados, mas com solidariedade e o carinho em comum, são muito caras em minha vida. Vocês sabem que muito fizeram para que eu chegasse até aqui. Vocês são irmãs que a vida me presenteou.
- Aos meus tios, tias, primos e primas paternos e maternos (em especial a Jislene) que sabendo dessa investida torceram por mim e me mandavam incentivos sempre.
- A amiga e orientadora, a Prof^a Dr^a Maria do Carmo Alves do Bomfim por me orientar, mas principalmente por muitos outros ensinamentos cotidianamente vivenciados. Sua companhia me proporciona acessar práticas educativas fundamentadas em valores como a solidariedade, o amor e o respeito.
- Ao Professor Dr. Antônio de Pádua pelos ensinamentos no mestrado e na qualificação desse trabalho.
- A Professora Dr^a Ana Valéria pelas contribuições na qualificação e posteriormente na feitura desse trabalho.
- A Professora Dr^a Celecina de Maria Veras Sales por aceitar prontamente o convite em participar como examinadora externa na defesa.
- Aos Professores/as do Programa de Pós- Graduação da UFPI, em especial a Professora Dr^a Vilani Cosme de Carvalho pelos aprendizados e contribuições nas discussões sobre Identidade.
- Ao Programa de Pós- Graduação em Educação da Universidade Federal do Piauí.

- A CAPES pelo auxílio da bolsa durante o último ano do mestrado.
- Aos amigos/as da 14ª Turma do Mestrado em Educação pelas muitas aprendizagens vivenciadas. Que bom nosso encontro nesse momento tão único em nossas vidas.
- Ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra que através de sua militância tem coragem de questionar o instituído e nos ensina que é preciso lutar sempre.
- Aos jovens, Tiago, Cilas e Diego, pelas contribuições na operacionalização dos equipamentos durante a pesquisa.
- As famílias do Assentamento Marrecas (Crianças, jovens e adultos) lugar onde sou sempre acolhida e onde aprendo muito.
- As/aos jovens do Assentamento Marrecas que integraram a pesquisa com os quais aprendi as muitas bonitezas que exprimem.
- A amiga Arcanja e seu companheiro Chiquinho que me acolhem em sua casa com carinho.
- Ao amigo Paulo Roberto pela disponibilidade na leitura e críticas ao texto.
- As jovens, Claudilene e Edmara do Observatório de Juventudes que contribuíram na sistematização do questionário perfil e pelas muitas risadas juntas.
- Ao amigo Romel Brito pela atenção e disponibilidade do material sobre o Assentamento Marrecas no INCRA – PI.
- A Fábio Nóbrega pelo incentivo e apoio logístico na realização da pesquisa.
- A todos/as aqueles/as que material e imaterialmente contribuíram para a realização desse sonho.

GONÇALVES, Marli Clementino. **Juventudes do Campo e Práticas Educativas**: o caso do Assentamento Marrecas em São João do Piauí. 2009. 163 f. Dissertação. (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2009.

RESUMO

Esta investigação teve como foco a juventude do campo, especificamente, os/as jovens do Assentamento Marrecas, em São João do Piauí, no processo de construção de suas identidades, a partir das práticas educativas ali vivenciadas. Analisa as contribuições dessas práticas para a construção das identidades dos/as jovens desse assentamento, vinculado ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra - MST. Sendo definido como objetivo geral analisar como as práticas educativas vivenciadas no Assentamento Marrecas (São João do Piauí) têm contribuído para a construção identitária dos jovens assentados. A pesquisa qualitativa do tipo estudo de caso integrou a utilização das técnicas projetivas, do grupo focal e do questionário perfil na captação dos dados empíricos. As categorias analíticas desse estudo foram examinadas a partir dos estudos de Fernandes (1999), Sposito (2005), Carneiro (2005), Bomfim (2006), Gohn (2000), Caldart (2001), Damasceno (2005), Sales (2006), Ludke e André (1986), Melucci (2005), Loizos (2002), Gatti (2005) e Gaskell (2002), Brandão (1983), Carvalho (1999), Bourdieu (1996), Melucci (2004), Ferrante (1993), Hall (2001), Ciampa (1987), Berger e Luckmann (1985), Woodward (1993), dentre outros/as. A metodologia fNos achados da pesquisa, depreendemos que: a) as identidades dos/as jovens são construídas na dinâmica das relações estabelecidas no meio social em que vivem articulando objetividade/subjetividade, sendo a família, a escola, o movimento social e a religiosidade fortes referenciais; b) As práticas educativas construídas e em construção no Assentamento são múltiplas, sendo o resultado dos diferentes processos que a comunidade aciona, seja de modo intencional, como a luta por educação escolar e as conquistas quanto a estruturação do assentamento, ou nas vivências cotidianas. Os/as jovens que, ainda criança vivenciaram esses processos vão nessas movimentações da comunidade se localizando e sendo localizados nas trocas, conflitos e consensos gerados no cotidiano; c) Nos jogos de posições e identificações produzidos pelos/as jovens do Assentamento Marrecas há um conjunto de elementos que atravessam suas constituições identitárias. As teias de relações vivenciadas pelos/as jovens no cotidiano da comunidade e das ações mais amplas do MST oportunizam acessar diferentes espaços de sociabilidade e, portanto, de possibilidades diversas.

Palavras-chave: Juventudes do Campo. Identidades. Práticas Educativas. MST.

GONÇALVES, Marli Clementino. Field of Youth and Educational Practices: The case of Marrecas settlement in São João do Piauí. 2009. 163 f. Dissertation. (MA in Education) - Program of Graduate Studies in Education of the Federal University of Piauí, Teresina, 2009.

ABSTRACT

This research focuses on the youth of the field, specifically the young people of the settlement Marrecas, in São João do Piauí, in the construction of their identities from the educational practices experienced there. Analyzes the contributions of these practices for the construction of identities of the young people of that settlement, linked to the Movement of Landless Rural Workers - MST. Is defined as general objective to analyze how the educational practices experienced in the settlement Marrecas (São João do Piauí) have contributed to the identity construction of young settlers, and as specific objectives: Identify how you are experienced in the educational context of family, work of social movement and the school, check the impact of such practices in the construction of identity (the) young settlers and identify the different identities of young people. Share with the conception of man and woman located historically, product and producer of society in continuous process of transformation from its action in the world, therefore inconclusive, subject to change, and re mean to their lives and consequently the world. So you can see a human being with a possibility to rebuild itself, reinvent itself, with the unlimited creative potential. The analytical categories that were examined from the studies of Fernandes (1999), Sposito (2005), Carneiro (2005), Bomfim (2006), Gohn (2000), Caldart (2001), Damasceno (2005) Sales (2006), and Andrew Ludke (1986), Melucci (2005), Loizos (2002), Gatti (2005) and Gaskell (2002), Brandão (1983), Carvalho (1999), Bourdieu (1996), Melucci (2004), Ferrante (1993), Hall (2001), Ciampa (1987), Berger and Luckmann (1985), Woodward (1993), among others / as. In the findings of the research shows that: a) the identities of young people are constructed in the dynamics of relationships established within the social living in articulating objectivity / subjectivity, the family, school, the social movement and strong religious references b) The educational practices built and under construction in the settlement are many and the result of different processes that drive the community is so intentionally, as the struggle for education and the achievements in the structuring of the settlement, or in everyday experiences. The young people that a child experienced these processes in such drives will be located in the community and are located in trade, conflict and consensus generated in the daily c) In games of positions and identifications produced by young people of the settlement there is a set Marrecas of evidence that identity. The webs of relationships experienced by young people in the community and the everyday actions of the MST nurture broader access different areas of sociability and thus many opportunities.

Keywords: Youth Field. Identities. Educational Practice. MST.

LISTA DE TABELAS E GRÁFICOS

TABELA 01: Indicadores de Desenvolvimento Juvenil do Nordeste	50
TABELA 02: Caracterização das Famílias Assentadas por faixa etária e sexo.....	67
TABELA 03: Produção Agrícola e Agropecuária	120
GRÁFICO 01: Jovens por faixa etária.....	69
GRÁFICO 02: Jovens quanto ao sexo.....	69
GRÁFICO 03: Auto atribuição da cor/raça.....	70
GRÁFICO 04: Religião auto atribuída.....	70
GRÁFICO 05: Jovens quanto à situação de constituição familiar.....	70
GRÁFICO 06: Meios de comunicação utilizados pelos/as Jovens.....	70
GRÁFICO 07: Jovens da pesquisa quanto à escolaridade.....	71

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

AJ – Antônia Joana

CEBs – Comunidades Eclesiais de Base.

CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil.

CODEVASF - Companhia de Desenvolvimento do Vale do São Francisco.

CONTAG – Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura.

CPT – Comissão Pastoral da Terra

EFA – Escola Família Agrícola.

EJA – Educação de Jovens e Adultos.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IEJC – Instituto de Educação Josué de Castro.

INCRA – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária

JP – José Pedro

MEB – Movimento de Educação de Base.

MEC – Ministério da Educação e da Cultura.

MPA – Movimento dos Pequenos Agricultores.

MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra

ONG – Organização Não-Governamental.

PDA – Plano de Desenvolvimento do Assentamento Marrecas

PNAD – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios.

PPGED – Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Piauí.

PROEJAPI – Projeto de Educação de Jovens e Adultos dos Assentamentos de Reforma Agrária do Piauí.

PRONERA - Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária

UnB – Universidade de Brasília.

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura.

UNICEF – Fundo das Nações Unidas para a Infância.

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografias 01 e 02 - Desenhos feitos pelos/as jovens na técnica projetiva.....	83
Fotografia 03- Filmagens feitas pelos/as jovens para o programa de TV.....	84
Fotografia 04 - Finalização das atividades da pesquisa.....	85
Fotografia 05 – Grupo Focal com Jovens dos Cursos Técnicos na Escola Agrícola de São João do Piauí.....	87
Fotografias 06 e 07 - Área central e uma das ruas do Assentamento Marrecas.....	93
Fotografia 08 e 09 - Maquete do Assentamento e Mastro com bandeira do MST no centro do Assentamento.....	93
Fotografias 10 e 11 - Igrejas Católica e Evangélica construídas pela comunidade.....	100
Fotografias 12 e 13 - Festejo de Nossa Senhora da Vitória ornamentada para celebração feita pela juventude.....	100
Fotografia 14 - Entrada da Escola Paulo Freire	107
Fotografia 15 - Jovens nos cursos técnicos em São João do Piauí.....	107
Fotografias 16 e 17 - Crianças e Jovens na Escola “Paulo Freire”.....	113
Fotografia 18 – Criança e avô voltando da roça no final da tarde.....	117
Fotografias 19 e 20 - Jovens que integram o grupo “Anjos da Noite” exibindo a estrutura de som por eles montada.....	127
Fotografias 21 e 22 - Anúncio e festa com o som do Grupo “Anjos da Noite.....	127
Fotografias 23 e 24 - Jovens na área central do Assentamento e no campo de futebol do Assentamento.....	128
Fotografias 25 e 26 - Jovens do Assentamento Marrecas em fotografias por eles produzidas para seus orkuts.....	133
Fotografia 27 - Jovens na calçada da igreja no final da tarde.....	134
Fotografia 28 - Jovem do Assentamento numa atividade na Escola “Paulo Freire”.....	136
Fotografia 29 - Jovem do Assentamento numa atividade na Escola “Paulo Freire”.....	136
Fotografia 30 - Jovem do Assentamento coordenando atividade no Galpão Comunitário....	137
Fotografia 31 – Jovens na técnica projetiva do desenho	142
Fotografia 32 – Jovens na técnica projetiva do desenho.....	142
Mosaico Fotográfico 01 - Jovens do Assentamento Marrecas em reunião para aplicação do questionário perfil.....	68
Mosaico Fotográfico 02 – produção agropecuária (bovino) e agrícola (macaxeira, mamão, tomate, goiaba, uva e goiaba).....	118
Mosaico Fotográfico 03 – Jovens do Assentamento Marrecas em trabalhos variados.....	122

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO 1: TRÂSITOS EM VEREDAS TEÓRICAS	19
1.1 Aspectos da questão agrária no Brasil e no Piauí	20
1.2 Ações de rupturas: o Movimento dos Sem Terra entra em cena	26
1.2.1 A ação contra as cercas da terra e da educação.....	30
1.2.2 O Movimento sem Terra no Piauí: Origem e conquistas educacionais.....	37
1.3 Juventudes, Identidades e Práticas Educativas	40
1.3.1 Juventudes: similitudes e diferenças	40
1.3.1.1 Juventudes no Piauí	49
1.3.2 Identidades	52
1.3.3 Práticas educativas	57
CAPÍTULO 2: AS VEREDAS QUE SE FAZEM AO CAMINHAR	61
2 Aspectos Metodológicos	61
2.1 Campo da pesquisa	64
2.2 Sujeitos/as da pesquisa	68
2.3 Técnicas e instrumentos de pesquisa	71
2.3.1 Técnicas Projetivas	73
2.3.1.1 A fotografia, o programa de TV e o desenho	74
2.3.2 Grupo focal	76
2.3.3 Observação livre	77
2.3.4 Procedimentos para a coleta de dados	77
2.3.4.1 Etapas da pesquisa	78
2.4 Forma de análise e interpretação dos dados	87
CAPÍTULO 3: JUVENTUDES DO ASSENTAMENTO MARRECAS EM IMAGEM E PALAVRA: PRÁTICAS EDUCATIVAS E IDENTIDADES	89

3.1 Juventudes do Assentamento Marrecas e práticas educativas.....	89
3.1.1 Recortes da memória explicando o presente: luta, organização e fé.....	91
3.1.2 Juventude e relações familiares: diferentes leituras.....	103
3.1.3 A educação no Assentamento Marrecas: interface entre a escola e o MST.....	107
3.1.3 A rotina no Assentamento Marrecas.....	117
3.1.4 Agregações juvenis no Assentamento Marrecas: lazer e mídia.....	125
3.2 Juventudes do Assentamento Marrecas: Identidades em Construção.....	130
3.2.1 Produção de sentidos sobre o que e ser jovem	131
3.2.2 Auto-definição dos/as jovens do Assentamento Marrecas: jogo de posicionamentos...	133
3.2.3 A que (quem) os/as jovens do Assentamento Marrecas creditam serem o que são?.....	137
3.2.3 Expectativas e sonhos dos/as jovens do Assentamento Marrecas.....	143
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	146
REFERÊNCIAS	150
APÊNDICES	156

INTRODUÇÃO

O indivíduo é uma abstração. No concreto, a pessoa comparece sempre como uma rede complexa e ativa de relações. O eu é habitado por muitos.

Leonardo Boff

Esta investigação teve como foco a juventude do campo, especificamente os/as jovens do Assentamento Marrecas, em São João do Piauí, no processo de construção de suas identidades, a partir das práticas educativas ali vivenciadas. Analisa as contribuições dessas práticas para a construção das identidades dos/as jovens desse assentamento, vinculado ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra - MST. Sendo definido como objetivo geral analisar como as práticas educativas vivenciadas no Assentamento Marrecas (São João do Piauí) têm contribuído para a construção identitária dos jovens assentados; e como objetivos específicos: Identificar como se constituem as práticas educativas vivenciadas no contexto da família, do trabalho, do movimento social e da escola; Verificar o impacto dessas práticas na construção identitária dos (as) jovens assentados(as)¹.

Segundo Carneiro (1998) até recentemente, a juventude rural passava despercebida pelas pesquisas acadêmicas e projetos voltados para o universo rural. As poucas discussões referem-se ao jovem na condição de aprendiz de agricultor. Sales (2006) observa que muito pouco se conhece sobre os/as jovens do meio rural em vista de não focalizar esses sujeitos, mas a unidade familiar e, contemporaneamente, nas ações desenvolvidas por movimentos sociais do campo. Vistos assim, não são levados em consideração outros processos de socialização vivenciados pela juventude, no cotidiano da vida na comunidade e da sua relação com o mundo, de modo que se apresentam várias questões em aberto: Quem são esses jovens? Como vivem? O que desejam? Como são percebidos e como se percebem? Como se identificam no mundo que os cerca?

Neste sentido, são importantes os estudos que analisam o modo de vida, as relações sociais, as condições estruturais do ambiente, as oportunidades de lazer e acesso a atividades diversas.

No Piauí, contemporaneamente, o protagonismo do meio rural teve início com a manifestação de movimentos sociais que se auto-intitulam “movimentos sociais do campo”

¹Há um relativo consenso em utilizar os termos no masculino referindo-se também ao feminino. Nesta dissertação a opção foi por adotar a dimensão de gênero, não seguindo dessa forma a orientação gramatical. Assim, é possível que alguns termos não fiquem como alegam alguns, “esteticamente bem”.

realizando ações propositivas e de enfrentamento à situação reinante de concentração e improdutividade da terra; situação esta que historicamente colocou o meio rural e sua gente na condição de atraso, esquecimento e até invisibilidade.

O processo de luta pela terra, organizado e acompanhado por um desses movimentos, o MST, estrutura-se em uma proposta de cunho político e ideológico voltado para a vivência de valores que, por sua vez dão fundamentos a determinadas práticas coletivas e individuais, voltados para o objetivo de tirar o meio rural da condição de não lugar, favorecendo aos seus habitantes a condição de sujeitos.

As discussões travadas na atualidade confrontam as diferentes perspectivas de leitura da realidade. Diferenças que externalizam as interrogações sobre as concepções de homem e de sociedade num mundo em turbulência. A complexidade que nos apresenta a contemporaneidade impele olhar a realidade e interpretá-la nas suas especificidades. E nas particularidades tratá-las no plural, compreendendo o movimento que a sociedade realiza.

Compartilho com a concepção de homem e mulher situados historicamente, produto e produtor da sociedade, em processo contínuo de transformações decorrentes de sua ação no mundo, portanto inconclusos, passíveis de mudanças, de significar e ressignificar suas vidas e o conseqüentemente o mundo. Assim é possível vislumbrar um ser humano com possibilidade de recriar-se, reinventar-se, portador de ilimitado potencial criador.

Desse modo, discutir identidades juvenis, no contexto das práticas educativas, pressupõe análise das condições objetivas e subjetivas apresentadas no cotidiano do assentamento. Em diversas falas há menção ao período do acampamento, da luta empreendida, o que possibilitou uma compreensão maior desse processo situando historicamente os sujeitos num espectro de relações mais amplas.

O recorte de uma parte dessa realidade, a juventude, não prescinde de um olhar também para o todo com o qual dialoga, mas igualmente importante relativizar e significar as diferenças que cada indivíduo, grupo, internaliza. Esta assertiva ganha proporções e densidade à medida que a própria ação humana provoca mudanças conjunturais e estruturais. Essa realidade dinâmica alerta para o necessário cuidado em não cristalizar teorias, interpretações, tendo em vista a própria diversidade de possibilidades, identificadas nas diferentes correntes de abordagem da realidade. Diversidade múltipla e fecunda.

Compreendo que ao escolher caminhar por veredas que foram sendo construídas no decorrer da pesquisa, de experimentar metodologias não convencionais, ou pelo menos para mim muito recentes, me lancei num terreno fértil, mas complexo. Nesse percurso, de muitas incertezas teóricas e uma enorme vontade de fugir ao trivial, de não cair nos caminhos

amplamente trilhados dos questionários e tabulação de dados, me desafiei em combinar um arcabouço teórico e metodológico plural, sabendo que essas escolhas poderiam provocar rupturas também pessoais. Assim, me sinto, ao escrever este trabalho, em conflito, entre paradigmas, entre estabilidades teóricas supostamente já compreendidas e outras em fazimento. As discussões nas disciplinas do mestrado, o olhar estrangeiro sobre o Assentamento Marrecas que já considerava supostamente conhecer, em vista dos nove anos no qual, pelo menos uma vez por ano estive lá, me causam uma única certeza, a de que preciso continuar pesquisando.

Neste percurso de discutir a juventude do campo, revisitei em minhas memórias, imagens de minha infância, adolescência e boa parte da juventude em uma cidade pequena do interior do Estado do Piauí, ocorreu-me que naquele período me questionava porque tínhamos sempre que mudar de casa e não possuíamos a nossa própria casa visto que meus pais trabalhavam diuturnamente.

Dormíamos, eu e meu irmão, sempre “embalados” pelo som da máquina de costura de minha mãe. Meu pai trabalhava na roça e sempre reclamava do trabalho puxado e com poucos retornos. Incentivava-nos para os estudos, visto que nem ele nem a mamãe tiveram acesso à educação escolar. Essa postura nos “livrava” do trabalho na roça.

Mas afinal porque essas lembranças me invadem nesse momento em que estou discutindo a juventude do campo? Como essas histórias se entrelaçam? Tem mesmo uma intersecção? Na adolescência eu me preocupava bastante com o que iria ser, queria estudar, mas sabia que seria bem difícil ir além do chamado, a época, de segundo grau. O que iria ser? Em que iria trabalhar? Numa cidade de 5 mil habitantes na qual a principal fonte de trabalho era a roça, como vislumbrar outras possibilidades? No ensino médio me destacava em atividades realizadas na escola, principalmente nas que envolvia organização estudantil na liderança de turmas. Uma jovem contestadora, impetuosa, com muitos sonhos e uma vontade enorme de mudar o mundo.

Ao concluir o ensino médio migrei para Teresina para tentar vestibular, fiquei na casa de uma família de amigos e cuidava das crianças em meio período e no outro estudava pra fazer o vestibular. Quantas jovens fazem esse mesmo percurso no Brasil em busca de ampliação das condições de acesso a escola? Quantos jovens efetivamente logram êxito ao sair de casa pra se “aventurar” no mundo? Quantos retornam? Decidi por Pedagogia, lembro de minha mãe, observando pra eu “colocar o pé onde o passo alcança” e que “pelo menos em professora” deveria me formar.

A escolha por pedagogia foi, além disso, pensando nas possibilidades reais de me sentir útil, contribuindo na formação de pessoas. Naquele período, em que proveniente de escola pública de uma cidade bem pequena do interior, passar no vestibular seria um grande feito. E o foi. Lembro-me com menos nitidez de ter escutado meu nome no rádio, da festa para comemoração e dos comentários: “a menina de Zefinha Costureira passou no vestibular”, lembro-me ainda de algumas amigas que me felicitavam observando que da minha turma do ensino médio, parece-me que, apenas eu havia ingressado na Universidade.

Quantos/as jovens do campo desejaram, desejam ter acesso à universidade? Quantos/as efetivamente conseguem? Quantos/as jovens deixam suas casas, famílias, vínculos de amizade porque não tem as condições de viver na sua cidade, no campo? Quantos saem em busca de um “espaço para o desenho da vida”?

O ingresso na universidade alterou significativamente minha vida, no quarto período do curso, em 1999, obtive êxito numa seleção para atuar no Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária – PRONERA. O trabalho consistia em acompanhar Educadores/as de Jovens e Adultos dos Assentamentos de Reforma Agrária do Piauí no desenvolvimento de atividades de alfabetização. A partir de então me aproximei dos Movimentos Sociais do Campo e principalmente do MST, visto que fui trabalhar no Assentamento Marrecas que conforme já explicitado é organizado por este movimento, tratando-se na primeira ocupação de terras no Estado.

A participação no projeto de extensão aumentou o desejo e a necessidade de olhar aquela realidade de modo mais sistemático, o que ocorreu com a minha participação no Projeto de Iniciação Científica, intitulado: “A Prática Educativa de Educadores de Jovens e Adultos do MST: Limites e Possibilidades – Um Estudo de Caso dos Assentamentos Marrecas e Lisboa em São João do Piauí”. Na pesquisa tive a oportunidade de vivenciar um pouco do cotidiano da Comunidade.

Posteriormente, após terminar a graduação, fui convidada pelo MST para acompanhar, como monitora, o processo de formação de 6 (seis) jovens do Piauí que fizeram o Curso de Pedagogia da Terra na Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN; o que consistia em contribuir na orientação dos trabalhos a serem realizados no período em que estes estavam nos assentamentos, já que o Curso se realizava em regime de alternância.

Tais experiências e intervenções pavimentaram a oportunidade de em 2003, passar a compor os quadros da Supervisão de Educação do Campo, órgão interno da Secretaria Estadual de Educação – SEDUC - PI, responsável pela efetivação de políticas de educação do campo no Estado. Dentre as atividades da Supervisão foi realizado o Curso de Formação de

Educadoras e Educadores da Reforma Agrária, no qual participei da coordenação geral, no período de 2004 a 2007. Este processo permitiu que em 2004 fosse oportunizado ingressar na primeira turma de Especialização em Educação do Campo e Desenvolvimento, resultado da parceria do MST com a UnB. Durante o curso, o contato mais aproximado com as discussões sobre o campo brasileiro e seus sujeitos ampliou o interesse pelo estudo ora empreendido.

Observando aqueles/as jovens, suas dificuldades e potenciais, passei a me questionar sobre essa parcela da sociedade, seus saberes e fazeres, identificando, nos mesmos, especificidades, como o envolvimento nos processos organizativos da comunidade, a participação nas direções dos trabalhos e a afirmação de uma postura voltada para a valorização e defesa dos valores e costumes do campo, associada a uma expressão política da sua condição de jovens, manifestada na apresentação aos poderes constituídos de demandas relacionadas à prática de esportes, espaços de lazer, promoção e expressão cultural, inserção nos programas e projetos produtivos e defesa das condições educacionais; colocando o assentamento como a sede ou lugar dos benefícios reivindicados.

Parafraseando Brandão (1983) quando explicita que aprender é uma trilha invisível e interroga sobre onde e como encontrar as marcas da docência no que não se aprende na escola, me questiono onde e como encontrar as marcas dos processos educativos que fortemente influenciam na constituição identitária dos/as jovens do Assentamento Marrecas.

Nesse processo formativo meu olhar não consegue ver apenas o local, ou separar o histórico do político, do econômico, do social e por isso ao discutir a constituição identitária da juventude preciso da conjugação dos referenciais dialéticos com os estudos culturais para interpretar a realidade. Certamente, muitos outros aspectos desse fenômeno ficam em aberto para outros estudos e até mesmo estas análises sobre as identidades dos/as jovens, deste caso, podem ser discutidas sobre outras perspectivas, uma vez que adotando outro referencial as interpretações serão outras, por isso a explicitação dessas escolhas e dessa abertura, frutífera, de não trazer as certezas, mas reflexões sob um determinado olhar sobre o estudo empreendido.

Desses aspectos elencados decorre a escolha por transitar em Veredas² Teóricas no primeiro capítulo, no qual abordo aspectos da realidade agrária no Brasil e no Piauí, a ação

160 _____

² As veredas são passagens construídas pelas pessoas que ao transitarem com frequência pelo mesmo lugar deixam as marcas e assim, constroem-se pequenas passagens. Elas são muito utilizadas porque encurtam caminhos. Ocorreu-me essa terminologia para esse capítulo teórico e para o capítulo metodológico quando ia com um jovem pra roça, para que eu conhecesse a produção da família. No trajeto, ele me falou que íamos por uma vereda porque além de diminuir a distância também nos proporcionaria ver paisagens que pela estrada construída não era possível visualizar, por exemplo, as margens das lagoas, alguns pássaros como os guirros. E também pra me desafiar a passar pelo passadiço feito numa das entradas da roça. Os passadiços são madeiras

dos movimentos sociais do campo, com destaque para o MST e as discussões sobre juventudes, identidades e práticas educativas, sendo referenciados nos estudos de Fernandes (1999), Sposito (2005), Carneiro (2005), Bomfim (2006), Gohn (2000), Caldart (2001), Damasceno (2005), Sales (2006), dentre outros/as.

No segundo capítulo – As veredas que se fazem ao caminhar – explicito a metodologia adotada na pesquisa de natureza qualitativa, do tipo estudo de caso, com a conjugação de diferentes técnicas de coleta de dados: o questionário para mapear os perfis, as técnicas projetivas, o grupo focal e a observação, sendo que a despeito da combinação dessas técnicas a clareza de que o sujeito pesquisador está implicado no fenômeno que deseja estudar, está sujeito às influências do meio em que o fenômeno ocorre e projeta na sua pesquisa muitos elementos subjetivos, mesmo que inconscientemente. Para essa construção foram importantes os trabalhos de Damasceno e Sales (2005), Ludke e André (1986), Melucci (2005), Loizos (2002), Gatti (2005) e Gaskell (2002), dentre outros/as.

No terceiro capítulo – Juventudes do Assentamento Marrecas em imagens e palavras: práticas educativas e identidades – apresento e tento discutir as construções identitárias dos/as jovens do Assentamento Marrecas no contexto das práticas educativas ali desenvolvidas. Para tais discussões as falas dos/as jovens, as fotografias por eles/as produzidas e os estudos de Brandão (1983), Sales (2006), Damasceno (2005, 2006), Carvalho (1999), Bourdieu (1996), Melucci (2004), Ferrante (1993), Hall (2001), Ciampa (1987), Berger e Luckmann (1985), Woodward (1993), dentre outros/as, possibilitaram compreensões sobre as intenções de pesquisa propostas neste estudo.

As veredas percorridas reforçaram a compreensão de que na contemporaneidade as possibilidades de vivenciar diferentes práticas educativas permitem aos/as jovens experimentar o contato com o diverso. Neste caso em particular, de um assentamento de reforma agrária fruto de uma luta protagonizada por um movimento social de âmbito nacional permite a construção de identidades juvenis com fortes traços resultantes desses processos.

colocadas na transversal sobre a cerca de arame, no estilo de uma pequena escada. Aceitei o desafio de ir com ele por essas veredas e agora nestes escritos percebo que a trajetória desta pesquisa foi assim também construída, em veredas, tentando captar o que nos caminhos já consolidados não era possível, ou então poderia levar somente a paisagens já conhecidas.

CAPÍTULO I

TRANSITOS EM VEREDAS TEÓRICAS: CAMPO, MOVIMENTOS SOCIAIS JUVENTUDES E IDENTIDADES

Procissão dos Retirantes

Terra brasilis continente pátria mãe da minha gente hoje eu quero perguntar. Se tão grandes são teus braços porque negas um espaço aos que querem ter um lar? Eu não consigo entender, que nessa imensa nação, ainda é matar ou morrer por um pedaço de chão. Lavradores nas estradas, vendo a terra abandonada, sem ninguém para plantar, entre cercas e alambrados são milhões de condenados a morrer ou mendigar. Eu não consigo entender, achar a clara razão, de quem só pra vive pra ter, e ainda se diz bom cristão. No Eldorado do Pará: nome Índio Carajás, um massacre aconteceu, nesta terra de chacinas, essas balas assassinas, todos sabem de onde vem. É preciso que a justiça e a igualdade sejam mais que palavras de ocasião. É preciso um novo tempo em que não seja só promessa repartir a terra e o pão. (A hora é essa de fazer a divisão!). Eu não consigo entender, que em vez de herdar um quinhão, teu povo mereça ter, só sete palmos de chão! Nova leva de migrantes, procissão dos retirantes, só há terra em cada olhar, brasileiros feito nós, vão gritando, mas sem voz, norte e sul não tem lugar. Pátria amada do Brasil, de quem és ó mãe gentil? Eu insisto em perguntar: dos famintos das favelas, ou dos que desviam verbas pra champagne e caviar? Eu não consigo entender, achar a clara razão, de quem só vive pra ter e ainda se diz bom cristão.

(Pedro Munhoz e Martim Cesar)

A música nos instiga a questionamentos: se o Brasil é um país continental porque os conflitos de terra seculares? Como a não divisão, ou seja, a concentração da terra foi sendo definida dentro do modelo de desenvolvimento brasileiro? Quais as forças sociais que se colocaram contrárias à estruturação da sociedade nestes moldes? Como estas forças favoráveis ou contrárias à realidade agrária se configuram no cenário brasileiro atual?

O fio condutor da discussão consubstancia-se na afirmativa de que há um problema agrário no Brasil, fruto do capitalismo, desenvolvido ao longo do tempo. Esse problema gerou uma malha de trabalhadores/as excluídos/as no campo e na cidade. No campo provoca, entre outras questões, o êxodo rural e os conflitos por terras. Na cidade, o aumento desordenado da população urbana, sem as devidas condições de acesso a infra-estrutura básica, trabalho e moradia, corroboram para a produção de diversos problemas sociais, como a marginalização, a violência e o desemprego.

Neste contexto, como a juventude vem respondendo ou se (con) formando frente aos problemas vivenciados na atualidade? E parcela dessa juventude, denominada de juventude

rural, como responde aos desafios encontrados no campo? Quais os efeitos da realidade agrária para a juventude do meio rural, especificamente a piauiense? Quando nos referimos a Juventude rural, quantos são? Como vivem? Como significam suas vidas na constituição de suas identidades?

As questões elencadas encontram respaldo na questão central dessa investigação que é compreender como os/as jovens do Assentamento Marrecas constroem suas identidades no movimento objetividade/ subjetividade que a realidade apresenta. Nesse sentido, o problema agrário brasileiro encontra-se na esfera da objetividade, ou seja, nas condições materiais da existência desses/as jovens num determinado contexto histórico, político e social. Nesse aspecto, a discussão sobre a posse e o uso da terra é importante por ser o lócus de vida da juventude rural e, portanto, o lugar onde se produzem as condições materiais e imateriais de existência.

Assim, esta incursão teórica objetiva situar (entender) as questões que envolvem a juventude do campo no contexto histórico que são produzidas, focalizando especificamente, a juventude de um assentamento de reforma agrária vinculado ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra do Piauí. A ação do MST se configura como uma luta contrária à concentração de terras e às ações do capitalismo no campo e na cidade.

Desse modo, as discussões sobre a juventude rural têm como pano de fundo a realidade vivenciada, sendo pertinente uma breve análise sobre o campo brasileiro e particularmente, o piauiense, no que concerne aos aspectos da realidade agrária para em seguida discutir, teoricamente, as temáticas: juventudes, identidades e práticas educativas.

1.1 Aspectos da questão agrária no Brasil e no Piauí

De acordo com o Atlas Fundiário do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra), cerca de 3% do total das propriedades rurais do país são latifúndios³, ou seja, possuem mais de mil hectares e ocupam 56,7% das terras agriculturáveis. Estes dados

160_____

³- O termo latifúndio é definido juridicamente através da Lei nº 4.504, de 30 de novembro de 1964 (Estatuto da Terra) em seu Capítulo 1, Art. 4: “V - "Latifúndio", o imóvel rural que: a) exceda à dimensão máxima fixada na forma do artigo 46, § 1º, alínea b, desta Lei, tendo-se em vista as condições ecológicas, sistemas agrícolas regionais e o fim a que se destine; b) não excedendo o limite referido na alínea anterior, e tendo área igual ou superior à dimensão do módulo de propriedade rural, seja mantido inexplorado em relação às possibilidades físicas, econômicas e sociais do meio, com fins especulativos, ou seja, deficiente ou inadequadamente explorado, de modo a vedar-lhe a inclusão no conceito de empresa rural.” Entretanto Medeiros (2003), esclarece que o latifúndio pode ser visto não só como equivalente de grande propriedade, de atraso tecnológico e improdutividade, mas também, como sinônimo de relações de poder, de opressão, de ausência de direitos.

revelam a alta concentração de terras existentes no Brasil, entretanto, como nos alerta a música, “nessa imensa nação ainda é matar ou morrer por um pedaço de chão”.

A raiz dos problemas que envolvem o campo e os sujeitos que ali vivem, está na questão agrária⁴, materializada historicamente nos conflitos sociais (seculares) que envolvem a posse e o uso da terra no Brasil. Remete ao período da investida dos portugueses no território brasileiro, tendo como pano de fundo o desenvolvimento do capitalismo que também no campo, se expressa de forma contundente, a partir do século XX com a tecnificação e conseqüente diminuição de mão de obra camponesa, um dos pilares do êxodo rural.

Fernandes (2008) argumenta que a questão agrária é um problema estrutural do modo capitalista de produção que é resultado da lógica de reprodução ampliada do capital “que provoca o desenvolvimento desigual, por meio da concentração de poder expresso em diferentes formas, como por exemplo, a propriedade da terra, o dinheiro e a tecnologia” (p.43) Assim, é possível depreender que a questão agrária está relacionada

[...]à concentração da estrutura fundiária; aos processos de expropriação, expulsão e exclusão dos trabalhadores rurais: camponeses e assalariados; à luta pela terra, pela reforma agrária e pela resistência na terra; à violência extrema contra os trabalhadores, à produção, abastecimento e segurança alimentar; aos modelos de desenvolvimento da agropecuária e seus padrões tecnológicos, às políticas agrícolas e ao mercado, ao campo e a cidade, a qualidade de vida e dignidade humana. Por tudo isso, a questão agrária é um elemento estrutural do capitalismo. (FERNANDES 1999, p. 23-24)

A propósito, Ianni (1984, p.7) afirma que “a questão agrária está presente na transição da monarquia à República, do Estado oligárquico ao populista, do populista ao militar, na crise da ditadura militar e nos movimentos e partidos”, ou seja, está presente em todo o período histórico brasileiro.

Contudo, contemporaneamente, não é somente a estrutura fundiária concentrada a matriz da questão agrária, somam-se a este fator as transformações sócio-econômicas da modernização agrícola. “Nesta combinação se encontra a explicação para a ampliação dos conflitos agrários, entendendo-os como conflitos atinentes às relações sociais entre os diversos agentes envolvidos no processo produtivo” (NOGUEIRA, 1997, p.46)

160_____

⁴ Stédile (2005) observa que a discussão sobre a questão agrária pode ser interpretada sob diferentes perspectivas, política, econômica, social, geográfica e histórica, dentre outras, mas, que em síntese podem ser aglutinadas em torno das questões que discute “a posse, a propriedade, o uso e a utilização das terras na sociedade brasileira” (p.18).

Damasceno (2006) sintetiza os dois paradigmas vigentes no campo brasileiro na atualidade:

Na sociedade brasileira atual, coabitam dois projetos principais: I) o que usa a estratégia do agronegócio, que, por se basear no uso da alta tecnologia, na alta especialização produtiva do setor primário, só pode empregar pequena parcela desse imenso excedente de força de trabalho, sua absorção e inclusão ficam por conta dos outros setores da economia. Os defensores desse projeto de agronegócios estimam que cerca de 15% da população brasileira deverão sair do campo nas próximas décadas. Isto significa que a competitividade do agronegócio não comporta a absorção de 18 milhões de camponeses que necessitam de ocupação nas atividades de seu segmento primário (...) II) o outro projeto é da agricultura familiar, que busca maximizar as oportunidades de desenvolvimento humano no maior número possível de suas microrregiões rurais. Por isso em vez da especialização devoradora de postos de trabalho, procura “diversificar economias locais”, a começar pela própria agropecuária. Procura aquele tipo de dinâmica que resulta da diversidade multissetorial (p.131-132).

A concentração de terras no Brasil perpetua os problemas no campo e desencadeia um conjunto de fatores de exclusão, migração campo-cidade e no campo repercute nos conflitos de terras que vitimam milhares de trabalhadores. Andrade (1993) esclarece que

É que com a intensificação da penetração do capitalismo no campo e com o desenvolvimento da tecnologia agrícola e industrial, os proprietários passaram a dispensar os seus moradores e a explorar diretamente suas terras. O processo de expulsão é muitas vezes feito de forma violenta, com a tomada das terras e destruição das lavouras, com espancamentos e ameaças à vida dos trabalhadores e seus familiares. (p.50)

O capital moderniza-se e provoca o duplo movimento de exclusão, a tecnificação no campo que expulsa trabalhadores/as para os grandes centros urbanos em busca de trabalho e conseqüentemente o inchaço nas cidades que também não conseguem absorver e organizar o contingente populacional, acumulando dados alarmantes de desemprego estrutural e problemas de diferentes ordens. É uma “nova leva de migrantes, procissão dos retirantes, só há terra em cada olhar, brasileiros feito nós, vão gritando, mas sem voz, norte e sul não tem lugar”.

Fernandes (1999) retrata o caráter concentrador da terra e o aumento do número de latifúndios no Brasil no período da ditadura militar destacando numa tabela os vinte e sete “superlatifúndios que ocupam uma área maior que o Estado de São Paulo” (p. 41-42). Na tabela destaca-se em quinto lugar a Companhia de Desenvolvimento do Piauí que possuía, à época, 1.076.752 mil hectares de terras nos municípios piauienses de Castelo do Piauí, São

Miguel do Tapuio, Pimenteiras, Manoel Emídio, Nazaré do Piauí, São Francisco do Piauí, Oeiras, Canto do Buriti, Floriano, Ribeiro Gonçalves e Uruçuí.⁵

Pelo exposto, é possível dimensionar que o Piauí está entre os Estados brasileiros que concentram terras. As “grandes propriedades” classificadas pelo Incra representam 2,29% dos imóveis e ocupam uma área equivalente a 53,01% do total de área em hectare do Estado. Ao todo são 2.814 imóveis cadastrados pelo Instituto, sendo que somente 237 são considerados produtivos, ou seja, 2.577 não atingem os índices de produtividade. Os imóveis classificados como Minifúndios representam 67,11% dos estabelecimentos rurais, no entanto, ocupam apenas 9,77% do total da área em hectares. A Comissão Pastoral da Terra (CPT) considera que 62,4% da área do total dos imóveis rurais no país é improdutiva. No Piauí, esse percentual chega a 49,54%, de acordo com os dados do Incra, relativos ao mês de maio de 2007.

No que tange a realidade agrária piauiense apresentada, os dados evidenciam mudanças não muito significativas para alteração da estrutura agrária piauiense, acarretando portanto, a continuidade da concentração de terras e poder num grupo reduzido de latifundiários. De acordo com dados do Censo agropecuário⁶ de 1996 as propriedades com mais de 100 ha ocupam mais de 80% dos estabelecimentos rurais enquanto os estabelecimentos minifundistas (menos de 10 ha) ocupam 1, 15% da área produtiva.

Primeiro Estado brasileiro a travar luta pela independência do Brasil, o Piauí, como anuncia nosso hino “(...) Sob o céu de imortal claridade, nosso sangue vertemos por ti; vendo a pátria pedir liberdade, o primeiro que luta é o Piauí”, é, também, produtor de números desconcertantes de desigualdade social⁷, expressas nos índices de analfabetismo (23 % analfabetos) de não acesso à terra e à vida digna. Machado (s/d p.7) observa que a origem dos conflitos agrários origina-se no século XVII entre indígenas e sesmeiros e ressalta que “no Piauí ocorreu o mais cruento extermínio de nações indígenas da América do Sul”(s/d, p.9).

160

⁵ De acordo com Fernandes (1999, p. 42), os dados apresentados na tabela foram coletados e tabulados a partir de informações fornecidas pelo Incra e foram publicados no livro: Alguns pontos de discussão sobre a questão da reforma agrária: o caso do Brasil, José Gomes da Silva.

⁶ Segundo o IBGE estão em análise os dados do Censo agropecuário 2006 que só serão disponibilizados no primeiro trimestre de 2009.

⁷ Fonte: Atlas da Exclusão Social do Piauí. Fundação CEPRO 2003. Convém explicar que alguns desses índices, certamente nesses 4 anos, já foram alterados, mas, não estruturalmente de forma a produzir um índice muito diferente.

Outro conflito comum no Estado envolve posseiros e supostos proprietários de terras. Paulo Machado, historiador e poeta piauiense, denuncia no poema “Canção de amor e morte⁸”, transcrito abaixo, um exemplo de disputa pela terra no Estado.

Antônia Flor – flor de gameleira- toda manhã lavrava a terra com a sabença de quem conhece o sabor agridoce dos araçás Antônia Flor – flor de gameleira na cinzenta da tarde guardava no aprisco cabritos e borregos na fúria profana dos carcarás Antônia Flor – flor de gameleira- aos oitenta anos tinha os olhos acesos a alumiar, como os olhos de maracajás Antônia Flor – flor de gameleira- fez do amor à terra sua peleja, sua crença, sua razão de bem viver. Antônia Flor – flor de gameleira- teve o corpo crivado de balas – a sombra de uma velha ingazeira, carpideiras puxaram excelências e tiranas, com a notícia da morte a correr nos estirões das veredas (Machado⁹).

Atualmente os conflitos agrários estão disseminados em todo o território piauiense e que de acordo com Machado (s/d, p.9)

é decorrente do confronto de interesses entre trabalhadores rurais sem terra e latifundiários ou grupos empresariais. Essas pessoas físicas ou jurídicas apresentam-se como proprietárias de imóveis rurais de origens legítimas, mas que, em verdade, na maioria das vezes, foram adquiridos através de mecanismos escusos, a partir de apropriações de extensas áreas de terras públicas devolutas (...) incorporados aos seus patrimônios privados por meio de fraudes e falsificações principalmente quando esses conflitos agrários ocorrem nos municípios das regiões sul, sudeste e sudoeste do Estado.

O Piauí é um Estado com características predominantemente rurais. A maioria da população vive da agricultura de subsistência. Em dados, é possível constatar o número expressivo de pessoas vivendo no e do campo piauiense, são 38% da população, correspondendo a 1.148.993 pessoas. Estes números colocam o Estado na segunda posição no Brasil em população rural, sendo o primeiro lugar ocupado pelo Maranhão.

Os critérios para a definição de urbano e rural no Brasil são polêmicos¹⁰, sendo caracterizados de forma diferenciada por institutos de pesquisa e estudiosos. Assim é possível afirmar, a partir da composição dos 223 municípios piauienses, dos quais 201 possuem uma

⁸ Antônia Flor, trabalhadora rural octogenária, residente no lugarejo Gameleira, no município de Piripiri/PI, era posseira há 50 anos na gleba de terra onde trabalhava, resistiu corajosamente às muitas tentativas de despejo e foi assassinada por jagunços em sua residência, em 1º de dezembro de 1984.

⁹ Paulo Machado, poeta e historiador piauiense, denuncia neste poema ação violenta contrária à resistência na luta pela terra no Piauí, ambas (a violência e resistência) comuns na história brasileira.

¹⁰ Fernandes observa que os critérios utilizados na definição de urbano e rural no Brasil são determinados pelo IBGE que se utilizam de elementos frágeis para a classificação. Associada a esta questão encontra-se na literatura autores que advogam o fim do rural, com uma posição de que a cidade é o lugar que num futuro próximo abrigará toda a população. Contrário a essa perspectiva diversos autores (FERNANDES, 2000, SACHS, 2002, ABRAMOVAY, 2002) afirmam que “o mito do inevitável esvaziamento do campo está sendo desmontado. Trabalhos recentes de qualidade denunciaram a falácia das estatísticas de urbanização, baseadas em critérios contestáveis e obsoletos. O Brasil rural e periurbano é bem maior do que se pensava. São mais 70 milhões de pessoas.”(SACHS apud TEOFILIO 2002 p.14)

população de até 20.000 habitantes (sendo 90 com até 5.000, 78 com até 10.000 e 33 municípios com até 20.000¹¹) e observando ainda que não há indústria nestes municípios, o Piauí é mais rural do que indicam os números, sendo que muitas dessas pessoas vivem da agricultura, moram na cidade mas produzem no campo, ou seja, “muitas das cidades e vilas nordestinas [em particular as piauienses] são verdadeiros aglomerados rurais” (ANDRADE, 1993, p.25)

Entretanto, mesmo sendo um Estado com características rurais e com vocação para a agricultura não há incentivos governamentais na ordem das necessidades e do potencial apresentados. Soma-se a isso a grande concentração de terras que estão ociosas. De outro lado, o inchaço de alguns centros urbanos, como é o caso de Teresina, capital do estado em que, segundo dados do IBGE, possuem um quarto da população, seguida de Parnaíba, Floriano e Picos que juntas totalizam mais de 40% da população.

Com o advento da globalização, “a terceira etapa do desenvolvimento do capitalismo que segue ao colonialismo e ao imperialismo”, (Andrade 1998) foi intensificada a partir de 1989 com a queda do muro de Berlim e a dissolução da União Soviética, provocando alterações em escalas globais no modo de operar dos países ricos, desencadeando conseqüências em escala global, influenciando, desse modo, todos os países. Este mesmo autor observa que com a globalização

[...] os grandes grupos econômicos dos países ricos puderam planejar a exploração dos recursos do mundo, em escala planetária, e impor uma unidade que abrange toda a superfície do planeta; as fronteiras entre os estados nacionais foram esvaziadas, o poder nacional se deteriorou, e os espaços, nos vários continentes, passaram a ser explorados em função de capitais financeiros de grande e rápida mobilidade. (1998, p. 236)

O século XX, especialmente a segunda metade, foi marcada por transformações na forma de organizar a vida e o trabalho das populações rurais. A penetração do capitalismo nas relações produtivas do campo, alterando e submetendo toda a produção ao capital, mantendo as antigas estruturas fundiárias.

Assim, a pequena produção perde importância como fornecedora de gêneros alimentícios a preços baixos e ganha destaque como reservatório de braços para as atividades capitalistas. A expansão da grande empresa capitalista na agropecuária brasileira destrói milhares de pequenas unidades de produção, agrava os conflitos entre grileiros e posseiros, enfim, concentra ainda mais a propriedade da terra.

Em razão disso, o meio rural passa a ser lugar de constantes acontecimentos, especialmente no momento em que a reorganização produtiva ocupa os espaços do campo, reorientando sua função. Neste contexto também se modifica a natureza dos conflitos lá existentes; a relação não ocorre mais somente entre trabalhadores rurais e latifundiários. Na medida em que o meio rural se torna lugar do negócio, ou do agronegócio, surgem lá novas categorias de sujeitos, os sujeitos produtivos, que atuam exercendo poder e estabelecendo um contexto em que se configura nova correlação de forças.

O campo reconfigurado pela ação do capital “com a expansão do capitalismo e, conseqüentemente, com a sujeição da renda da terra ao capital, a luta pela terra é, antes de mais nada, uma luta contra a essência do capital: a expropriação e a exploração.”(FERNANDES, 1999, p. 53)

No âmbito da produção se colocam agentes produtivos clássicos e agentes de uma produção reconhecida como alternativa, do ponto de vista da novidade, que inclui no contexto da produção material também a produção da vida e do lugar. Neste campo é que se situa a ação dos movimentos sociais.

Na contramão do processo já consolidado de capitalização das relações de produção no campo, que se fez concentrando ainda mais a propriedade, movimentos sociais levantam a bandeira da reforma agrária, propõem a redistribuição de terras e de riquezas, ocupam áreas consideradas improdutivas, exigem trabalho e escola para seus filhos/as.

Nesse contexto, frente aos problemas no campo brasileiro expressos nas últimas décadas, movimentos sociais organizados em sindicatos e associações tem se voltado contra as ações de continuidade do latifúndio no país, nesse processo o MST tem se destacado como um expoente na luta pela Reforma Agrária no Brasil.

1.2 Ações de rupturas: o Movimento dos Sem Terra entra em cena¹²

A luta pela terra perpassa os séculos da história brasileira, se configurando de formas diferentes, atrelada a cada momento histórico. No Brasil adquiriu contornos e especificidades dos grupos reivindicatórios em contraposição aos latifundiários. Canudos no século XIX, Contestado e as ligas Camponesas no século XX, as lutas indígenas e dos quilombolas são marcos históricos da insurgência de trabalhadoras e trabalhadores. Contemporaneamente têm

¹² Neste trabalho ao me referir ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra utilizo como sinônimos os termos, MST, Movimento Sem Terra e Movimento com a inicial maiúscula.

destaque as lutas desencadeadas pelo Movimento Sem Terra que conforme Bezerra Neto (1999)

Dentre todos os movimentos de luta pela terra, o que mais influenciou os fundadores do MST foi o das ligas camponesas que nas décadas de 1950 e 1960 desenvolveram importante papel na luta contra o latifúndio no interior do Nordeste, sobretudo na região do semi-árido de Pernambuco e da Paraíba.(p.10)

O MST aparece na cena pública no final da década de 70 organizando trabalhadores rurais sem terra, posseiros, meeiros, para participarem de ocupações e conseqüente formação de assentamentos, tendo em vista a realização da reforma agrária. Nesse intento faz o inverso do que até então era propagado como possibilidades de vida melhor que era a migração para as cidades. Oposto a essa perspectiva, as investidas do MST centra o foco no retorno para o campo com condições dignas de permanência e de produção da vida.

Galeano (1999) assim se posiciona sobre este movimento no poema “Os sem- terra¹³”:

Sebastião Salgado os fotografou, Chico Buarque os cantou, José Saramago os escreveu: cinco milhões de famílias camponesas sem-terra deambulam, “vagando entre o sonho e o desespero”, pelas despovoadas imensidões do Brasil. Muitos deles se organizaram no Movimento dos Sem-Terra. Desde os acampamentos improvisados às margens das rodovias, jorra um rio de gente que avança em silêncio, durante a noite, para ocupar os latifúndios vazios. Rebentam o cadeado, abrem a porteira e entram. As vezes são recebidos a bala por pistoleiros e soldados, os únicos que trabalham nessas terras não trabalhadas. O Movimento dos Sem-terra é culpado: além de não respeitar o direito de propriedade dos parasitas, chega ao cúmulo de desrespeitar o dever nacional: os sem terra cultivam alimentos nas terras que conquistam, embora o Banco Mundial determine que países do sul não produzam sua própria comida e sejam submissos mendigos do mercado internacional (p.330).

Como explicita o texto de Galeano (1999), pequena parte desse contingente de trabalhadores/as que migraram do campo para as cidades e outros tantos que não conseguem viver dignamente integram o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra que têm um projeto de construção da mulher e do homem novo, como se expressa Bezerra Neto (1999)

¹³ Importa diferenciar de sem-terra (com hífen) que se refere a pessoas que não tem terra e Sem Terra que exprime, de acordo com Caldart, uma identidade coletiva construída por um grupo de trabalhadores e trabalhadoras, “um sujeito constituído pelas lutas do MST”1

Para o MST, é essa massa de trabalhadores submetidos à condição de lumpem que pode romper com o sistema capitalista e ir construindo as bases da sociedade socialista, almejada por grande parte dos proletários e trabalhadores rurais do país, razão pela qual se constituem nos grupos privilegiados que formam suas fileiras.(p.22)

A origem do MST está vinculada as lutas pela terra ocorridas no final da década de 70, especialmente na região centro sul do país, se desencadeando posteriormente em todo o Brasil. Em 1984 o MST realizou seu primeiro Encontro Nacional no Paraná, estando atualmente organizado em 22 Estados, tendo como objetivos “lutar pela terra, pela Reforma Agrária e pela construção de uma sociedade justa, sem explorados nem exploradores” (CALDART, 2004, p. 37)

Apontado como movimento revolucionário por uns e desordeiro por outros, o MST é na atualidade, “o maior movimento social popular organizado no Brasil e possivelmente, maior da América Latina” (GOHN 2000, p.105) que alcançou visibilidade no cenário nacional e internacional (BEZERRA NETO, 1999). Organizado em 24 Estados brasileiros¹⁴ e com um histórico de muitas ações (ocupações de terras, de prédios públicos, marchas, congressos, dentre outras) e questionamentos, com processos na justiça pedindo sua extinção¹⁵, o Movimento Sem Terra completa, em 2009, 25 anos dividindo opiniões, entre admiradores/as e críticos. Estes últimos que ensejam sua dissolução por considerá-lo “perigoso a sociedade democrática”.

Caldart (2004) destaca que o MST foi formado aglutinando elementos da tradição religiosa católica e luterana e a herança de lutas do campesinato brasileiro, tendo como base o referencial marxista. O apoio da Comissão Pastoral da Terra – CPT e de outras entidades sindicais foram fundamentais na estruturação do MST em todo o Brasil.

De acordo com Fernandes (1999 p. 82) o MST está organizado em: Coordenação Nacional – Direção Nacional – Coordenação Estadual – Direção Estadual – Coordenações Regionais – Coordenação dos Assentamentos e Acampamentos. A Coordenação Nacional é formada por aproximadamente noventa pessoas. São dois membros por estado, eleitos nos encontros estaduais; um representante eleito pela central de cooperativas estaduais; dois membros eleitos por setores nacionais e vinte e um membros da Direção Nacional que são eleitos no Encontro Nacional.

A organização do MST em nível nacional se estende a todos os estados da federação nos quais estão organizados. Ligados à direção nacional estão os setores que foram criados

160

¹⁴ Fonte: Agenda do MST 2007.

¹⁵ Essa investida tem ocorrido no Rio Grande do Sul, conforme tem noticiado imprensa televisiva e escrita.

para atender às diferentes demandas da organização interna do Movimento. Os setores são: Produção, Formação, Educação, Finanças, Comunicação, Frente de Massa, Relações Internacionais, de Gênero, dentre outros. Por fim, acontece também em Coletivos como: Juventude e Relações Internacionais, presentes em todas as esferas de organização do MST.

O MST é fruto da necessidade de homens e mulheres que questionaram e questionam o modelo capitalista de desenvolvimento, que não comporta todas as pessoas com possibilidades reais de viverem dignamente porque se sustenta na exploração. As ocupações de terra são a materialidade do rompimento com o sistema que defende a propriedade privada como expressão máxima. (CALDART 2004, FERNANDES, 1999).

Alguns números expressam a organização do Movimento Sem Terra. Atualmente existem aproximadamente 350 mil famílias assentadas e 150 mil famílias acampadas, vivendo em barracos de lona preta e de palha, como é o caso do Piauí, em todo Brasil, vinculadas ao Movimento.

O MST (re)coloca em cena o debate sobre a reforma agrária e sobre a propriedade privada, constituindo-se em confronto com a ordem instituída, denuncia a pobreza e a indigência no meio rural. Expõe ao mundo uma desumana situação em que as pessoas, “os/as desgarrados da terra”¹⁶, são colocadas à margem dos processos produtivos no campo e não encontram lugar na cidade.

A natureza e o avanço do MST também acompanham o avanço científico e tecnológico com incentivos a criação de agroindústrias para fomentar a geração de emprego e renda e a valorização dos produtos no uso de tecnologias apropriadas para tal intento. Outra reivindicação que vem se transformando em conquista ocorre no aspecto educacional que “tem obtido resultados surpreendentes” (GOHN 2002, p.106).

Para conseguir as condições de produção o Movimento tem colocado em seus documentos e publicações diversas, o desafio de garantir acesso educacional a sua base, para inclusive qualificar tecnicamente os trabalhadores e trabalhadoras do campo na utilização de tecnologias que propiciem o desenvolvimento dos assentamentos.

Em seguida, há uma breve discussão sobre a educação ensejada e em curso no MST, observando que essa educação tem como um dos sujeitos principais os/as jovens do campo, como discutiremos a seguir.

¹⁶ Trecho da música de Chico Buarque, *Levantados do Chão*, gravada em 1997 para o CD *Terra* que acompanhou a exposição de fotos de Sebastião Salgado sobre os sem-terra brasileiros.

1.2.1 A ação contra as cercas da terra e da educação

Um novo tempo chegou é hora de semear, unindo campo e cidade no direito de estudar. Brasil de várias caras abre seus olhos pra ver que em meio a tantas terras, teu povo vive a sofrer. Passando fome e frio, sem saúde e educação, Direitos negados a nós, reforma no livro e no chão.¹⁷

A luta do MST objetiva a alteração da ordem social que os exclui e os coloca a margem da sociedade, extrapola, portanto, as questões agrárias e a luta pelos direitos básicos,. O MST incomoda porque dentre outros motivos expõe as desigualdades, denuncia privilégios e se coloca na condição de decidir o próprio destino. Mulheres e homens excluídos que insurgem contra a ordem estabelecida, querem discutir modelo de sociedade, questionando o processo de exclusão, fruto do capitalismo que se reconfigura no neoliberalismo com ações também voltadas para o campo. (FERNANDES, 1999, CALDART, 2004)

Segundo Gohn (2000, p.105) o Movimento “busca construir uma identidade cultural nova aos sem-terra, baseada no modelo cooperativo/coletivo” no qual apresenta uma pedagogia em que as escolas com suas práticas educativas criam processos de educação não-formal que se diferenciam por exatamente demonstrar uma forte resistência aos modelos hegemônicos baseados no capitalismo.

Ao final dos anos 80 e ao longo dos anos 90, surgiram também novidades (...) destacando-se as escolas nos assentamentos rurais, em especial junto ao já citado MST. Tanto as escolas organizadas pelo próprio MST, como as escolas públicas instaladas em alguns de seus assentamentos, trarão novidades do ponto de vista da metodologia, pedagogia utilizada, conteúdos, organização, resultados. A experiência educacional dos sem-terra chegou a ganhar um prêmio do UNICEF, assim como um grande acervo de conhecimento já foi acumulado, registrado via a produção do próprio movimento (cartilhas, textos e material de apoio pedagógico), como em dissertações, teses, artigos e livros. (GOHN, 2001, p.96).

Assim, a luta pela Reforma Agrária traz em seu bojo a reivindicação da garantia das condições adequadas à realidade do povo do campo, mesmo a terra sendo a principal bandeira de luta para o MST outras bandeiras são igualmente importantes como o respeito a cultura, ao modo próprio de ser e viver da mulher e do homem do campo. No contexto dessas reivindicações está o acesso à educação escolar como explicita Stédile (2003)

(...) é necessário democratizar a propriedade da terra desapropriando todas as grandes propriedades improdutivas, como, aliás, já determina nossa constituição. (...) Em segundo lugar, combinar a instalação dos assentamentos com a implantação de agroindústrias cooperativadas, para que os alimentos sejam industrializados no interior e os camponeses tenham outros tipos de emprego, para a juventude e as mulheres, e assim também possam melhorar a renda. (...) Em terceiro democratizar a escola no meio rural, garantindo a toda população do meio rural acesso ao ensino gratuito e em todos os níveis. A educação é tão importante, no mundo moderno quanto o acesso à terra.(p.75)

Quando o MST destaca a democratização da terra, a produção e a educação como os três eixos de suas ações revela “o caráter de projeto imbuído nas lutas” (Caldart, 2000 p.28), considerando que estes aspectos são fundamentais na alteração do quadro social, ou seja, ter onde morar, produzir alimentos gerando trabalho e emprego com a criação de agroindústrias e investir em educação são aspectos fundamentais para mudanças significativas na sociedade brasileira. Scherer-Warren(1993) caracteriza as lutas empreendidas pelos movimentos sociais como propulsoras de um projeto de sociedade diferente da que está em curso fazendo alusão a uma cidadania “integral” forjada nos processos educativos que a luta social propicia.

(...) o que há de novo nos Movimentos Sociais no Campo é a centralidade da luta por cidadania integral. Isto se expressa através da utopia de construção de uma nova sociedade: mais justa do ponto de vista social, na qual o direito à terra para quem nela trabalha e vive, entre outros (cidadania social), seja respeitado; mais participativa e democrática, na qual os trabalhadores tenham suas organizações e formas de representação reconhecidas e consideradas (cidadania política); e na qual haja respeito à diversidade cultural (modo de vida camponês) ou de gênero (mulher camponesa). (SCHERER-WARREN, 1993, p. 72)

A utopia¹⁸ que os une na construção de outras possibilidades de vida almejando processos emancipatórios individuais e coletivos vem forjando lutas contra as diferentes formas de exclusão a que são submetidos milhões de brasileiros e brasileiras, especialmente os/as que vivem no meio rural. A força política que detêm é resultado da organização estratégica em nível nacional (e internacional¹⁹) e da organicidade²⁰ em cada assentamento,

160

¹⁸ Utopia que na concepção de Paulo Freire não significa o irrealizável; “a utopia não é o idealismo, é a dialetização dos atos de denunciar e anunciar, o ato de denunciar a estrutura desumanizante e de anunciar a estrutura humanizante.”(1992, p. 27)

¹⁹ O MST compõe a Via Campesina movimento internacional organizado em 8 regiões: Europa do Leste, Europa do Oeste, Nordeste e Sudeste da Ásia, Sul da Ásia, América do Norte, Caribe, América Central e América do Sul. Composto por camponeses/as, agricultores/as, trabalhadores agrícolas, mulheres rurais e comunidades indígenas da Ásia, África, América e Europa. Originou-se em abril de 1992. Posiciona-se contra os efeitos da globalização e das políticas neoliberais no campo, em especial no que se refere ao empobrecimento, à destruição das culturas locais, do meio ambiente e à provocação de desenraizamento dos trabalhadores do campo e migrações. (MEDEIROS, 2003).

²⁰ A organicidade é a estrutura organizativa do MST já mencionada anteriormente.

acampamento e atividades que realizam em marchas, encontros, ocupações, ou outros. Nesta perspectiva Freire (2000) observa que:

Se os sem-terra tivessem acreditado na “morte da história”, da utopia, do sonho, no desaparecimento das classes sociais, na ineficácia dos testemunhos de amor à liberdade; se tivessem acreditado que a crítica ao fatalismo neoliberal é a expressão do “neobobismo” que nada constrói; se tivessem acreditado na despolitização da política, embutida em discursos que falam de que o que vale hoje é “pouca conversa, menos política e só resultados”, se, acreditando nos discursos oficiais, tivessem desistido das ocupações e voltado não para suas casas mas para a negação de si mesmos, mais uma vez a reforma agrária seria arquivada.(p. 60-61)

Trevizan e Alger (2000) em pesquisa realizada em assentamento rurais do sul da Bahia mostram as diferenças, especialmente na qualidade de vida, entre assentamentos acompanhados pelo MST e os que se declaram independentes de uma organização social. Nas análises de oito assentamentos, sendo quatro organizados pelo MST e quatro independentes, os pesquisadores constataram que

[...] contrariamente à imagem de organização desenhada com o propósito de desestabilizar a ordem social, como a ideologia dominante procura retratar o MST, esse movimento social desempenha, na verdade, relevante papel social de assistência a categorias sociais postas à margem do alcance dos serviços que a sociedade oferece. Preenche desta forma, uma lacuna que o Estado não consegue (ou não interessa) atender.(p.220)

Gohn (2000) analisa que o MST introduziu uma nova agenda à pauta clássica dos trabalhadores rurais que se definia como de acesso à terra para moradia e produção incorporando três novas reivindicações: acesso ao crédito, apoio técnico aos assentamentos e organização do trabalho em cooperativas de produção. Estas três demandas apresentadas pelo Movimento são atuais, pois “buscam saídas para o emprego no meio rural, na produção de gêneros de primeira necessidade que podem minorar o problema da fome no país, com baixo custo econômico e perspectiva de melhoria na produtividade” (p.115).

A análise do conjunto do pessoal empregado no campo brasileiro mostra que as pequenas unidades são aquelas que mais empregam e destinam parte expressiva de suas rendas para esta finalidade. Do total do pessoal empregado nos estabelecimentos (17,9 milhões de trabalhadores), as pequenas unidades empregam 87,3%, as médias 10,2% e os latifúndios apenas 2,5% (BRASIL DE FATO, n. 23, 2003, p. 14).

Teófilo (2002) destaca que a criação do assentamento possibilita acesso a bens e serviços antes não acessíveis pela população, proporcionando reais condições de mudança de vida, especialmente no acesso a educação.

Em 86% dos projetos de assentamento há uma escola, a maioria delas (75%) criada depois do assentamento e a partir de reivindicações dos assentados. Mais de 90% das crianças de 7 a 14 anos estudam; 63% dos jovens de 15 a 19 anos estudam; e 19% dos jovens de 20 a 29 anos estudam. Esses dados devem ser comparados com outro, que reflete a situação anterior ao assentamento: 32% das pessoas de mais de 30 anos nunca frequentaram a escola.

Por outro lado, em 64% dos assentamentos há também projetos de educação de jovens e adultos em andamento,(...) mais de 20% dos assentados fizeram algum curso de formação técnica após o assentamento (menos de 4% fizeram antes)(p.24-25)

As discussões sobre a educação no meio rural não tem sido alvo nos estudos acadêmicos, salvo pesquisadoras/es que, na contramão dos incentivos às pesquisas, insistem em mostrar a realidade educacional no campo e as sub-condições de acesso e permanência de crianças jovens e adultos à escola precária existente. Há inclusive quem afirme que os problemas no meio rural estão, em grande parte, resolvidos pela ação do capitalismo na modernização da agricultura. Não se enfatiza, entretanto, o preço de tal modernização com a crescente substituição da agricultura familiar pela nova monocultura, investida pelo agronegócio, e conseqüentemente a devastação do meio ambiente e miséria da população rural.

Paralelo à investida do agronegócio, com tecnologia avançada e produção em larga escala para o mercado externo, milhares de trabalhadores/as vivendo em condições precárias, com o uso da enxada e do arado em pequenas propriedades, sem energia elétrica, acesso a serviços de saúde, estradas e escolas que, quando existem, com docentes sem a necessária qualificação em instalações precárias.

Furtado (2002) destaca a importância do investimento em educação para o desenvolvimento social:

A educação interfere no tempo e melhorando-se a qualidade do fator humano modifica-se por completo o quadro do país, abrem-se possibilidades de desenvolvimento muito maiores. Não há país que tenha conseguido se desenvolver sem investir consideravelmente na formação de gente. Este é o mais importante investimento a fazer, para que haja, não só crescimento, mas autêntico desenvolvimento. (p.19)

A educação no MST nasce colada a luta por terra como uma das reivindicações das famílias que reconhecem a importância da educação escolar para seus filhos (CALDART

1997). Este aspecto da educação como uma necessidade surgida das famílias impôs ao Movimento a necessidade de pautar em suas reivindicações a escola.

O motor do surgimento da questão da educação neste contexto foi, de um lado, a necessidade (as crianças são uma presença que não é possível ignorar) e por outro uma certa intuição sobre ser a escola um direito de todos, ambas motivadas por uma das características da luta pela terra que persiste até hoje, que é a de ser feita pelas famílias, o que acaba gerando mais rapidamente outras demandas e a consciência de direitos que não apenas a conquista da terra propriamente dita. (p. 30).

É possível depreender, que a ação pedagógica do MST está estritamente vinculada na coletividade e possui como referenciais as lutas sociais por direito a terra, ao trabalho, à alimentação, ao bem-estar, à justiça social e a igualdade de direitos sociais que tem de ser conquistados. Em síntese, nas palavras atribuídas a João Pedro Stédile, são três as cercas a serem derrubadas: a do latifúndio, a do capital e a da ignorância.

Entretanto, Caldart (2004) esclarece que a educação de que precisa o MST não ocorre apenas na escola, ela é um processo amplo que acompanha, ou está estritamente vinculada às dinâmicas da luta social.

Mas a luta pela escolarização dos sem terra é fundamental: além de se tratar de um direito de cidadania, representa a possibilidade do acesso a certos tipos de saberes que fazem efetiva diferença na formação/educação unilateral de sujeitos da transformação social e da conquista da dignidade humana (p.39).

Damasceno (2006) analisando a produção teórica advinda do interior dos movimentos sociais reitera que

Os movimentos sociais do campo, especialmente o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) constituem espaço privilegiado de resistência, de luta e de organização de um saber que traduz a realidade de seus atores. Assim o ato de pensar a Educação deve necessariamente ser mediado pelos interesses do grupo a quem esta se destina, especialmente por aqueles expressos pelo movimento social. (p.123)

Gohn (2002) credita as conquistas no âmbito educacional do MST, desde a sua gênese, a dois fatores, à conjuntura política especialmente da década de 90 em que “há um vácuo no setor de formação técnica, principalmente para atuar no campo e a outra parte deve ser atribuída à própria capacidade organizativa do MST”. Com destaque para os princípios definidos pelo MST no que se refere ao aspecto educativo, a saber:

- 1 – a educação não acontece só na escola, mas é um processo mais amplo, onde a luta pela escolarização é fundamental;
- 2 – o eixo central da luta pela escola é dado pela demanda de uma escola pública com qualidade;
- 3 – a escola demandada deve ter uma identidade com o meio rural, seu curriculum deve refletir essa identidade assim como a criação de um ambiente educativo adequado no espaço onde se desenvolvem suas atividades;
- 4 – o processo educativo é um ato coletivo e todos os esforços devem ser feitos no sentido de se investir na formação dos educadores, o educador propriamente dito. (p. 110-111)

As conquistas provenientes do enfrentamento feito pelos trabalhadores/as Sem Terra na luta para derrubar as cercas da educação podem ser expressas em alguns números que retratam a pertinência da luta empreendida há quase 25 anos. São mais de 2000 escolas públicas em assentamentos em todo país, mais de 200 mil crianças e adolescentes Sem Terra estudando e um currículo especial para a educação de jovens e adultos.²¹ Além disso, há cursos em nível superior realizados em parcerias com Universidades públicas brasileiras em todo o país com turmas específicas para jovens e adultos dos assentamentos do MST em diversas áreas do conhecimento. Estas conquistas, especialmente no âmbito da formação técnico profissional foram e estão sendo possível devido a criação no Ministério do Desenvolvimento Agrário do Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária – PRONERA que se configura também em uma conquista dos movimentos sociais do campo.

Ressalta-se ainda a parceria do MST com Cuba para a formação de jovens de sua base, portanto, filhos de assentados que estudam medicina naquele país. A partir do PRONERA, além dos cursos de graduação em pedagogia, letras, agronomia, direito, história, filosofia, geografia, dentre outros, o MST já conseguiu também turmas de especialização em diversas áreas, dentre elas, em Educação do Campo e Educação de Jovens e Adultos. Outra conquista a Escola Nacional Florestan Fernandes, construída pelo MST em São Paulo, criada para oferecer cursos nas diferentes áreas do conhecimento.

É oportuno também destacar que os cursos em parcerias com o MST tem sido uma estratégia utilizada para o trabalho com os/as jovens dos assentamentos e acampamentos, uma vez que congrega formação técnica com formação política.

Nesta perspectiva, o MST vem trabalhando também na formação dos/as jovens que vivem nos assentamentos e acampamentos por ele acompanhados, canalizando especialmente para o desenvolvimento do potencial político construído sobre as juventudes. Essa “atenção”

160

²¹ Fonte: Agenda MST 2008.

aos jovens, como parcela específica só começa a partir de 1998, na elaboração de um documento que traça em linhas gerais as principais diretrizes a serem seguidas de trabalho com os/as jovens. Sobre essa proposta Sales (2006) observa que

A proposta de Organização da Juventude do MST apresenta a concepção de juventude trabalhada pelo MST, onde foi possível identificar que o movimento idealiza a juventude rural como vanguarda, portadora de rebeldia, espírito de coragem e luta, sensibilidade frente a injustiça e desejo de liberdade.(p.125)

Sales (2006) assevera que as ações do MST para com as juventudes dos assentamentos e acampamentos estão associadas ao desenvolvimento de um “potencial revolucionário, à capacidade desta juventude de operar rupturas e confrontações” (p.127)

Nesse processo, o MST, nas suas reuniões nacionais, discute formas de envolver ainda mais a juventude na construção do movimento e de um projeto diferente de sociedade. Para isso, organiza mutirões, campanhas de formação, inserção dos jovens nos setores e nas instâncias de decisão, dentre outras. Sobre essa questão Gohn (2000, p. 118)

Visando superar essa dificuldade, o MST deflagrou a partir de 1999 uma série de ações objetivando sensibilizar / conquistar os jovens para permanecerem e atuarem juntos ao movimento. (...) As iniciativas mais ousadas foram dois cursos de capacitação destinados a jovens do MST, realizados em parcerias com a UNICAMP, em julho de 1999 e fevereiro de 2000. (p.118)

Somente em meados de 2006 foi criado na estrutura organizativa do MST o Coletivo de Juventude, tendo como um dos principais desafios a formação política juvenil, agora também aglutinando forças com organizações juvenis da cidade. “O coletivo nacional da juventude é um espaço de interação, discussão política e de planejamento das atividades que envolvem a juventude do campo e da cidade e suas organizações”. (STÉDILE, 2009, p.18)

As ações desenvolvidas por este coletivo visam, principalmente, a formação política dos/as jovens que para tal objetivo vem realizando diversas atividades com destaque para “Programas de formação da juventude em sete estados com cerca de 700 jovens (...), Seminários Nacionais do Coletivo que envolveram 300 jovens (...) Cursos de agitação e propaganda (...) e Encontro Nacional da Juventude do Campo e da Cidade com a participação de 2.500 jovens em 2008.”(STÉDILE, 2009, p. 18)

Estas conquistas em diversas frentes, e nesse caso, na educação e formação política da juventude do MST, são irradiadas para os estados onde o MST está organizado, a exemplo do Piauí que discutiremos em seguida.

1.2.2 O Movimento Sem Terra no Piauí: Origem e conquistas educacionais

A organização do MST no Piauí não difere das empreitadas desencadeadas em âmbito nacional. Ocorreu no final da década de 80 a partir da aglutinação de setores progressistas da igreja católica, com destaque para as Comunidades Eclesiais de Bases (CEBs), para a Comissão Pastoral da Terra (CPT), sindicatos de trabalhadores rurais da região de Picos e a Central Única dos Trabalhadores. A presença da CPT, como em todo Brasil, foi determinante na formação do MST no Piauí.

Há na sede do MST em Teresina registros dos encontros realizados com o propósito de organizar os/as trabalhadores/as para o que se desencadearia em período seguinte, a ocupação da primeira fazenda no município de São João do Piauí.

Outro documento que comprova a articulação, em 1988, de sindicatos, setores da igreja católica, movimento sindical e o MST no Piauí foi encontrado no processo de Nº 00157/89-62 do Incra- Piauí. Há um documento datado de 07 de abril deste ano assinado por representantes de 23 sindicatos de trabalhadores rurais de várias regiões do Estado do Piauí, CUT, CPT-PI, e outras entidades vinculadas a igreja católica em Teresina e Picos²².

Neste documento de 08 laudas as entidades denunciam a concentração de terras no Estado e o descaso quanto às condições de vida da população que vive no campo piauiense. Sobre a situação agrária, à época, o documento menciona que:

O Piauí é eminentemente agrário (...) os dados do Censo agropecuário de 1980, dão conta que dos 25 milhões de hectares de terras que o Estado possui, em torno de 9 milhões estão aptos para a atividade agrícola porém deste número apenas 995 mil estão efetivamente ocupados com lavouras, o restante faz parte da imensa quantidade que constitui o latifúndio improdutivo. Em contrapartida 19% dessa área agricultável são as pequenas propriedades com até 100 hectares que respondem por mais de 69% da produção agrícola. (INCRA, p.05)

Esse documento é resultado da organização de diversos sindicatos, movimentos sociais e entidades vinculadas à igreja que em comum impetraram no Incra-PI e em outros

²² Além dos sindicatos, assinam o Centro Piauiense de Ação Cultural – CEPAC, a Movimento de Educação de Base – MEB de Teresina e Picos e a Cáritas Brasileira

órgãos públicos documento reivindicatório que ao tempo em que denuncia a concentração de terras no Piauí solicita providências do poder público no encaminhamento de soluções.

A primeira ocupação de terras feita pelo MST no Piauí só viria a ocorrer em 1989.

A partir do 1º Congresso Nacional do MST, as CEB's e a CUT passaram a fazer articulações e a formar as lideranças no sudeste Piauiense. Havia na região uma luta de posseiros resistindo à expulsão. A preocupação do MST era justamente preparar uma primeira ocupação, para ser a base da formação do Movimento no estado. Os agentes pastorais e outras entidades que atuavam na luta pela reforma agrária não incluíam a ocupação entre as formas de luta locais.

Até junho de 1989, o MST ainda não havia conseguido seu intento. Nesse intervalo, houve eventos importantes no Estado. A 1ª Romaria da Terra, em Oeiras, promovida pela CPT, contou com a participação de 8 mil trabalhadores, em outubro de 1988 (...) Em janeiro de 1989, sem-terras organizados pelos MST e pela CPT ocuparam a Assembléia Legislativa para pressionar os deputados a votarem contra a venda de 450 mil hectares (de terras públicas) a grupos privados.

No início de junho de 1989, o Movimento sentia-se suficiente organizado e fortalecido para fazer sua primeira ocupação no estado. No dia 10 daquele mês entrou, com 120 famílias na Fazenda Marrecas, em São João do Piauí. (MORISSAWA, 2001, p.188)

A ocupação da Fazenda Zebulândia que se tornaria Assentamento Marrecas ²³foi destaque na imprensa local que assim descreveu o fato:

Com o slogan “ocupar resistir e produzir”, a invasão de terras ociosas no interior do Estado está sendo organizada por uma entidade denominada Movimento dos Trabalhadores Sem Terra no Piauí, com o apoio de setores progressistas da igreja católica. O coordenador do movimento, Elias Araújo, afirmou que as invasões são uma consequência do não cumprimento da reforma agrária pelo governo. A primeira ação organizada pelo MST ocorreu no último dia 10. (JORNAL O DIA 13 DE JUNHO DE 1989)

O relatório de viagem de técnicos do Incra-PI, também contém informações esclarecedoras quanto ao processo desenvolvido por este órgão ao vistoriar a área após a ocupação e constatar a decisão das famílias de permanecerem na área. Assim se pronunciam os técnicos no referido relatório datado de 24 de julho de 1989:

De fato, esta é a primeira incursão dos sem terra em plagas piauienses, havendo perspectivas plenas de ser o início de um ciclo. Por outro lado o desejo de terra é, por natureza, legítimo e, de qualquer forma, a propriedade

²³ O processo que se desencadeou após a ocupação da terra com a criação do Assentamento Marrecas e a organização interna será discutida no terceiro capítulo desse trabalho como um dos aspectos das práticas educativas que contribuíram na formação de homens e mulheres, jovens e crianças do Assentamento.

é um latifúndio por exploração, ao alvo, portanto, das intervenções previstas constitucionalmente (p. 32).

Os técnicos do citado relatório pareciam prever a continuidade das investidas do MST em terras piauienses. Em dois de outubro do mesmo ano o Movimento ocupou mais um latifúndio também na região de São João do Piauí, nas proximidades da fazenda Zebulândia que havia sido ocupada em junho de 1989. Com estas ocupações estavam instaladas materialmente as bases que estruturaram o MST no Estado.

Em diálogo com um dos dirigentes do MST do Piauí, Germano Carvalho²⁴, este explicava que as duas ocupações que culminaram com os Assentamentos Marrecas e Lisboa foram fundamentais para a estruturação do Movimento no Piauí, tendo “multiplicado bastante a projeção do MST, na multiplicação de militantes, que se deslocam para as diferentes regiões do Estado para realizar ações definidas pelo Movimento.”

Em quase 20 anos de existência no Piauí o MST está espalhado em todas as regiões do Estado e possui atualmente 28 assentamentos, totalizando 5 mil famílias e 06 acampamentos com 2.300 famílias. Está estruturado na Região Norte; Região Centro onde está localizada a capital Teresina²⁵, Região Semi-Árido e Região Sul, onde está localizado o Assentamento Marrecas, foco deste estudo.

Quanto às conquistas no âmbito da educação, em todos os assentamentos do MST são oferecidas turmas de 1ª a 4ª séries do ensino fundamental, sendo que, em 13 deles já há oferta do ensino médio em escolas recentemente construídas, nestes assentamentos é oferecido todo o ensino fundamental e o médio. Não obstante estas conquistas, é importante ponderar que, muitas dessas escolas funcionam em precárias condições materiais e mesmo de formação dos educadores que são vinculados aos municípios onde estes assentamentos se localizam.²⁶

No aspecto da formação profissional o MST do Piauí tem inserido suas bases em cursos conquistados em âmbito nacional e também tem realizado cursos no Estado em parceria com instituições públicas visando garantir a formação técnica em nível médio e superior. De forma que é possível, num rápido levantamento feito junto ao setor de educação do Movimento no Piauí elencar mais de 20 cursos envolvendo cursos de nível médio e superior em que jovens e adultos do MST estudaram ou estão estudando, no Piauí e em outros

160_____

²⁴ Dirigente Nacional do MST no Piauí.

²⁵ Esta região onde está localizada a capital, Teresina, pela geografia é denominada de meio norte do Brasil e norte do Estado do Piauí, mas denominada de região centro pelo MST por agregar um número significativo de assentamentos e acampamentos, mas sobretudo por ser o centro das decisões políticas do Estado e por também estar situada a sede do MST.

²⁶ Esta afirmação se baseia no conhecimento dos assentamentos, nos diálogos com dirigentes, educadores e diferentes pessoas que ali residem.

estados, ou mesmo outro país, como é o caso dos 4 jovens que estão cursando medicina em Cuba atualmente.²⁷

Estes dados, coletados junto ao Coordenador do setor de Educação do MST no Piauí, são indícios das ações desencadeadas pelo MST em nível nacional com repercussões nos estados onde está organizado. Revela também a amplitude que a educação escolar no interior do Movimento que compreendeu e assumiu a importância da educação para o avanço das conquistas sociais e para a construção de uma vida no campo com mais qualidade, não somente para adultos e crianças, mas também para a juventude. As conquistas de escolas de ensino médio para os assentamentos podem potencialmente contribuir para a permanência da juventude no campo.

1.3 Juventudes, Identidades e Práticas Educativas

1.3.1 – Juventudes: similitudes e diferenças

As discussões sobre as questões que envolvem a juventude ganham maior relevo na sociedade brasileira a partir da segunda metade do século XX, em que segundo Sposito (2005), Abad (2003), dentre outros, há um aumento da população na faixa etária de 15 a 24 anos. O aprofundamento das desigualdades econômico-sociais se estendia aos jovens de forma mais intensa, pois a juventude já caracterizada como um período da vida marcada por incertezas sofre de forma contundente as conseqüências da crise econômica desta década, recessão, desemprego, visto que este é o período de intensificação do neoliberalismo no Brasil.

Aliado a esses fatores soma-se a disputa do mercado para atrair um público em plena expansão e num período de definições de padrões de comportamento, especialmente, vinculado ao consumo de bens e serviços. Bock (2002, p. 15) observa que o jovem tem sido alvo mais das pesquisas de publicidade que das acadêmico-científicas, ou seja, não se tem discutido com tanta ênfase a juventude na academia tanto quanto o fazem as agências de publicidade na busca de atrair o/a jovem para o consumo cada vez mais estimulado.

Estes fatores, dentre outros, centralizam as discussões sobre a juventude na atualidade com diferentes focos de interesse, nos quais aparecem similitudes e diferenças. No caso das similitudes, parte delas decorre de olhares homogeneizadores, sendo que alguns são reais,

sobretudo aqueles resultantes das desigualdades estruturais como o desemprego e a baixa escolaridade da juventude do campo.

Questões relacionadas à violência cometida ou sofrida pelos jovens deram visibilidade a este segmento. Está na lista dos problemas causados ou sofridos pelos jovens brasileiros, o uso de drogas, a gravidez na adolescência, as doenças sexualmente transmissíveis e o desemprego. Muitos destes fatores contribuem significativamente para a construção de uma imagem do jovem como acomodado, desordeiro, sem limites e causador de transtornos sociais.

Quando direcionada a lente para esses sujeitos sociais o que é possível detectar? Quais são os elementos que caracterizam a juventude? O que é juventude? Que construção social é essa? Há diferenças do jovem do campo para o jovem da cidade? O que estes estudos revelam? Quando se discute juventude rural o que isso significa em números? Quantos são? Como vivem? Quais as principais limitações e potencialidades desse contingente quase invisível nas pesquisas brasileiras? Quantos jovens existem no campo brasileiro? Como vivem? Quais os problemas a ela associada? E no Piauí? Quantos são estes jovens? E nos Assentamentos quantos residem? O que os dados revelam sobre a situação socioeconômica da juventude rural? São os jovens rurais uma nova leva de migrantes do campo para a cidade?

Entretanto, considerando a pertinência dos questionamentos acima elencados importa, por outro lado, conhecer essas/es jovens, saber dos seus sonhos, de perspectivas de vida. Importa compreender como se (con)formam na sociedade atual permeada de ambigüidades.

Sposito²⁸ (2008) esclarece que um campo de estudo é construído por pesquisas acadêmicas e não acadêmicas vinculadas a organismos nacionais e internacionais, multilaterais, ONGs, institutos de pesquisas públicos e privados e movimentos sociais, dentre outros. Neste aspecto reitera que o campo de estudos sobre a juventude é múltiplo e fecundo no Brasil. Mas em lenta expansão.

Evidencia-se um conjunto de pesquisas nas mais diferentes questões e processos nos quais a juventude está inserida, conquistando espaços nas investigações e nas políticas governamentais, mesmo que ainda iniciais.

Dados do Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas – IPEA, dão conta de que: 1) Há 48 milhões de jovens brasileiros entre 15 e 29 anos; 2) 66% deles estão fora de salas de aula; 3) Apenas 13% deles estão cursando curso superior; 4) 48% dos que tem 17 e 18 anos estão estudando no ensino médio; 5) A principal causa alegada para não estar estudando, entre

160

²⁸ Conferência proferida por esta autora no III Simpósio Internacional de Juventude, realizado em Goiânia no período de 4 a 6 de junho de 2008.

os homens é ter que trabalhar para ajudar a família e, a gravidez, entre as mulheres; 6) 46% deles estão desempregados; 7) Apenas 27% têm emprego com carteira assinada; 8) 31% são miseráveis, pois possuem renda per capita inferior a meio salário mínimo; 9) 70% dos jovens considerados pobres, são negros.

Estes números são reveladores de que a terminologia juventude serve como guarda-chuva para abrigar uma heterogeneidade de sujeitos sociais que ao tempo em que “se aproximam em razão da faixa etária”, se diferenciam conforme as condições de vida, de trabalho, de lugar onde reside, dentre outros aspectos que os tornam diferentes. Os dados indicam também a necessidade de olhar para esse grupo de sujeitos nas suas especificidades, nas diferenças que devem ser assim consideradas para permitir uma intervenção pública qualificada.

Carrano (2000, p. 12), explicita que “uma maneira muito comum utilizada para se compreender a juventude é enquadrá-la dentro de uma determinada faixa etária, e analisá-la de acordo com as características próprias desse tempo”.

Nos estudos realizados por Sposito (2005), Dayrell (2005), Carneiro (2005), Bomfim (2006), Peralva (1997), Damasceno (2005), Abad (2003), Castro (2005) Sales (2005) dentre outros/as é consenso que as discussões sobre a juventude são marcadas ainda por muitas imprecisões, que vão desde a própria indefinição do termo juventude, bem como da gama de perspectivas teóricas que fundamentam tais estudos, compreendendo que a juventude é uma categoria diversa, múltipla, variável e heterogênea, assim também são as perspectivas de abordagem o que possibilita diferentes leituras e um leque de possibilidades.

Nesta acepção, é possível compreender a juventude como, uma condição social e um tipo de representação (PERALVA, 1997). Sendo que biologicamente o/a jovem é aquele/a que em tese está mais predisposto a vida, tem gosto pela aventura, tem maior curiosidade pelo novo. Tem, portanto um lado mais propenso ao revolucionário. (NOVAES, 2002). Podendo também ser compreendida como um tempo de construção de identidades e de definição de projetos de futuro (NOVAES, 2007). Não sendo, portanto possível definir um conceito unívoco para a juventude por razões históricas, sociais e culturais. (FRIGOTTO, 2004).

A juventude entendida como categoria social possui um conceito amplo e complexo, forjado dentro de um contexto histórico e social. Sposito (1997, p.38) observa que a própria “definição da categoria juventude encerra um problema sociológico passível de investigação”.

Dayrel e Gomes (s/d, p 1 e 2) sintetizam tais leituras da seguinte forma:

1) A juventude como um período da vida marcado por problemas de diferentes ordens, indisciplina, violência, uso de entorpecentes, o que vincula a juventude à marginalidade; 2) a juventude como um “vir a ser”, associado a um período específico da vida em que o presente é desconsiderado em razão de um futuro a ser construído, de um ideal de ser humano; 3) Uma outra, associa a juventude a um tempo de liberdade, numa visão romantizada de expressão de comportamento exóticos. A essa idéia se alia a noção de moratória, como um tempo para o ensaio e erro, para experimentações, um período marcado pela busca do prazer; 4) Mais recentemente, acrescenta-se uma outra tendência em perceber o jovem reduzido apenas ao campo da cultura, como se ele só expressasse a sua condição juvenil nos finais de semana ou quando envolvido em atividades culturais.

É a partir destas possibilidades de abordagem, dentre outras, que é consenso entre os/as autores que não é possível discutir “a juventude”, mas “juventudes”, no plural, compreendendo a diversidade “em termos econômicos, geográficos, culturais, étnicos, de orientação religiosa e filosófica”(ABRAMO, 1998 p.05).

Martins (2002) adverte que nas pesquisas sobre juventude é necessário considerar a diversidade social, econômica e cultural que a categoria juventude comporta, não sendo possível “falar em uma cultura juvenil, que homogeneiza a juventude. É preciso reconhecer as diferenças” (p. 22). É possível que no estudo exatamente dessas diferenças se vislumbre a possibilidade de conhecimento das formas diversas de ser e de expressar-se da juventude.

Daí a importância de entender essa diversidade entre jovens: para saber com qual discurso atingi-los, para descobrir o que os está movendo, o que os impele, na verdade, a se juntar a determinadas coisas e a se afastar de outras. (MARTINS, 2002 p. 38).

As definições sobre as juventudes são importantes à medida que esta categoria construída socialmente vai adquirindo os contornos da sociedade na qual está inserida. Novaes (2002) esclarece que “se pensarmos nos aspectos históricos e temporais, percebemos que existem várias juventudes que convivem num mesmo tempo, no mesmo espaço social.” (p. 46). Desnaturalizar a juventude como um processo natural e universal (aspecto biológico) amplia as possibilidades de percepção das diferenças e, portanto, da necessidade de olhar o universal e o particular.

No que se refere a idade, os estudos se concentram na faixa etária de 15 a 24 anos²⁹, mas há uma variação, sobretudo, nos estudos sobre jovens do meio rural em que o limite

160_____

²⁹ Essa delimitação é utilizada, dentre outros, pelo IBGE e pelo Instituto Cidadania. É, portanto, apenas uma referência, e não é válida para todos os países e mesmo no Brasil há estudiosos e organizações que trabalham com uma faixa etária diferente, a UNESCO estende até os 29 anos.

inicial é de 10 a 14 anos. Carrano (2000, p. 12) observa que “as idades não possuem um caráter universal. A própria noção de infância, juventude e vida adulta é resultante da história e varia segundo as formações humanas.”

Além das questões etárias, se destacam as questões imagéticas construídas em torno da juventude, sendo uma das mais difundidas é a condição de transitoriedade e de um vir a ser em que o jovem está sempre em preparação para viver no futuro. Essa construção reforça estereótipos negativos em torno da juventude e desvaloriza uma gama de experiências positivas que os jovens realizam no presente.

De acordo com Abramo (2003):

[...] a condição juvenil sofreu grandes transformações nas últimas décadas; hoje é difícil dizer que se resume à preparação para uma vida adulta futura: a juventude se alargou no tempo e no espaço social, e ganhou uma série de conteúdos próprios. Isto é, deixou de ser um momento breve de passagem, restrito às classes altas e médias, não só porque a educação foi largamente expandida, pois não é mais definida exclusivamente pela condição estudantil, mas por uma série de movimentos de inserção em diversos planos da vida social; inclusive no mundo do trabalho, na vida afetiva/sexual, na produção cultural, na participação social etc. (p.22)

Nesse espectro é possível estabelecer que a juventude é uma categoria construída social e historicamente, cujo conceito vai sendo transformado e redefinido de acordo com os diferentes espaços e contexto sociais. A juventude rural e urbana em nossa sociedade já expressa essa diferença, além dos recortes sociais e também culturais.

Diante desses conhecimentos, visivelmente ampliados acerca dos jovens das cidades surge uma lacuna acompanhado de um questionamento: que sabemos sobre os jovens do meio rural brasileiro? Quantos são? Como vivem? Quais os estudos empreendidos e o que sinalizam?

No tocante à juventude rural, as recentes pesquisas de Abramovay(2001), Carneiro (2005), Sales(2005), Alencar(2005), Castro (2005) dentre outras/os analisam diversos aspectos que envolvem esses sujeitos. Discutindo questões vinculadas ao trabalho e sucessão hereditária, a migração do campo para a cidade, a constituição identitária, a relação com a escola e a participação juvenil nos movimentos sociais.

Dados de institutos de pesquisas revelam que dos 49 milhões de jovens de 15 a 29 anos no Brasil, 8 milhões vivem no campo (PNAD, 2004). O analfabetismo na zona rural entre jovens na faixa etária de 15 a 29 anos é de 12%, enquanto na cidade é de 2,9%, 4 vezes maior que na cidade.(Unesco, 2004)

Segundo o IBGE³⁰, 650 mil jovens trocaram o campo pela cidade sendo que o ponto máximo de migração do meio rural para o urbano está entre 15 e 19 anos para as mulheres e 20 e 24 anos para os homens. Um dos problemas decorrentes desta situação é o envelhecimento do meio rural. Cerca de 24% dos agricultores têm mais de 60 anos. O Censo Escolar 2002, do Ministério da Educação e do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP), aponta que 94% dos estudantes do ensino médio residentes no campo freqüentam escolas urbanas.

No aspecto educacional, ainda conforme dados do IBGE, 22,8% dos adolescentes do campo estão fora da escola e que adolescentes da área rural têm quase quatro vezes mais possibilidade de ser analfabetos do que os da área urbana. De acordo com dados do MEC/INEP 65,1% dos estudantes rurais encontram-se em situação de defasagem idade/série. Noutra ponta e revelador das questões que se vinculam o campo ao lugar do atraso, dados do INEP alertam para a baixa escolaridade dos professores do campo (apenas 9% são formados em universidades) e a baixa remuneração (o salário é quase metade em relação àqueles que trabalham em áreas urbanas). Segundo o Censo 2000 – IBGE, apenas 1,56% dos universitários do país eram jovens do campo, com idade entre 15 e 24 anos.

Damasceno e Beserra (2004) ao produzirem um estado da arte sobre educação rural no Brasil, nas décadas de 1980 e 1990 constataram o baixo número de trabalhos acadêmicos seja em livros, revistas, artigos, pesquisas de mestrado e doutorado. O que revela, segundo as autoras, um desinteresse tanto dos governos quanto da academia pelas questões sobre o campo.

O estudo revela ainda que a tendência em discutir a educação rural ocorre porque os trabalhadores rurais em suas formas de lutas se fizeram perceber. Nesse universo estudado, destacam-se trabalhos relacionados a movimentos sociais rurais, a exemplo do MST.

Sobre a juventude que reside em assentamentos de reforma agrária, em pesquisa realizada em 2005 - Pesquisa Nacional de Educação na Reforma Agrária – PNERA, constatou-se as dificuldades de acesso à educação escolar da população que reside nos assentamentos em todo o Brasil. Dos 2,5 milhões de pessoas entrevistadas, 26% têm entre 16 e 30 anos, 64% tem até 30 anos. O atendimento escolar é praticamente universalizado para as quatro primeiras séries do ensino fundamental (95,7%), entretanto, a partir da 5ª série somente 28,5% estão freqüentando de 5ª a 8ª série e apenas 8% freqüentam o ensino médio ou

160

³⁰ Censo 2000.

profissionalizante. Ainda é possível constatar que uma das principais razões para o abandono da escola é a dificuldade de acesso a esta instituição a partir da 5ª série.

Estes dados revelam que construção social hegemônica da cidade como espaço privilegiado para a vida com qualidade exigiu a criação de um outro constituído antagônico, desqualificado, considerado inferior nos diferentes processos culturais e tecnológicos: o campo como o atraso, o lado oposto da cidade considerada o centro, o progresso.

A construção da terminologia juventude rural abriga uma diversidade de formas de viver da juventude, neste construto estão os/as jovens que moram em pequenas propriedades rurais com os pais sendo posseiros, meeiros, jovens assentados/as que integram diferentes movimentos sociais e cada um destes segmentos constrói um jeito próprio de significar o campo.

Logo, é possível afirmar que também no meio rural é imprescindível tratar de juventudes rurais, porque há uma diversificada forma de viver e significar a vida.

Visto dessa forma, quando discutimos a juventude do meio rural, nos damos conta do quanto precisamos ampliar nosso conhecimento a respeito dessa categoria, uma vez que ao longo do tempo, o meio rural tem sido descrito como um espaço monolítico, sem especificidades.

Da mesma forma que o campo é considerado margem da cidade, as pesquisas também sobre as juventudes do campo são pouco expressivas, principalmente, se considerado o número de estudos sobre a juventude urbana.

Esta afirmação foi constatada por Sposito que em Estado da Arte empreendido sobre juventude no Brasil observou que as pesquisas sobre a juventude rural são de apenas 3% do total, ou seja, um número inexpressivo se comparado aos estudos sobre a juventude urbana (97%). Segundo a autora o baixo número de pesquisas tem como principal fator a falta de financiamento. Mas é possível também associar este número inexpressivo de estudos ao imaginário que foi construído sobre o rural como o atraso (ARROYO, 1999).

Wiesheimer (2005), em estado da arte sobre juventude rural, constatou que foram produzidos 50 trabalhos sobre juventude rural no período de 1990 a 2004. Os estudos revelam a centralidade em dois aspectos vinculados a esses/as sujeitos: a migração e a invisibilidade social da juventude rural nas pesquisas.

A situação de invisibilidade a que está sujeito esse segmento da população se configura numa das expressões mais cruéis de exclusão social, uma vez que dessa forma esses jovens não se tornam sujeitos de direitos sociais e alvos de políticas públicas, inviabilizando o rompimento da própria condição de

exclusão. Não sendo socialmente reconhecidos como sujeitos de direitos, dificilmente serão incluídos na agenda governamental. (p.8)

Na década de 90 as mudanças no cenário mundial, redefinição das políticas e dos espaços geográficos o propagado progresso científico e tecnológico, a inserção de maquinários no campo em substituição à mão de obra, afetam, de forma decisiva, a juventude do campo, que na falta de perspectivas de vida melhor (situação encontrada não só no meio rural, mas também, por parcela significativa de jovens do meio urbano) busca na cidade formas de superação de muitas dificuldades.

[...] a juventude rural e urbana estaria sendo afetada pela mesma ordem de problemas próprios de uma sociedade ao mesmo tempo globalizada e subdesenvolvida. No entanto, entender a maneira como os jovens reagem e se adaptam a essa realidade exige levar em conta o que os diferencia segundo os variados contextos sociais, econômicos e culturais. (CARNEIRO, 2005, p. 260)

Neste sentido, Castro (2005, p. 322) explica que “a imagem de um jovem desinteressado pelo campo e atraído pela cidade não é nova, faz parte da literatura clássica sobre o campesinato”. Seria então os/as jovens rurais essa “nova leva de migrantes” do campo para a cidade?

Silvestro et al (2001), nos estudos sobre a sucessão hereditária na agricultura familiar discute os impasses vivenciados por jovens na possibilidade de permanência no campo, tendo em vista a falta de políticas que propicie as condições de continuidade da juventude na sucessão familiar. Problema este gerado por diversos fatores e dentre eles destacam-se as transformações da ação do capitalismo no campo, com a substituição da mão de obra pelos maquinários e o não investimento na juventude para assumir estes postos de trabalho. Por outro lado, há a saída da juventude do campo para a cidade na busca por educação escolar que possibilite acesso a postos de trabalho na cidade, uma vez que dificilmente o jovem que sai para estudar na cidade retorna ao campo. (ABRAMOVAY, 1998)

O mercado de terras não contabiliza em suas operações o valor do tecido social, da rede de relações existentes no meio rural que se extingue quando agricultores familiares são substituídos por unidades pertencentes a proprietários que ali não residem. Os estudos mostram que os vínculos de proximidade e as relações de confiança por eles gerados podem tornar-se fonte decisiva de desenvolvimento. (p.22)

Neste processo os movimentos sociais discutem e trabalham com outra construção de campo entendida como espaço de vida, de cultura, de homens e mulheres que têm a terra como o bem mais precioso e dela tiram seu sustento, produzem alimentos, produzem vida e se produzem como seres históricos.

Carneiro (1998) ao buscar delimitar o universo de estudo dos jovens rurais esclarece que:

[...] o jovem é aquele indivíduo que se encontra em uma fase caracterizada pela discrepância entre o projeto de vida vislumbrado e as atividades em realização. Ou seja, a existência de um projeto para o futuro acompanhado de estratégias com graus variados de idealização seria, em termos genéricos, o que caracterizaria um indivíduo como jovem nas comunidades pesquisadas (p.98).

Castro (2005) em pesquisa sobre o perfil de jovens do campo pertencentes a movimentos sociais rurais observou que há uma diversidade nesta categoria quanto a formas de luta, perspectivas de vida, faixa etária, estado civil, situação de escolaridade. Está em processo a consolidação de um novo ator político; Há um número crescente de eventos massivos em escalas local, regional e nacional. Essas e outras constatações contradizem um possível desinteresse dos/das jovens pelo campo.

Reforçando tal opinião, Alencar (2005) em pesquisa sobre a juventude rural do Ceará, vinculada ao Movimento Sindical, constatou que o movimento migratório da juventude rural para a cidade vem diminuindo por motivos diversos.

[...] Além do desemprego, disseram [os jovens] que os postos de serviços disponíveis não oferecem condições satisfatórias de trabalho. Sendo assim não compensa abandonarem a família para ficarem expostos a toda sorte de violência, vivendo apenas para trabalhar, sem poderem se divertir.(p.68)

Por sua vez, Sales (2006) nos estudos realizados sobre jovens dos assentamentos vinculados ao MST do Ceará pondera que:

Dizer que a juventude rural tem como sonho viver na cidade é simplificar uma realidade complexa, e merece um tratamento cuidadoso. Ao conhecer as expectativas dos jovens dos assentamentos, percebo que elas são múltiplas. Entrevistando, conversando com jovens de vários assentamentos, percebo que muitos deles, ao fazerem suas escolhas, passam por experimentações diversas. (p.136)

Entretanto, as juventudes do campo não têm sido pesquisadas, na maioria das vezes, apenas pelos problemas a elas relacionados, como migrantes do campo para a cidade, ou na

condição de candidatos a sucessão familiar, pois vistos assim, não são levados em consideração outros processos de socialização vivenciados pela juventude no cotidiano da vida na comunidade e da sua relação com o mundo.

Estudos recentes discutem esse grupo sob a ótica da constituição identitária na tentativa de aproximação desses sujeitos, de modo que se apresentam várias questões: Quem são esses jovens? Como vivem? O que desejam? Como são percebidos e como se percebem? Como se identificam no mundo que o cerca?

É neste horizonte que se situa o estudo empreendido, na perspectiva de aproximação com jovens do campo piauiense, especificamente, os residentes no primeiro assentamento, fruto de ocupação de terras empreitada pelo MST no Estado do Piauí.

1.3.1.1 Juventudes no Piauí

A constatação de Sposito (2000) e Wiesheimer (2005) acerca dos poucos estudos sobre a juventude rural no Brasil são ainda mais contundentes quando o olhar se volta para a juventude rural do Piauí; o hiato é ainda maior, especialmente sobre os/as jovens que vivem nos assentamentos de reforma agrária. Esta é a primeira investigação do Mestrado em Educação da UFPI sobre jovens de assentamentos. Numa rápida leitura a partir dos títulos das dissertações do Mestrado em Políticas públicas também foi possível constatar a inexistência de trabalhos que discutem esses sujeitos.

De acordo com o senso do IBGE em 2000 havia no Piauí, 829.564 jovens na faixa etária de 15 a 29 anos, correspondendo a 34% da população do Estado. Destes, estima-se que 36% residem no campo. Não é possível precisar a quantidade de jovens que vivem especificamente em Assentamentos de Reforma Agrária, pois o último censo de 2000 não particulariza dados sobre essa parcela da população piauiense.

No aspecto educacional, a síntese de indicadores sociais divulgados pelo IBGE em 2008 apontam que 23% da população piauiense, com 15 anos ou mais de idade é analfabeta e que a taxa de analfabetismo funcional para essa mesma faixa etária chega a 39%. Estes números revelam o que afirmamos anteriormente, de que o Piauí tem muitos desafios nos diversos aspectos sociais.

A Unesco elenca um conjunto de aspectos para definir o Índice de Desenvolvimento Juvenil – IDJ: a taxa de analfabetismo, a escolarização adequada, a qualidade do ensino, a mortalidade, saúde e renda juvenil. Utilizando esses indicadores essa mesma entidade calculou o IDJ de todos os Estados brasileiros. Na tabela abaixo o Piauí ocupa o 22º lugar, ou

seja, está a frente de apenas 5 Estados. Quando se apura o olhar para alguns desses critérios, como por exemplo, a taxa de analfabetismo entre jovens, o Estado ocupa a 3ª posição, estando a frente somente de Acre e Alagoas que lidera.

Para uma leitura mais detalhada compilamos os dados referentes ao IDJ dos Estados do Nordeste conforme tabela abaixo:

TABELA 01: Indicadores de Desenvolvimento Juvenil do Nordeste (adaptada)³¹

UF	Analfa betismo	Escolarização adequada	Qualidade do ensino	Educação	Saúde	Renda	IDJ ³² Brasil	IDJ NE
Rio Grande do Norte	22°	14°	18°	18°	1°	17°	12°	1°
Bahia	17°	22°	15°	17°	4°	23°	16°	2°
Maranhão	23°	23°	26°	24°	2°	24°	17°	3°
Ceará	21°	16°	20°	20°	8°	21°	18°	4°
Sergipe	19°	18°	17°	16°	16°	18°	21°	5°
Piauí	25°	19°	13°	23°	6°	25°	22°	6°
Paraíba	24°	26°	19°	25°	11°	26°	26°	7°
Pernambuco	20°	21°	25°	22°	26°	20°	26°	8°
Alagoas	27°	27°	24°	15°	18°	27°	27°	9°

No Nordeste, conforme apresenta a tabela, o Piauí ocupa a 6ª posição em IDJ, mas está nas últimas posições em quase todos os aspectos.

Alguns dados sobre essa parcela da população são apresentados pela Pesquisa Nacional de Educação na Reforma Agrária – PNERA, realizada em 2005 em todo o Brasil. Ocorre que essa pesquisa restringiu-se aos assentamentos vinculados ao INCRA, sendo, portanto, ainda parcial quanto a apresentação de informações sobre o campo.

A PNERA (2005) mapeou que no Piauí havia, no período da pesquisa, 5.635 jovens na faixa etária de 15 a 17 anos e uma população 39.210 pessoas que possui 18 anos ou mais de idade. Os/as jovens que estão na faixa etária de 15 a 17 anos, 78% freqüentam a escola. Quanto aos 21,9% (correspondente a 1.235 jovens) que estão fora da escola a pesquisa mostra números preocupantes visto que a maioria, ou 579 jovens (46,9%) ainda freqüentam ainda o nível de 1ª a 4ª série do ensino fundamental; 309 (25%) nunca freqüentou a escola, 154 (12,5%) freqüentou a escola, mas não lê e não escreve. Ou seja, somente 194 jovens, que corresponde a 15,7% têm outro nível de escolaridade.

160_____

³¹Esta sistematização foi feita tendo como referencia o trabalho da Unesco, o destaque para o Nordeste é apenas para localizar a posição do Piauí dentre os estados nordestinos.

³²O Índice de Desenvolvimento Juvenil inclui também mortalidade e renda familiar que não foram especificados na tabela e podem ser encontrados na íntegra na publicação da Unesco, 2004, p.51.

Do exposto, é possível depreender que a juventude brasileira, especialmente a rural e, de modo específico, a piauiense é marcada por muitas interrogações. Há um relativo acúmulo teórico e em ascensão, principalmente, sobre os/as jovens do meio urbano, mas em número reduzido quanto à juventude rural, o que aponta a necessidade de pesquisas sobre esses sujeitos sociais, sobre os quais direcionamos esta investigação.

1.3.2 Identidades

O estudo a respeito da identidade pode ser feito sobre diferentes perspectivas. As incursões nas diversas concepções de identidade, por vezes antagônicas, a situam num campo complexo de análises e de possíveis aproximações conceituais. Este construto teórico pode ser discutido por um viés sociológico, antropológico, psicológico, dentre outros, com seus respectivos marcos teóricos e ênfase em determinados aspectos.

Esta assertiva corrobora para a afirmação de que é prudente, na contemporaneidade, discutir a identidade, tal qual a juventude, no plural em razão do seu “caráter multidimensional e dinâmico” (CUCHE, 2002 p. 196), tendo como características básicas a fluidez e a polissemia que se expressam desde uma concepção de imutabilidade sendo determinante na conduta, até concepções que a compreende mais dinâmica num contexto relacional. Assim, não raro atualmente, são as discussões cujo eixo de análise está centrado nas abordagens sobre juventudes e identidades.

Os estudos de Ciampa, (1987), na perspectiva da psicologia social, revelam no construto de sua teoria, a identidade como um processo em construção e tecido nas relações sociais. É, portanto, na ação do ser humano no mundo que se concretiza a identidade, constituindo a sociedade ao mesmo tempo em que é constituído por ela. A psicologia social vê a identidade como um instrumento que permite pensar a articulação do psicológico e do social num indivíduo. Ela exprime a resultante das diversas interações entre o indivíduo e seu ambiente social, próximo ou distante. Ou seja, tem como alicerces uma visão de mundo e de homem em processo permanente de mudanças ocasionadas no movimento do real, que é histórico e dialeticamente construído.

A identidade, na perspectiva teórica de Ciampa (1998), se consubstancia na ação, no fazer. É movimento dialético de constituição do ser humano, é metamorfose, “é o processo permanente de formação e transformação do sujeito humano, que se dá dentro de condições materiais e históricas dadas” (p.1). Ou seja, “a identidade humana como processo de

metamorfose, decorre de nossa inserção no mundo, do lugar que ocupamos nele, de nossa relação com ele, ao mesmo tempo como produtores e como produtos” (CIAMPA, 1998, p.6). É o processo em que o singular se materializa no universal e vice-versa.

A constituição de uma disciplina voltada para pensar o homem – a Antropologia indica que há algo de universal que permite ser conhecido como humano, por meio da investigação atenta e, nesta investigação abrem-se as possibilidades de pensar as especificidades/particularidades e as diferenças que se apresentam.

A tensão entre o universal e o particular não é uma invenção do mundo acadêmico, ao contrário, ela se encontra na dinâmica social e cultural na qual os indivíduos exercem a sua humanidade. Garcia (1993) argumenta que a modernidade é responsável por impulsionar a idéia da universalidade e da unidade humana.

A identidade humana fundamenta o projeto de expansão da sociedade ocidental, afirmando a possibilidade de comunicação com os homens de sociedades profundamente diferentes das sociedades ocidentais. [...]. Uma identidade universal e da superioridade prática e intelectual da sociedade civilizada. [...]. O conceito de civilização no séc. XIX pressupõe uma unidade nacional conquistada, essa unidade refere-se as relações entre a aristocracia e burguesia.(p.128)

Assim, as tensões entre o universal e o particular da cultura se relacionam com a própria ontologia do ser, ou seja, com a existência humana. No contexto de emergência do Estado-nação, no mundo ocidental, a defesa de uma unidade cultural, portanto de uma identidade nacional, foi utilizada para fundamentar o fortalecimento do projeto nacional, forjando um indivíduo abstrato/universal. Nesse período, a preocupação do campo teórico é a com a homogeneidade da condição humana, ou seja, com o universal. As perspectivas atuais discutem, fundamentalmente, a dimensão das especificidades/particularidades das culturas, tratam das diferenças culturais.

Na discussão sobre o processo de construção da identidade cultural, Hall (2005) esclarece que é possível distinguir três concepções diferentes. Desde a concepção iluminista, passando pela idéia do “sujeito sociológico” e, por último, a perspectiva de existência do sujeito pós-moderno.

A concepção iluminista preconiza a existência de uma unidade total do sujeito desde o seu nascimento, enfatiza a existência de um indivíduo centrado, dotado das capacidades de razão, consciência e ação.

Na acepção sociológica, o sujeito tem um núcleo ou essência interior que é o *eu real*, mas as mudanças contínuas do mundo moderno estão fragmentando o indivíduo, obrigando-o a assumir várias identidades. O sujeito sociológico é constituído nas relações com outras pessoas que mediam seus valores, sentidos e símbolos expressos numa cultura.

Hall (2005) questiona se é possível em tempos globais construir um “sentimento de identidade coerente e integral” (p.84), tendo em vista o carácter dinâmico e sempre temporário da sociedade contemporânea. Este autor explica que a concepção sociológica clássica sobre identidade a concebe como sendo construída na interação entre o eu e a sociedade.

A identidade, nessa concepção sociológica, preenche o espaço entre o “interior” e o “exterior” – entre o mundo pessoal e o mundo público. O fato de que projetamos a “nós próprios” nessas identidades culturais, ao mesmo tempo que internalizamos seus significados e valores, tornando-os “parte de nós”, contribui para alinhar nossos sentimentos subjetivos com os lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural. A identidade, então, costura (ou, para usar uma metáfora médica, “sutura”) o sujeito à estrutura. Estabiliza tanto os sujeitos quanto os mundos culturais que eles habitam, tornando ambos reciprocamente mais unificados e predizíveis. (Hall, 2001, p.11).

As mudanças estruturais que se processam na atualidade, especialmente por conta da globalização, com a superação das fronteiras econômicas, intensificação dos contatos entre as culturas, provocam na compreensão de Hall (2005) o surgimento do *sujeito pós-moderno*, que não tem uma identidade fixa, essencial ou permanente, posto que se encontra inserido nas formações e transformações contínuas em relação às formas em que os sistemas culturais o condicionam.

Em outras palavras, o sujeito pós-moderno é definido historicamente e não mais biologicamente, porquanto o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, afetadas tanto pelos processos de socialização quanto de globalização dos meios de comunicação e informação. Nesta perspectiva, se posiciona defendendo que

A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados com uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente. (HALL, 1998, p. 13)

Assim, a sociedade em que vive o sujeito não é um todo unificado e monolítico, uma totalidade, que flui e evolui a partir de si mesma, pois está também constantemente sendo descentrada e deslocada por forças externas. O que têm intensificado o debate sobre a formação das identidades e de uma possível crise destas identidades. Sobre este aspecto Woodward (1993) afirma que tem ocorrido um deslocamento de centro produtor de identidade,

As crises globais de identidade têm a ver com aquilo que Ernesto Laclau chamou de deslocamento, as sociedades moderna, ele argumenta, não têm qualquer núcleo ou centro determinado que produza identidades fixas, mas, em vez disso, uma pluralidade de centros. Houve um deslocamento dos centros. Pode-se argumentar que um dos centros que foi deslocado é o da classe social, não a classe como uma simples organização econômica e dos processos de produção, mas a classe como um determinante de todas as outras relações sociais: a classe como categoria mestra. (p. 29)

Com o deslocamento da classe social como condição mestra na constituição das identidades, os indivíduos são constantemente posicionados e também se posicionam de acordo com os campos sociais que atuam – casa, família, trabalho, igreja, partido político, dentre outros (WOODWARD, 1993). Neste sentido, também se posiciona Castells (2000), afirmando que as identidades são construídas, (re) construídas e distribuídas nas interações sociais e, neste processo, o sujeito aciona as identidades que circulam na arena social, ocorrendo uma variação das identidades.

Assim, ao pensar a identidade, num contexto marcado pelo reforço da idéia de diferença e da noção de aceleração das experiências, novas possibilidades interpretativas emergem. Silva (2000), afirma que

O processo de produção da identidade oscila entre dois movimentos: de um lado, estão aqueles processos que tendem a fixar e estabilizar a identidade; de outro, os processos que tendem a subvertê-la e a desestabilizá-la. [...]. No caso das identidades nacionais, é extremamente comum, o apelo a mitos fundadores. As identidades nacionais funcionam, por meio daquilo que Benedith Anderson chamou de comunidades imaginadas. Na medida em que não existe nenhuma comunidade natural em torno da qual se possa reunir as pessoas que constituem determinado agrupamento nacional, ela precisa ser inventada, imaginada. (p. 84-85)

As identidades são formadas pelo ruído social (CASTELLS, 2000) produzido pelos diferentes sujeitos e locais. Esse ruído atua construindo um sentimento de continuidade, de

pertencimento, ou seja, forjando uma narrativa sobre um determinado grupo social. Narrativa criada na memória profunda dos participantes de uma dada cultura. Os mitos fundadores, oriundos da história oral de um povo, se enquadram na condição de narrativas mestras. Delgado (2006, p.51) alerta que a memória na condição de fonte informativa para a história, “constitui-se também como fundamento de identidades, mediante um processo dinâmico, dialético e potencialmente renovável, que contem no seu âmago as marcas do passado e as indagações e necessidades do tempo presente”.

Para Melucci (2004), a identidade é construída dentro dos limites impostos pelo ambiente e pelas relações sociais entre o indivíduo e o grupo. Sendo social e individual, através de identificações que ocorrem, inicialmente, no âmbito das relações familiares, ampliando-se gradativamente para outros espaços sociais. Sobre este processo esse autor analisa que

As pesquisas no campo psicológico e sociológico confirmam que o processo de desenvolvimento da identidade individual ocorre dentro de uma relação circular com um sistema de delimitações. O indivíduo consegue identificar-se quando se torna distinto do ambiente. Os aportes da psicologia genética e do interacionismo simbólico sobre as estruturas elementares constitutivas da identidade confirmaram o papel das interações primárias e a importância de reconhecer-se e ser reconhecido nas experiências mais precoces da vida infantil (...). Com base nessas contribuições, as ciências sociais contemporâneas defendem a idéia de que indivíduo e sistema constituem-se reciprocamente e que o sujeito só consegue tomar consciência de si mesmo na relação-delimitação perante um ambiente externo. (p.45)

É possível inferir que a construção das identidades é antes de tudo um processo relacional, ou seja, um indivíduo só toma consciência de si na relação com o outro. Ninguém pode construir a sua identidade independentemente da identificação que os outros possuem a seu respeito, num processo intersubjetivo onde “eu sou para ti o que tu és para mim” (Melucci, 2004, p. 45). É uma interação social, o que aponta para a importância do pertencimento ao grupo e as suas relações solidárias para o reforço e garantia da identidade individual e do grupo.

Melucci (2004) esclarece que o termo identização é mais adequado para expressar o caráter processual de auto-identificação e identificação fornecida pelo ambiente externo, ou seja, “o paradoxo da identidade é que a diferença, para ser afirmada e vivida como tal, supõe uma certa semelhança e uma certa reciprocidade”(p.47).

A construção de identidades na esfera coletiva remete à discussão daquilo que assegura ao grupo continuidade e conservação. “A identidade estabelece no tempo quais são os limites de um grupo em relação a seu ambiente natural e social. Regula também a inclusão em determinado grupo definindo os requisitos, os critérios para que se reconheça e seja reconhecido como membro” (MELUCCI, 2004, p. 47). Visto que para este autor,

Toda vez que, numa situação de conflito, encontramos a solidariedade de outros e nos sentimos parte desse grupo, nossa identidade é reforçada e garantida. Não nos sentimos ligados aos outros apenas por ter interesses em comum, mas sim porque essa é a condição para avaliar o sentido do que fazemos. Graças à solidariedade que nos liga aos outros, podemos nos afirmar como sujeitos de nossa ação (...). A participação em ações de mobilização coletiva e em movimentos sociais, o engajamento em atividades de inovação cultural e ações voluntárias (...) assentam seus alicerces sobre essa necessidade de identidade e contribuem para respondê-la. (p.49)

Assim, neste trabalho as discussões são tecidas adotando uma perspectiva aberta, ou seja, estabelecendo o diálogo entre as diferentes discussões por compreender que essa adoção oferece um prisma de possibilidades de análise. O traço comum que unifica as discussões sobre as identidades, neste trabalho, situa-se na perspectiva do caráter dinâmico que a identidade comporta tanto na discussão da psicologia social defendida por Ciampa quanto na abordagem sociológica. O que significa a opção por pinçar das diferentes leituras apresentadas sobre as identidades, exatamente pelo seu caráter dinâmico e em construção, elementos que possibilitem leituras plurais, em consonância com a realidade.

Em síntese, compreendi que a identidade é uma categoria plural, sendo examinada por diferentes correntes teóricas. Silva (2002) a situa no contexto relacional e em construção, visto que é necessário compreender que

[...] a identidade não é uma essência; não é um dado ou um fato – seja da natureza, seja da cultura. A identidade não é fixa, estável, coerente, unificada, permanente. A identidade tampouco é homogênea, definitiva, acabada, idêntica, transcendental. Por outro lado, podemos dizer que a identidade é uma construção, um efeito, um processo de produção, uma relação, um ato performativo. A identidade é instável, contraditória, fragmentada, inconsistente, inacabada. A identidade está ligada a estruturas discursivas e narrativas. A identidade está ligada a sistemas de representação, a identidade tem estreitas relações com relações de poder (p. 96-97).

Juventudes e identidades são, desse modo, campos que comportam definições múltiplas, desdobrando-se em análises complexas, porém, bastante fecundas, visto que “na sociedade moderna, a juventude é compreendida como um tempo de construção de identidades” (NOVAES, 2007, p. 7).

São freqüentes, na juventude, as identificações que se realizam com grupos de amigos, as quais se manifestam na forma de vestir, na linguagem e nos hábitos de lazer. O processo de identificação com o grupo de companheiros é tão intenso que sobrepuja, muitas vezes, a influência do grupo familiar. Precisando “romper” os laços com a família para adquirir independência, o/a jovem atribui grande importância aos valores e atitudes dos grupos nos quais se inserem. Estes ajudam o/a jovem a reinterpretar valores e atitudes expressos pelos pais e outras pessoas próximas, caminhando em direção a uma interpretação própria. Ao mesmo tempo, o grupo e/ou grupos proporcionam uma medida realista das suas habilidades e capacidades, levando-a à construção de um autoconceito positivo ou não, influenciando na sua auto-estima. As experiências realizadas nesses grupos são significativas para a crítica e reinterpretação dos valores veiculados em sua cultura e para a construção de novas identidades.

Nesta etapa da vida, que se caracteriza por transformações nos padrões culturais para além das transformações biológicas, é muito importante o grupo de iguais. Agir em conformidade com o grupo faz parte do processo de busca de construção de uma identidade própria que se diferencie da identidade familiar. Essa é marcada, como aponta Melucci (1997), por estilos de roupas, gêneros musicais, participação em grupos, que “funcionam como linguagens temporárias e provisórias com as quais o indivíduo se identifica e manda sinais de reconhecimento para outros” (p. 9).

É possível depreender que são necessárias nas discussões sobre juventudes e identidades, ferramentas analíticas que supere os reducionismos, objetivando compreender as juventudes no processo de suas construções identitárias, considerando os aspectos objetivos e subjetivos dessas construções, ou seja, as transformações cada vez mais velozes da sociedade em mutação na interface com as formas subjetivas construídas pelos/as jovens.

1.3.3 Práticas educativas

Na tentativa de aproximação de um construto teórico sobre práticas educativas, muitas foram as indagações. Primeiro, quando nos referimos à prática educativa, o que emerge? Que práticas educativas estão na base da constituição da identidade juvenil, fornecendo as

condições sobre as quais se pavimentam tais identidades? Qual o lugar dos saberes produzidos no cotidiano do assentamento destacados pelos/as jovens? Os jovens têm consciência de que esses processos educativos da/na comunidade interferem no seu jeito de ser? Que sentidos atribuem?

A educação, prática humana construída social e historicamente, é resultado das condições materiais e imateriais da existência visto que “a produção não-material de um grupo pode levá-lo a ultrapassar as condições de existência, e contribuir para a transformação da realidade objetiva” (Damasceno, 2006, p.13).

A aprendizagem ocorre na e pela prática. A luta empreendida pelos movimentos sociais foi estudada como o lócus primordial de mapeamento de construtos teóricos advindos desse saber, ou seja, a prática da luta produz conhecimentos que possibilitam a construção de outros referenciais de leitura e de superação dos limites que a realidade apresenta. A este respeito Damasceno (2006) destaca que

A análise da prática educativa embutida nos movimentos sociais compreende um tecido vasto e rico que é investigado, destacando-se como subtemas: o próprio processo de constituição desses movimentos, o estudo do conjunto das ações que seus atores desenvolvem para a construção de sua identidade como sujeitos coletivos, assim como o saber da prática social produzido no cotidiano das lutas camponesas. (p.122)

Como explica a autora, as bases das práticas educativas no âmbito dos movimentos sociais, e neste caso específico do MST, se sustentam, de um lado, nos seus saberes sociais construídos ao longo de suas vidas, com destaque para as vivências após a ocupação da terra, visto que outras experiências sociais que a nova situação produz são experienciadas. Por outro lado, a inserção nas práticas políticas do MST, planejadas e desenvolvidas de forma sistemática através de encontros, cursos, marchas, assembléias, proporcionam o acesso a conhecimentos que contribuem para sedimentar saberes e produzir práticas não experimentadas anteriormente.

Do exposto, é possível afirmar com Damasceno (2006, p.125) que a educação deve estar vinculada às transformações das condições de vida e trabalho do grupo social em que está inserida. Desse modo as empreitadas dos movimentos sociais, e no caso do MST, se “constituem espaços privilegiados de resistência, luta e produção de um saber que traduz a realidade e seus atores”. Nesta compreensão, Damasceno (2006) reitera que

O ato de repensar a Educação e a escola no campo, inclusive o ensino para jovens do meio rural deve necessariamente ser mediado pelos interesses do grupo a quem se destina, porquanto é esta, a instância de compreensão e reelaboração do saber nas relações sociais de produção dos envolvidos (p.125).

As práticas educativas por serem práticas, ou seja, se constituírem na ação, num contexto político, econômico, social e cultural e historicamente situadas que é preciso mapeá-las, uma vez que mesmo possuindo alguns espaços característicos comuns, como a escola, a família, a igreja, e os grupos de amigos, dentre outros, os processos vivenciados se diferenciam pelas estratégias específicas.

Desse modo, as práticas educativas assumem e adquirem contornos que a realidade apresenta, sendo necessário o esforço permanente no seu mapeamento. É possível então inferir que, alterando a realidade, as práticas educativas também se modificam, o que concorre para a afirmação de que a terminologia prática educativa serve como um “guarda-chuva” para abrigar inúmeros processos educativos já mapeados e a serem construídos. Assim, assume um caráter de indefinição propositiva, ou seja, sua imprecisão garante sua “atualidade” e abertura para o novo.

Desse modo, concordo com a assertiva de Gohn (1999) quando registra que a prática educativa pode ser discutida no seu caráter formal, não formal e informal, sendo importantes as diferenciações que cada termo abriga.

A educação transmitida pelos pais na família, no convívio com os amigos, clubes, teatros, leitura de jornais, livros, revistas, etc. são considerados temas de educação informal. O que diferencia a educação não formal da informal é que na primeira existe a intencionalidade de dados sujeitos em criar ou buscar determinadas qualidades e/ou objetivos. A educação informal decorre de processos espontâneos ou naturais, ainda que seja carregada de valores e representações, como é o caso da educação familiar. (...) mas o termo informal não abrange as possibilidades da educação não-formal que estamos aqui destacando, ou seja, as ações e práticas coletivas organizadas em movimentos, organizações e associações sociais. Alguns autores teimam em denominar o aprendizado de conteúdos não-escolares, em espaços associativos, movimentos sociais, ONGs, etc. como sendo educação informal. Acharmos que essa terminologia e classificação é incorreta, pois trabalha-se com um paradigma bipolar onde existem apenas dois tipos de aprendizagem: o escolar e o não escolar. Tudo o que ocorre fora dos muros das escolas é pensado como aprendizagem não-escolar e perde seu caráter de educação propriamente dita. (p.99-100)

Assim, as práticas educativas discutidas neste trabalho acolhem as dimensões explicitadas pela autora, compreendendo-as nos aspectos formais (educação escolar), não

formais (movimentos sociais, igreja) e informais (familiar, grupos de amigos), engendradas nos diferentes processos vivenciados pelos sujeitos sociais.

A questão central desse estudo “como as práticas educativas vivenciadas no Assentamento Marrecas têm contribuído para a construção identitária dos/as jovens assentados/as”, exige a investigação dos diferentes fatores que estão no cotidiano desses/as jovens. Por este motivo consideramos fundamental abrir as fronteiras teóricas, principalmente, por se trabalhar com grupos plurais e heterogêneos (SCHERER-WARREN, 1987).

Na leitura das práticas é possível definir a identidade pela posição na qual os sujeitos se colocam ou são colocados sob o olhar da sociedade. Sendo assim, quais os elementos que participam com maior influência da formação das identidades dos/as jovens do Assentamento Marrecas?

As veredas metodológicas explicitadas no capítulo seguinte foram percorridas no intento de construir entendimentos sobre esta questão e se possível encontrar elementos para além do objetivo em tela.

CAPÍTULO II

AS VEREDAS QUE SE FAZEM AO CAMINHAR

Este capítulo tem como foco de discussão os aspectos concernentes à metodologia utilizada na pesquisa que proporcionou a compreensão da constituição identitária dos/as jovens do Assentamento Marrecas no contexto das práticas educativas ali desenvolvidas. Neste intento, descrevo o trajeto percorrido explicitando as etapas desenvolvidas no percurso metodológico e a utilização das técnicas que permitiram a apreensão do estudo empreendido. Além destes aspectos discorreremos sobre os perfis dos/as jovens, caracterizando-os no contexto que estão inseridos/as. As veredas me levaram a percorrer caminhos que nem sequer havia imaginado.

2 Aspectos Metodológicos

O processo de escolha metodológica foi permeado de dúvidas. Mas não são as dúvidas que movem a pesquisa? Não é por causa delas, das dúvidas, que nos “aventuramos” nas veredas do até então não desvelado? Concordo com Sales (2005, p.65) quando problematiza que:

O conhecimento humano caminha ao lado da história. O que seria de nós seres humanos se não fossem os grandes marcos que abalaram o mundo e suas certezas? O que seria das idéias se não sofressem influências de sua época, expressas em culturas e nas relações sociais? Descobrir, investigar não deveriam ser caminhos das incertezas e experimentações? Os recursos metodológicos não se afirmam nas dúvidas?

A pesquisa está na constituição do ser humano, alimentada pela curiosidade, motor ativo que possibilita a ampliação das leituras sobre o mundo construído historicamente. Portanto, diverso e em contínua construção, possibilitando problematizá-lo sob diferentes ângulos.

Na análise da constituição identitária dos/as jovens do Assentamento Marrecas compreendo que está em foco uma prática de natureza social e humana que por sua vez, se constitui, em um “fenômeno móvel, histórico, inconcluso, que não pode ser captado na sua integralidade senão na sua dialeticidade” (PIMENTA, 2001, p.53).

A pesquisa filia-se à interpretação da realidade compreendendo-a dialeticamente como processo historicamente situado, produto e produtor das ações de homens e mulheres. Assim

partilhamos da concepção da dialeticidade que não se reduz a análise do fenômeno observado, mas também na relação pesquisador-pesquisado, “implicando na superação do paradigma que estabelece uma rígida separação entre o objeto e o sujeito do conhecimento” (DAMASCENO, 2005, p. 123).

A filiação a tal perspectiva não significa a leitura fechada, visto que esta concepção se estrutura na dinâmica da realidade que é resultado da ação humana na construção de sua historicidade. Logo, questões sobre como se definem os objetos, como são observados, qual a relação entre observador e observado, como a observação modifica o campo, como se interpreta os sentidos que ocupam os espaços, como se considera na comunicação o que é observado, devem ser consideradas em todo o processo de pesquisa compreendendo que “não se trata de produzir conhecimentos absolutos, mas interpretações plausíveis” (MELUCCI, 2005, p.41). Nesta construção operamos produzindo interpretações para os discursos e ações que se efetivam num determinado contexto, a saber, a juventude do Assentamento Marrecas nas suas múltiplas dimensões.

A realidade social, móvel, impõe a análise desse movimento no contexto em que se produzem, pois os sujeitos sociais se movem, falam, pensam, agem, enquanto nós os observamos, dialogamos com eles, nas relações que estabelecemos com o propósito da pesquisa. (MELUCCI, 2005).

Nesta compreensão, conforme esclarece Melucci (2005, p. 318), a realidade muda com a própria presença do/a pesquisador/a, sendo que “a consequência desta linha de raciocínio é que cada observação é, por definição, sempre intervenção”. Não consigo, entretanto avaliar se o processo de pesquisa vivenciado foi intervenção visto que considero que para tal afirmação seria necessário outros elementos não percebidos ou nem sequer vislumbrados.

As veredas percorridas, em diferentes tempos e espaços, seja no Assentamento Marrecas, no diálogo com a comunidade, seja nas bibliotecas no diálogo com as teorias, foram sempre em busca de chegar a lugares que possibilitassem a ampliação de compreensões.

Nesta perspectiva, a pesquisa qualitativa responde aos interesses deste trabalho porque se ocupa dos estudos de significados, significações, ressignificações, que tem como objeto de estudo o próprio homem.

A escolha pelo método qualitativo do tipo estudo de caso tem como preocupação central desenvolver a compreensão de uma instância singular, “tratada como única, uma representação singular da realidade que é multidimensional e historicamente situada” (LUDKE e ANDRÉ, 1986 p.18). As pesquisas qualitativas do tipo estudo de caso:

1. Visam à descoberta – essa característica enfatiza a necessidade de conceber o conhecimento como uma construção permanente e portanto, um processo contínuo.
2. Ênfase na “interpretação em contexto” - no processo da pesquisa tão importante quanto o caso estudado é o contexto em que ele se situa, observando como aspectos relevantes as características específicas, os elementos históricos e outros aspectos pertinentes ao estudo empreendido.
3. Análise da realidade estudada completa e profunda – desvelar a multiplicidade de dimensões relacionadas ao estudo, olhando no todo que o compõe.
4. O uso de uma variedade de fontes de informação – esta diversidade de fontes é importante no processo de análise dos diversos aspectos do caso estudado, no cruzamento de informações.
5. A explicitação de diferentes (e às vezes conflitantes) pontos de vista presentes no caso – as divergências de opiniões devem ser explicitadas para a elaboração de possibilidades diversas de interpretação, sendo, entretanto necessário o posicionamento do pesquisador/a sobre seu ponto de vista.
7. O uso de uma linguagem mais acessível no relatório da pesquisa – este elemento permite uma possível aproximação com o leitor. “Os dados do estudo de caso podem ser apresentados numa variedade de formas, tais como dramatizações, desenhos, fotografias, colagens, slides, discussões, mesas-redondas, etc. Os relatos escritos apresentam, geralmente, um estilo informal, narrativo, ilustrado por figuras de linguagem, citações, exemplos e descrições.” (p. 20).

Pelo exposto, o estudo de caso é uma estratégia que comporta a diversificação do uso de técnicas que permitam a leitura ampla da pesquisa empreendida, detalhando-a em profundidade.

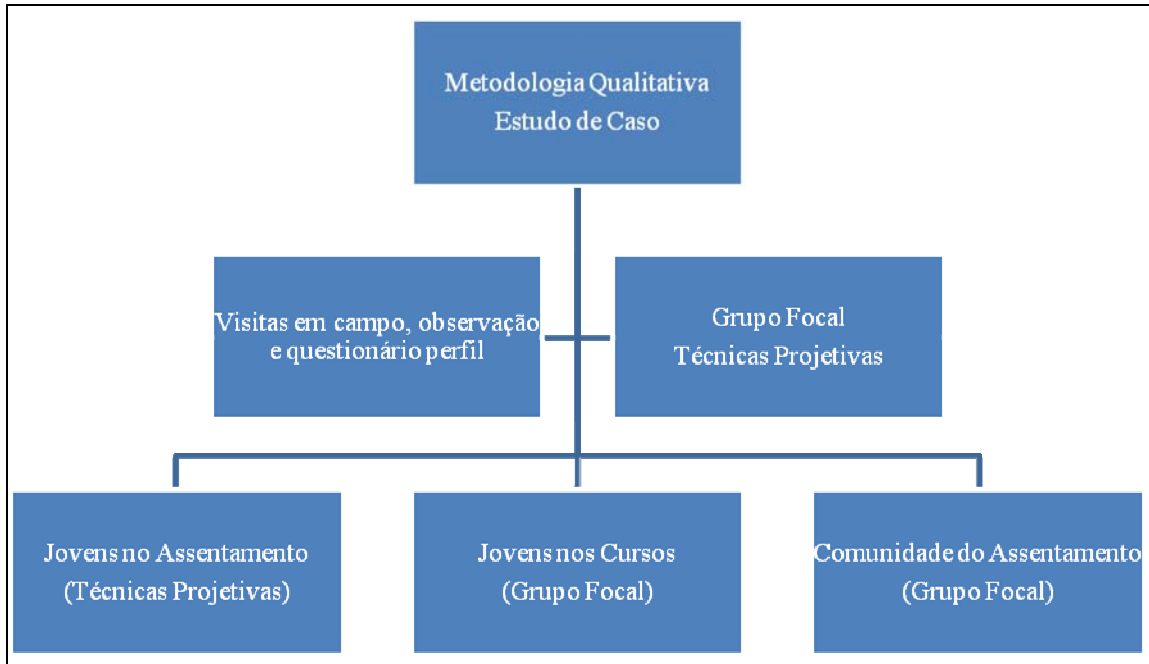
Nesta compreensão, esta pesquisa assenta-se nesses parâmetros de construção do conhecimento, lançando mão do leque de possibilidades que o estudo de caso oferece para permitir que o fenômeno possa ser pesquisado nas suas múltiplas dimensões. Nesta direção as técnicas utilizadas se complementam na busca da apreensão do estudo em questão.

Portanto, as técnicas utilizadas na pesquisa foram o grupo focal e as técnicas projetivas, e permitiram o diálogo fecundo entre os/as jovens e destes/as para com a pesquisadora, fato que foi determinante para o desenvolvimento da pesquisa. Ademais, a pesquisa com a juventude

requer do pesquisador uma postura que valorize a comunicação entre os “pólos” investigador e investigado, objetivando captar e interpretar a compreensão que estes atores sociais têm acerca de sua realidade. Isto significa apreender como eles vivem, como pensam, como trabalham, as lutas que empreendem, as formas de expressão culturais próprias do grupo desvelando assim, sua mentalidade, suas direções projetivas (DAMASCENO, 2005, p. 124).

Damasceno e Sales (2005) registraram as experiências na utilização destas técnicas com jovens no grupo de pesquisa sobre a juventude na Universidade Federal do Ceará constatando, além da eficácia das técnicas, uma aceitação dos sujeitos das pesquisas.

O esquema abaixo é uma síntese do arranjo metodológico utilizado neste trabalho:



2.1 Campo da pesquisa

O Assentamento Marrecas se constituiu de modo genérico, no universo da pesquisa e, o processo de constituição das identidades dos/as jovens, no contexto das práticas educativas desta comunidade, a especificidade desta investigação.

O Projeto de Assentamento Marrecas (P.A) foi criado pela portaria 426 em 30/06/1994 sob o regime de compra e venda, totalizando 10.041 hectares de terra às margens do Rio Piauí, localizado no Município de São João do Piauí na região sul do semi-árido piauiense, situado a 30 km da cidade de São João e a 499 km da capital, Teresina. Seu acesso é feito pela rodovia PI 141 que liga Canto do Buriti a São João do Piauí, e desta, por uma estrada carroçal, em que se percorrem 6 km até o assentamento.

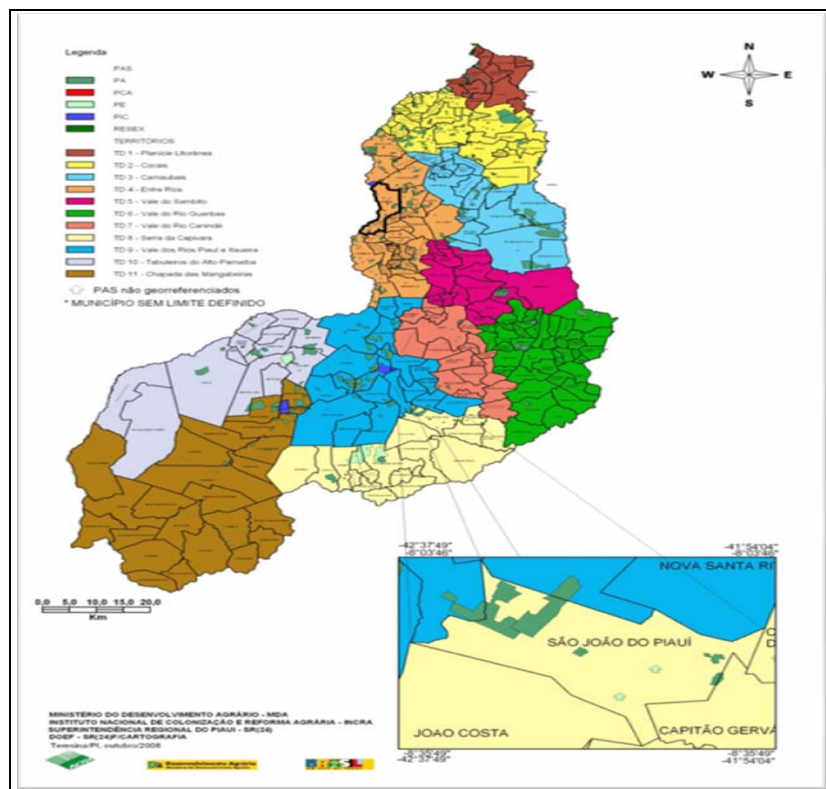


- Entrada de acesso ao Assentamento pela PI 141



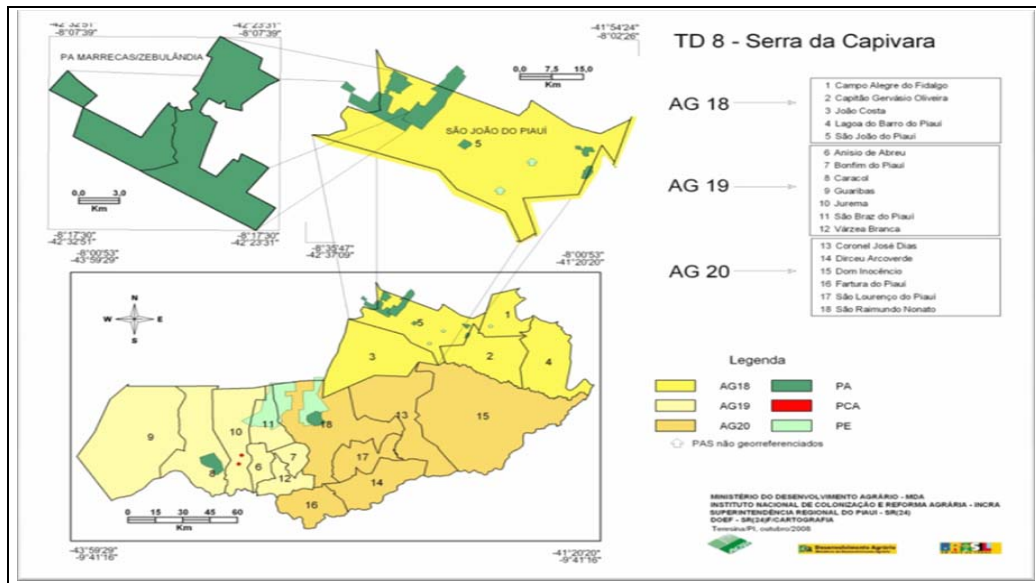
- Vista de entrada da Marrecas Sede

O P.A Marrecas foi o primeiro assentamento do Município de São João do Piauí³³ que atualmente o município possui 06 P. As, totalizando 26.780,32 hectares de terras nas quais estão assentadas 754 famílias³⁴.



³³ São João do Piauí possui uma população 17.670. O número de jovens na faixa etária de 15 a 29 é de 5.269 correspondendo a 33,5% da população do município.

³⁴ Fonte: SIPRA, INCRA – SR 24 PIAUÍ, 2008.



O Assentamento se destaca por ser fruto da primeira ocupação de terras no Piauí³⁵, organizada pelo Movimento Sem Terra que a partir de então, este movimento se estrutura no Estado realizando outras ocupações.

As famílias residentes no Projeto de Assentamento Marrecas estão distribuídas em três núcleos ou agrovilas: Agrovila³⁶ I (Núcleo Marrecas Sede), Agrovila II (Núcleo Alto Belo) e Agrovila III (Núcleo Capim Grosso) perfazendo 279 famílias cadastradas. O Núcleo Sede concentra a maior população e Alto Belo é o núcleo menos populoso. Desse universo, 57,3 % são homens e 42,7% são mulheres³⁷. No Assentamento existem 87 casas que abrigam 445 pessoas, numa média de 5,11 pessoas por casa³⁸. O número de crianças e jovens 0 – 17 anos é bastante significativos, representando 40,9% do total. No PA observa-se reduzido número de pessoas idosas. Conforme dados em tabela abaixo:

³⁵ Alguns aspectos históricos do Assentamento são tratados no III Capítulo deste trabalho.

³⁶ O termo agrovila corresponde à área de instalação das famílias. Essa forma de distribuição é incentivada pelo MST com o argumento de que a reunião das famílias com residências próximas facilita a instalação de infraestrutura básica (escola, água, luz e a organização interna dos/as assentados/as)

³⁷ Fonte: INCRA, SR 24 Plano de Desenvolvimento do Assentamento Marrecas, 2001, p.15.

³⁸ Este número de casas, de pessoas e a média já foram ampliados, recentemente o Assentamento recebeu recursos para a construção de algumas casas e o número de cadastros de assentados também vêm alterando em decorrência dos jovens que residem ainda com os pais que estão se inscrevendo para possuir um lote no Assentamento que tem a capacidade para 330 famílias.

TABELA 02: CARACTERIZAÇÃO DAS FAMÍLIAS ASSENTADAS POR FAIXA ETÁRIA E SEXO³⁹

FAIXA ETÁRIA (ANOS)	Nº HOMENS	Nº MULHERES	TOTAL	% POR FAIXA ETÁRIA
0 – 7	58	36	94	21,10
8 –14	49	39	88	19,80
15 – 17	18	16	34	7,60
18 – 49	112	81	193	43,40
50 – 65	15	17	32	7,20
+ de 65	03	01	04	0,90
TOTAL	255	190	445	100 %

Fonte: Plano de Desenvolvimento do Assentamento - PDA, p. 13

Observamos na tabela acima a concentração do número de pessoas nas faixas etárias entre crianças e jovens, revelando que o número destes dois grupos corresponde a mais de 50% das pessoas do Assentamento, visto que 47% estão na faixa etária de 0 a 17 anos, havendo ainda 43,4% com idade entre 18 e 49 anos.

A pesquisa foi realizada com jovens do Núcleo Marrecas Sede, que possui o maior número de famílias assentadas e também de jovens que ali residem. A delimitação quanto ao campo de pesquisa ocorreu em consideração à metodologia e técnicas adotadas que se estruturam na reunião dos/as jovens durante a coleta dos dados. Outro fator que concorreu para tal escolha se deve ao fato do número de famílias residentes nessa sede ser o mais expressivo, uma vez que nas outras agrovilas há um reduzido número de famílias, o que a nosso ver não implicaria em alterações drásticas no estudo empreendido. Ponderamos ainda não ser a quantidade o viés desse estudo que, conforme já explicitamos, é de natureza qualitativa.

O Assentamento possui infra-estrutura relativamente satisfatória. Todas as casas são de tijolo, com rede de água, eletrificação, torre com captação de sinal telefônico fixo, estrada em bom estado de conservação, escola que oferece toda a educação básica, sistema de irrigação, dentre outros.

A pesquisa de campo ocorreu no período de março a agosto de 2008, entretanto é importante explicar que a convivência com as famílias ocorre desde o final de 1999, como informamos na introdução deste trabalho, o que significa que o olhar está voltado não somente para o período específico da pesquisa, mas de um processo já vivenciado, o que contribuiu para uma leitura ampliada, especialmente das práticas educativas ali desenvolvidas,

160

³⁹ Este quadro de caracterização integra o Plano de Desenvolvimento do Assentamento – PDA. A caracterização quanto às faixas etárias não permite um dado preciso sobre o número de jovens que vivem na Marrecas.

Assim, foi possível em diversos momentos, compartilhar de diferentes práticas ali operadas, seja em atividades pedagógicas ou em outras atividades festivas.

Explicito ainda, os vínculos de amizade que se fortaleceram no processo investigativo. Este esclarecimento se faz importante porque a escolha para pesquisar a juventude do Assentamento Marrecas, se deu ainda por tais vínculos. Explicitar, pois, estes aspectos impõem a necessidade em fazer o distanciamento necessário que a pesquisa requer. Primeiro porque discutir sobre a vida de sujeitos com os quais a pesquisadora já vem estabelecendo relações por muito tempo, e segundo porque muitas são as ressalvas quanto a pesquisas dessa natureza. Sobre estes aspectos Ferrante (1993) esclarece que

uma trajetória da pesquisa não caminha à margem de dimensões conjunturais, das emoções, das experiências e valores que o pesquisador acumula ao defrontar-se com perspectivas de transformação da realidade, com projetos que recolocam questões aparentemente enterradas sem direito a voz e voto.(p.105)

Assumir posição quanto às escolhas implica expressar que elas não ocorrem a esmo ou sem a análise do/a pesquisador/a. A intenção de expressar o que um grupo social pensa, sente, como se constitui, os potenciais e limitações, significa também oportunizar mais um espaço para que esse grupo tenha possibilidades de “dizer a sua palavra”.

2.2 Sujeitos/as da pesquisa



Mosaico Fotográfico 01 - Jovens do Assentamento Marrecas em reunião para aplicação do questionário perfil.

O número de jovens que vivem no assentamento não é um dado preciso. Em diálogo com membros da Escola e da Associação de Pais e Mestres, a informação é de que existem no Assentamento mais de 90 jovens, na faixa etária de 15 a 29 anos que ainda não constituíram família, 95% deles residem na sede.

Os/as sujeitos/as da pesquisa foram 50 jovens do Assentamento Marrecas, na faixa etária de 12 a 29 anos, sendo 34 do sexo feminino e 16 do sexo masculino, a porcentagem é maior de jovens com idade entre 19 e 24 anos, seguido do grupo de 12 a 15 anos, num total de 15 jovens e 14 jovens que estão na faixa etária de 16 a 18 anos. Este critério, da idade e do sexo, não foi definido a priori, o perfil foi construído a partir da adesão dos/as jovens à pesquisa ao serem convidados/as. Os gráficos 01 e 02 apresentam a quantidade de jovens participantes da pesquisa e os percentuais quanto ao sexo.

GRÁFICO 01: Jovens por faixa etária

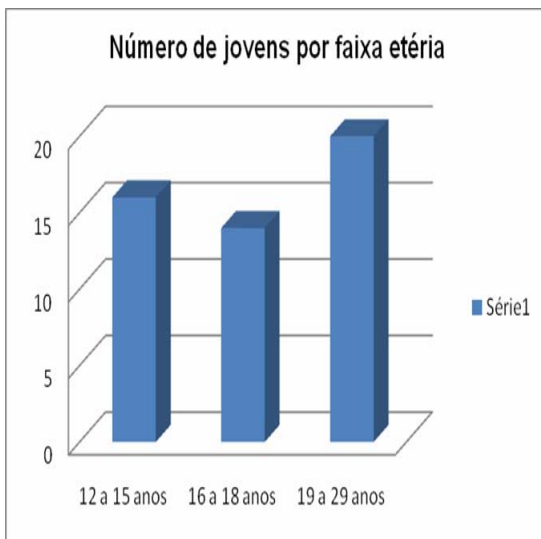
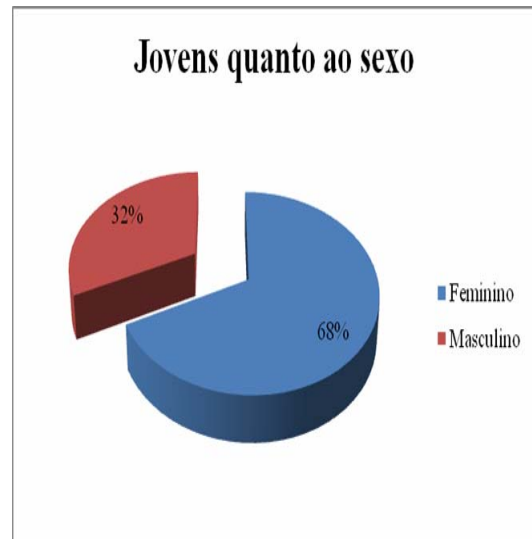


GRÁFICO 02: Jovens quanto ao sexo



Estes dados revelam que além do número considerável de jovens no assentamento, prevalece a faixa etária de 12 até 18 anos, totalizando 30 jovens.

Quando perguntados sobre a cor, a maioria, 28% dos/as jovens se auto-atribuiu ser negro/a, seguidos de 18% que declararam ser da cor branca, 18% se auto-atribuíram pertencer à cor parda e 10% se disseram de cor morena clara.

Quanto à religião mais de 90% dos sujeitos se declararam católicos, 2% ateu e 2% expressaram não ter religião definida.

GRÁFICO 03: Auto atribuição da cor/raça

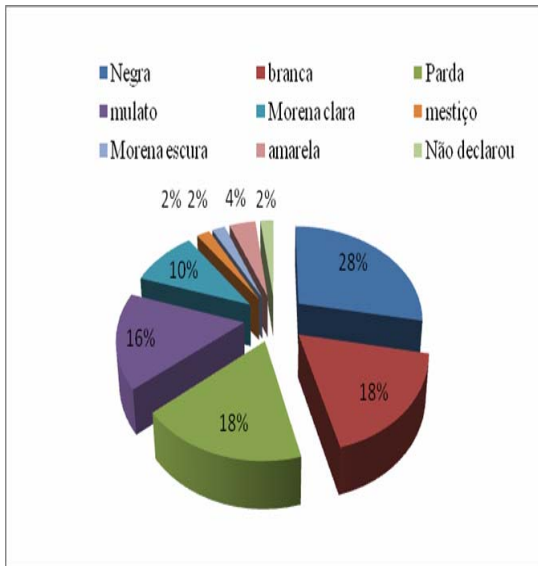
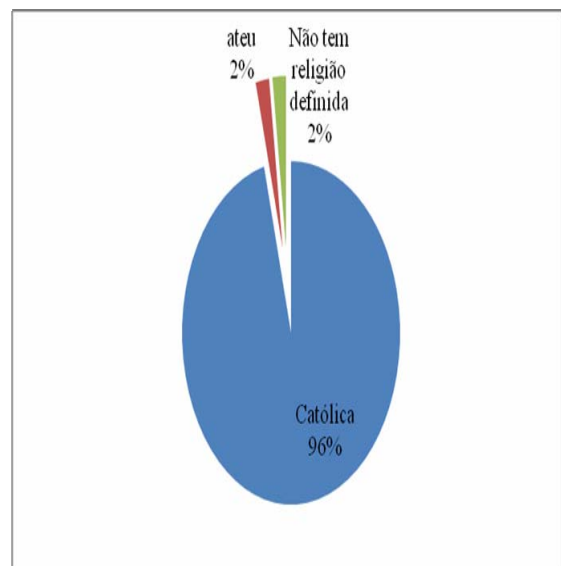


GRÁFICO 04: Religião auto atribuída



Quanto aos aspectos familiares, o gráfico 5 apresenta os percentuais que expressam com quem os/as jovens pesquisados/as residem. O maior percentual dos/as jovens vivem em famílias tradicionais (62%), mas é possível verificar composições familiares em que os/as jovens moram somente com a mãe e irmãos (12%) ou com os/as avós (6%), somente com a mãe e padrasto (4%), com o pai e os irmãos/ãs (2%), havendo ainda jovens que vivem em regime de união estável com o/a companheiro/a (4%).

GRÁFICO 05: Jovens quanto à situação Constituição familiar.

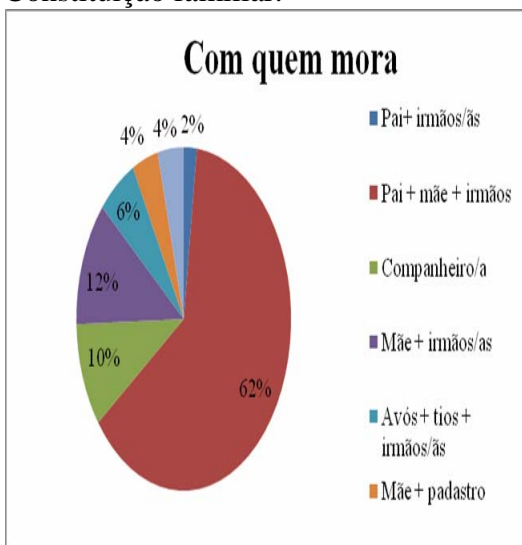
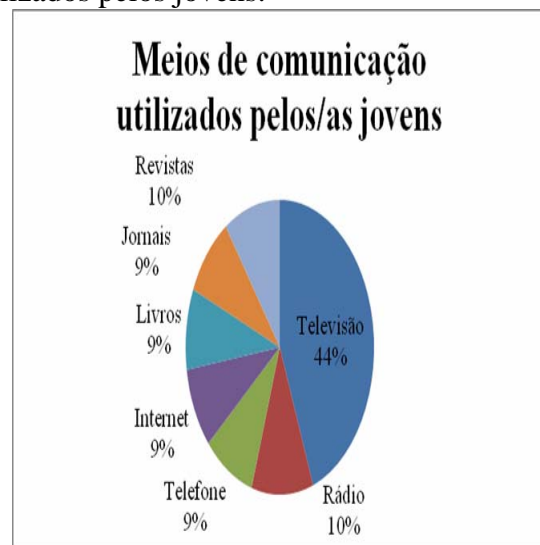


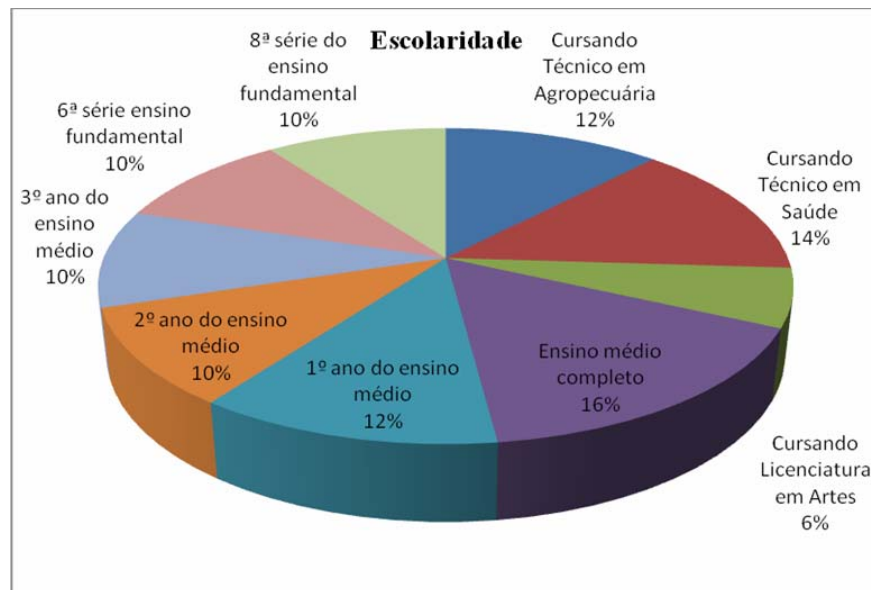
GRÁFICO 06: Meios de comunicação utilizados pelos jovens.



É possível observar que a unidade familiar em torno da formação pai/mãe/ filhos prevalece no Assentamento Marrecas uma vez que esse percentual é superior as outras

composições familiares que juntos, somam 38%. Com destaque para famílias em que a figura da mãe aparece como chefe da família. Quanto aos meios de comunicação utilizados para se informar, os/as jovens destacam a televisão, as revistas, jornais, telefone e internet. Destes veículos de comunicação apenas a internet não é acessada no próprio assentamento, mas em diálogo com os/as jovens constatei que muitos vão à cidade às segundas feiras e lá acessam a internet.

GRÁFICO 07: Jovens da pesquisa quanto à escolaridade



Conforme explicita o gráfico todos/as os/as jovens que integraram a pesquisa ou estão estudando ou já concluíram o ensino médio. As etapas de escolaridade são as mais diversas, desde a 6ª série do ensino fundamental até os/as jovens que estão cursando licenciatura em Artes⁴⁰. O número maior de jovens participantes da pesquisa estuda no assentamento nos níveis fundamental e médio, totalizando, 52%, seguido de 16% que já concluiu o ensino médio, 26% estudam em cursos técnicos (saúde comunitária e agropecuária) realizados em parceria com o MST no Piauí, e 6% cursam licenciatura em Artes.

2.3 Técnicas e instrumentos de pesquisa

As técnicas e instrumentos são recursos fundamentais na pesquisa porque constituem o meio pelo qual o/a pesquisador/a acessará elementos não conhecidos que darão elementos

160

⁴⁰ Trata-se do primeiro curso nessa área realizado em parceria com o MST e a Universidade Federal do Piauí. O curso é destinado a jovens e adultos dos Assentamentos de Reforma Agrária do Brasil.

para a construção do conhecimento sobre o fenômeno em estudo. Concordo com Trivinos (1992, p.137) que a coleta de dados na pesquisa qualitativa “não admite visões isoladas, parceladas ou estanques. Ela se desenvolve em interação dinâmica retroalimentando-se, reformulando-se constantemente”. Dessa forma utilizamos diferentes instrumentos: questionário para registrar dados dos perfis dos/as jovens, técnicas projetivas, grupo focal, atentando sempre com a escuta, e o olhar sensível, visando apreender a multiplicidade dos aspectos que envolvem a construção das identidades dos/as jovem do Assentamento Marrecas, na dinâmica das relações estabelecidas.

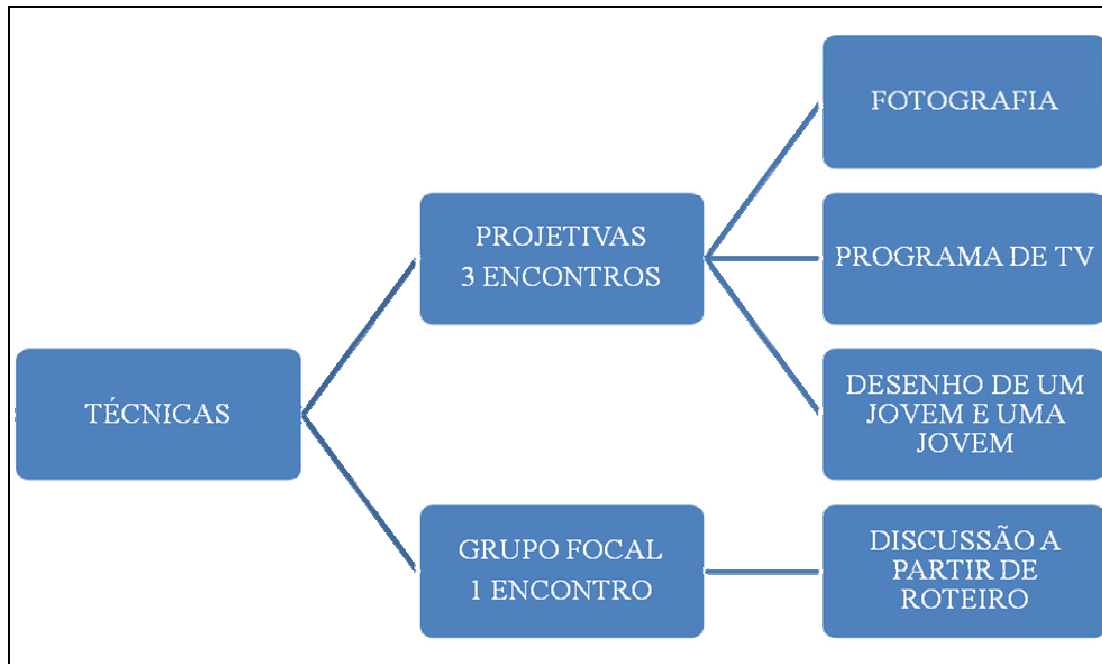
O arranjo metodológico de combinar o grupo focal com as técnicas projetivas se mostrou importante à medida que proporcionou uma ampla discussão sobre as juventudes e os aspectos concernentes à constituição identitária, sendo ainda utilizadas, ainda, as anotações em diário de campo feitas a partir de observações.

Essas técnicas têm sido recentemente aplicadas em estudos com os/as jovens, especialmente, pela aceitação em trabalhar a partir de dinâmicas em grupos que propiciam não somente fornecer dados ao pesquisador/a, mas também porque permitem trocas criativas entre os/as sujeitos, trabalhando com as expressões culturais juvenis. Damasceno esclarece que as técnicas projetivas são

[...] procedimentos projetivos de pesquisa, ou seja, técnicas de captação de informações que atuam de forma reflexiva, de modo que os sujeitos se projetam como um espelho e revelam os significados, os fatos e situações que, via de regra, são ocultados quando usam outras técnicas, como observações, entrevistas, etc. Isso ocorre porque essas técnicas permitem penetrar na subjetividade dos atores sociais, e as descobertas não resultam apenas em discurso, muitas vezes vazio, mas no significado da própria prática (DAMASCENO, 2005, p. 125).

Esta mesma autora (2005, p. 124) enfatiza ainda que “essa postura epistemológica fundamenta-se na dialeticidade da relação sujeito-objeto”, na qual o pesquisador não se coloca na postura de sujeito indagativo tendo como pólo inerte o objeto. Essa relação é superada na interação que o/a pesquisador/a mantém com o sujeito/a pesquisado/a. Relação que determinará o avanço ou não na construção de outros conhecimentos que serão produzidos a partir do diálogo entre a teoria e a pesquisa empírica (DAMASCENO, 2005, p.124).

As atividades desenvolvidas especificamente com a juventude do assentamento foram assim organizadas:



Em seguida discorro sobre as técnicas utilizadas para captação dos dados empíricos desse estudo que se efetivou “andando às vezes por veredas ou atalhos pouco conhecidos, noutras estradas já alargadas, no entanto repletas de dificuldades e atrativos” (DAMSCENO, 2005 p. 9). Inicialmente faço uma discussão teórica; em seguida, o relato da aplicação de cada técnica.

2.3.1 Técnicas Projetivas

A escolha das técnicas a serem utilizadas para a obtenção dos dados foram permeadas de dúvidas e preocupações. Quais técnicas permitiriam a compreensão em profundidade do estudo empreendido? Costa (s/d, p. 18) ao se referir ao período de escolher sobre metodologia e técnicas na pesquisa assevera que:

Quando ficamos paralisados/as ao tomar decisões metodológicas, devemos ter muito claro que o problema certamente não é nosso despreparo na utilização de instrumentos, métodos e técnicas ou métodos, mas sim a incapacidade ou inadequação dos métodos, supostamente disponíveis, para dar conta de formas emergentes de problematização. A episteme moderna engendrou lentes e luzes tão arditamente dispostas, que apenas podemos vislumbrar algo se utilizarmos um determinado tipo de óculos. Tudo o mais são outros que mal e mal se movem na obscuridade.

O encontro com as técnicas projetivas possibilitou a experimentação de uma perspectiva de pesquisar a juventude potencializando suas habilidades e interesses. A definição das técnicas projetivas como um dos instrumentos de coleta de dados ocorreu por diferentes motivações. Um dos aspectos propulsores foi a leitura do livro coordenado por Damasceno e Sales⁴¹ (2005) no qual as pesquisadoras apresentam experiências com o uso das técnicas projetivas, especificamente com a juventude, esclarecendo o trajeto metodológico e análises. O convite feito por Damasceno a novos pesquisadores a buscarem formas diferentes das clássicas para a investigação impulsionou a adoção destas técnicas.

O contato com o livro, a leitura e identificação com os escritos somaram-se a uma decisão pessoal de não trabalhar apenas com técnicas amplamente conhecidas por acreditar que pesquisar é mais que aplicar técnicas e aferir resultados, é construir conhecimento, é experimentar caminhos, veredas, não vislumbradas ou pouco trilhadas.

As técnicas projetivas utilizadas na pesquisa foram a fotografia, o programa de TV e o desenho, sobre os quais discutiremos em seguida.

2.3.1.1 A fotografia, o programa de TV e o desenho

Por que o uso da fotografia?

Vivemos numa sociedade marcada pela imagem, somos expostos a um número cada vez maior de propagandas que têm na imagem um recurso poderoso para chamar a atenção e conquistar consumidores. Além desse aspecto, o registro fotográfico é culturalmente aceito e difundido, praticamente onipresente na vida moderna.

Loizos (2002, p.137) observa que a imagem com ou sem acompanhamento de som oferece um registro restrito, mas poderoso das ações temporais e dos acontecimentos reais, concretos. Mas adverte que como qualquer outra fonte de informações possui vantagens e limitações, sendo fundamental interpretar na leitura das fotografias as presenças, mas também as ausências.

Em muitos trabalhos de pesquisa, as fotografias são recursos utilizados para apresentar visualmente o que se escreve. Observando o poder que a imagem exerce sobre as pessoas na atualidade optei pela fotografia como recurso metodológico que retrata o real apreendido

⁴¹ No livro intitulado: "O caminho se faz ao caminhar" há um conjunto de artigos produzidos pelo grupo de Estudos coordenado pela Professora Maria Nobre Damasceno. O livro é resultado da pesquisa: O uno e o diverso na Formação da Juventude: educação e cidadania no contexto da diversidade cultural.

pelos/as próprios/as jovens, não especificamente vinculados às imagens, mas aos significados por elas produzidos.

Outro fator que coadunou para a utilização da fotografia foi o grande interesse dos/as jovens que em determinados momentos pediam para fotografar em cenários por eles/as escolhidos e em outros momentos me solicitavam que os fotografassem cenários e momentos diversos. Em vista do manifestado interesse, decidi pela utilização dos registros fotográficos para dialogar com os jovens sobre diferentes aspectos, desde a apreensão do espaço social, das relações e da constituição identitária no contexto das práticas educativas, foco deste estudo.

O trabalho de Gondim; Feitosa e Chaves (2007) esclarecem e reforçam as possibilidades de utilização desta técnica combinada com o uso do grupo focal e o uso da observação. Quanto a essa técnica as autoras citadas esclarecem que

A imagem é uma modalidade de expressão humana bem mais antiga do que a palavra; mas ao contrário desta última está subestimada em investigações científicas (...) a imagem está integrada à visão, um dos órgãos dos sentidos mais importantes da apreensão humana da realidade (p.154).

Nesse sentido, a utilização da análise de fotografias feitas pelos/as jovens e por eles/as explicitados contribuiu para compreender a construção de sentidos das relações que eles/as próprios constroem sobre seu cotidiano, de como se definem e como vivem.

Assim, as fotografias do capítulo III foram registros feitos pelos/as jovens do Assentamento Marrecas. Eu também fiz muitos registros, entretanto, preferi colocar o que os/as jovens fotografaram por expressar a ótica deles sobre a vida no assentamento e sobre eles/as próprios/as.

A produção de um programa de TV foi a segunda proposta apresentada e a referenciamos na experiência desenvolvida por Sales (2005) quando da pesquisa com jovens rurais do Ceará. Tal proposta obteve aceitação imediata pelos/as sujeitos pesquisados, pois além de ser um recurso muito favorável à acessibilidade dos/as jovens que têm na televisão um dos meios de diversão, reforçado pelo interesse em aprender a manusear a filmadora e serem filmados/as, potencializou a vontade de falar da comunidade por meio da produção de imagens para a televisão, tendo em vista que esta mídia exerce um fascínio para a maioria das pessoas. Além disso, é o meio de comunicação mais usado pela comunidade por combinar imagem e palavra.

O desenho foi a terceira técnica sugerida, com procedimento de forma semelhante às outras técnicas. A partir da constatação das habilidades de jovens do assentamento com essa prática, solicitei ao grupo que desenhasse um jovem e uma jovem podendo ser qualquer um deles/as. O objetivo desta atividade era perceber a auto-imagem do grupo, ou seja, saber como se projetam, como se descrevem e como descrevem o/a outro/a. Em seguida solicitei que fizessem questões para eles/as próprios/as responderem. Prática feita também por mim como interlocutora desse processo.

2.3.2 Grupo focal

O grupo focal é uma estratégia de trabalho na qual os integrantes têm a possibilidade de discutir sobre determinada temática. May (2004, p. 151) destaca que esta técnica se constitui em uma “ferramenta valiosa de investigação, permitindo que os pesquisadores explorem as normas e dinâmicas grupais ao redor de tópicos e questões que desejam investigar.”

Em termos de definição, um grupo focal “é um conjunto de pessoas selecionadas e reunidas por pesquisadores para discutir e comentar um tema, que é objeto de pesquisa de sua experiência pessoal” (POWELL e SINGLE apud GATTI, 2005 p.7).

Gaskell (2002) diferencia o grupo focal da entrevista individual ressaltando os aspectos positivos que esta técnica proporciona.

[...] o grupo, distinto de determinado número de pessoas em um mesmo local, é mais do que a soma das partes: ele se torna uma entidade em si mesma. Ocorrem processos dentro do grupo que não são vistos na interação diádica da entrevista em profundidade. A emergência do grupo caminha lado a lado com o desenvolvimento de uma identidade compartilhada, esse sentido de um destino comum presente quando dizemos “nós”. (...) A interação do grupo pode gerar emoção, humor, espontaneidade e intuições criativas.(p.75-76)

A dinâmica desencadeada no grupo proporciona a interação em que o ouvir, o falar, o pensar sobre o que está em debate, concordar, discordar e enfatizar um ou outro aspecto envolve os participantes e possibilita respostas mais espontâneas e uma discussão que se torna formativa. Esta ênfase na busca de idéias trazidas pelo grupo, e não individualmente, é o que identificou a pesquisa com esta metodologia.

Gaskell (2002) destaca ainda que o trabalho com grupos focais possibilita que os participantes levem em consideração os pontos de vista dos outros na formulação de suas

respostas, considerando as diferentes experiências, destacando-as como aspectos importantes que justificam a adesão a esta técnica. Desse modo explica que no grupo focal:

1.Uma sinergia emerge da interação social. Em outras palavras, o grupo é mais que a soma das partes. 2.É possível observar o processo do grupo, a dinâmica da atitude e da mudança de opinião e a liderança de opinião. 3. Em um grupo pode existir um nível de envolvimento emocional que raramente é visto em uma entrevista a dois. (p.76)

Pelo exposto é possível afirmar que a utilização do grupo focal “[...] poder-se-ia caracterizar como sendo parecido com a descrição feita por Habermas (1992) da esfera pública ideal. É um debate aberto e acessível a todos.” (GASKELL, 2002, p.79)

Quanto ao formato do grupo focal, Gatti (2005) explica que a composição do grupo não deve ser demasiado grande, nem pequeno demais, sendo que não é recomendável um número menor que seis ou muito maior que 12 pessoas. Outro aspecto relevante, segundo esta autora, se refere ao fato de que “[...] o trabalho não se caracteriza como entrevista coletiva, mas, sim, como proposta de troca efetiva entre os participantes” (p. 22).

2.3.3 Observação livre

Observar livremente é segundo Trivinos (1992) destacar de um conjunto, algo, especificamente, prestando atenção aos seus diferentes aspectos, visando uma aproximação com o universo da vida cotidiana da população estudada.

No desenvolvimento da pesquisa as observações sobre os diferentes aspectos vivenciados foram registrados em diário de campo em forma de anotações, comentários, descrições e reflexões sobre a pesquisa empreendida.

2.3.4 Procedimentos para a coleta de dados

Conforme explicitamos anteriormente, as técnicas adotadas na coleta de dados foram o grupo focal e as técnicas projetivas. A adoção da combinação das técnicas objetivou possibilitar o aprofundamento das discussões sobre a constituição identitária dos/as jovens intencionando captar as identidades juvenis no contexto das práticas educativas. Damasceno (2005, p.129) explica que “atingir o jovem, penetrar no seu mundo, conhecer suas idéias, entender seus sentimentos, certamente tem sido um desafio para os pesquisadores”. Adotamos a conjugação das técnicas objetivando superar ou pelo menos minimizar tal dificuldade.

Importa ainda registrar que durante todo o percurso da pesquisa o processo vivenciado, especialmente na primeira etapa, foi registrado em diário de campo. Esta informação evidencia-se no mapeamento das práticas educativas do assentamento.

2.3.4.1 Etapas da pesquisa

Etapa I – Aproximação com os/as jovens

Esta etapa corresponde ao período de aproximação com a juventude do assentamento. Embora já houvesse um canal de comunicação estabelecido com 5 jovens participantes do Curso de Magistério (2004-2007) do qual integrei a coordenação, foi necessária uma aproximação mais qualificada para estabelecer um diálogo interativo que propiciasse a emergência de questões diversificadas.

Na primeira viagem, com o objetivo de realizar a pesquisa empírica conversei com lideranças do assentamento vinculadas ao MST, e com os/as jovens para falar sobre a proposta de pesquisa, sendo a receptividade bastante favorável.

Após este momento, a minha participação em atividades realizadas pelos/as próprios/as jovens e também em atividades gerais da comunidade possibilitou-me a aproximação com a juventude. Nesse primeiro momento, que ocorreu durante o ano de 2007 e primeiros meses de 2008, foram 7 visitas ao assentamento com duração de dois a quatro dias cada, geralmente em finais de semana. Esta etapa foi fundamental para vivenciar um pouco do cotidiano das famílias, dos/as jovens e participar de atividades diversas realizadas no Assentamento, como a comemoração do aniversário de 18 anos da ocupação do assentamento no dia 10 junho 2007; a abertura do novenário de Nossa Senhora da Vitória, padroeira do Assentamento; a festa para a comemoração da primeira colheita das uvas ali produzidas no Assentamento⁴². Estes momentos possibilitaram-me conhecer um pouco mais sobre a produção das famílias, as atividades desenvolvidas pelos/as jovens e também a participação em algumas reuniões da escola com os/as professores/as, dentre outras.

Etapa II – Esclarecimentos sobre a pesquisa e preenchimento do questionário perfil

Neste segundo momento articulei uma reunião com o objetivo de convidar os/as jovens para conseguir a adesão destas na realização da pesquisa. Neste sentido, conversei com

160

⁴² O Assentamento Marrecas é a primeira e única área, até o momento, na produção de uvas no Piauí, por isso essa festa contou com a participação de Autoridades locais e também com a presença do governador do Estado e comitiva. Sobre a produção do assentamento trataremos no III capítulo.

alguns dos jovens sobre a proposta, falei também com a Diretora do Ensino Médio a fim de convidar os/as estudantes para uma conversa/reunião na Escola “Paulo Freire”.

A reunião ocorreu no dia 27 de abril de 2008 com a presença de 50 jovens. Este número me surpreendeu e sinalizou que a etapa I havia sido importante, visto que houve uma adesão significativa desse segmento.

De posse do questionário-perfil iniciei a organização dos dados e as leituras sobre técnicas de pesquisa mais apropriadas à investigação junto às/ aos jovens. Encontrei no grupo focal uma possibilidade para a coleta de informações com esse número de jovens. Gatti (2005, p.22) explica que o número maior de grupos “permite ampliar o foco de análise e cobrir variadas condições que possam ser relevantes para o tema”.

Em maio de 2008, recebi o convite para trabalhar com os jovens no III Encontro Regional da Juventude do MST realizado no Assentamento Marrecas. O convite veio da coordenação do encontro e foi motivado pelos/as jovens, deste assentamento, que haviam sugerido meu nome.

No encontro participaram 200 jovens da Regional Sul do MST que nestes dias discutiram os problemas por eles vivenciados: a situação do campo brasileiro e piauiense e os desafios das juventudes do MST nesse cenário. Nas noites do evento foram organizadas atividades culturais com apresentações teatrais, grupos de dança, de músicas, de modo que, além de discutir problemas, os/as jovens apresentaram suas expressões culturais e se confraternizaram.

Percebi, a partir do encontro, que já havia condições para a continuidade da pesquisa, pois eu já estava “enturmada” com os jovens, nos conhecíamos pelo nome e conversávamos sobre assuntos diversos. Por isso, ainda nessa atividade conversei com alguns jovens quanto ao melhor período para a continuidade da pesquisa. Alguns ponderaram que o melhor período seria após a festa de comemoração do aniversário do assentamento, visto que os jovens estavam envolvidos nos preparativos e, considerando o período de férias de julho, quando alguns viajam para casa de parentes, ficou acertado para a segunda quinzena de junho de 2008.

Entretanto, só foi possível minha viagem ao assentamento no dia 26 de junho. Fui com disposição para permanecer o tempo necessário para a aplicação dos instrumentos de coleta de dados. Para isto, levei 03 câmeras fotográficas digitais, 01 filmadora portátil, 01 notebook e 02 Mp3.

Em contato por telefone com uma jovem do assentamento que integra a coordenação estadual do MST obtive a informação de que havia 13 jovens nas etapas presenciais dos cursos técnicos⁴³ na escola agrotécnica de São João do Piauí.

Ao chegar a esta cidade hospedei-me na referida escola, onde conversei com os jovens sobre a possibilidade de realização de grupo focal com eles/as, os quais sinalizaram positivamente. Ficou, então, acordado o encontro para 03/07/2008, dia possível para todos/as. Segui para o assentamento dia 27 com o propósito de articular os encontros com os demais jovens.

Este processo de articulação foi realizado com a ajuda de alguns jovens que convidaram os demais. Reiterei o convite na celebração dominical na igreja, local bem freqüentado, especialmente pelas jovens.

Esclarecido o trajeto para a execução das técnicas, relato a seguir, sucintamente, os encontros.

Etapa III – Aplicação das técnicas projetivas e do grupo focal

Esta etapa foi direcionada para o aprofundamento da pesquisa que, de acordo com Damasceno, é “quando se buscam as razões, os motivos, os fundamentos que embasam as ações dos sujeitos pesquisados” (2005, p.128).

A opção pelas técnicas projetivas e pelo grupo focal considerou a quantidade de jovens dispostos a participar da pesquisa. Assim a estratégia metodológica foi de divisão do grupo em 4 sub-grupos cada um com 12 participantes. As técnicas projetivas foram realizadas com os/as jovens no assentamento divididos em 3 grupos e grupo focal com os/as jovens que estavam nos cursos.

Além do diálogo com os/as jovens, também nesse período foi realizado um grupo focal com pais, mães, educadoras e educadores que residem no assentamento. Não houve a priori um critério estabelecido, o convite foi feito a pessoas que exercem atividades de liderança, seja nas escolas, nas associações ou em outras atividades. Este encontro foi direcionado para o mapeamento das práticas educativas, contexto em que a identidade juvenil se produz. Tal atividade não havia sido planejada antes da viagem, mas em diálogo com a comunidade percebi o interesse de alguns pais e lideranças, quando perguntavam se eles também não seriam ouvidos, como se anunciassem “temos coisas a dizer”. Diante deste

160

⁴³ Os dois cursos são gestados pela parceria entre o MST/PI e a Secretaria Estadual de Educação com financiamento do PRONERA.

quadro, formulei algumas questões para fomentar as discussões cujos eixos foram a juventude e as tradições do assentamento. Encontro este foi muito rico em informações, pois ofereceu elementos sobre as práticas educativas do assentamento e o mapeamento de possíveis aspectos a serem aprofundados no diálogo com os/as jovens, como por exemplo, as relações intergeracionais.

O encontro, acima mencionado, ocorreu no dia 01 de julho de 2008 na Escola “Paulo Freire”, das 15:00 às 17:00 e contou com a presença de 08 pessoas. As discussões realizadas foram gravadas, transcritas e sistematizadas e integram o III capítulo deste trabalho.

Discorreremos a seguir sobre a operacionalização dos encontros com os/as jovens, realizados no Galpão Comunitário e na Escola “Paulo Freire”, ambos no Assentamento Marrecas.

TÉCNICAS PROJETIVAS

I ENCONTRO dia 02/07/2008 - Local: Galpão Comunitário – 08:30 às 11:00

Nº de participantes: 30 jovens

1º passo – Dinâmica de apresentação – os/as jovens foram estimulados a pegar um bombom disposto em papel madeira e, posteriormente, se apresentarem relatando há quanto tempo residiam no assentamento. Todos/as foram estimulados a se sentirem à vontade. Foi solicitado que guardassem o papel do bombom.

2º passo – explicação da proposta de atividades a serem realizadas e dos encontros seguintes que deveriam acontecer como continuidade do primeiro. Solicitação de autorização dos/as jovens para que os encontros fossem gravados e filmados e auxílio de um deles para auxiliar na filmagem. Todos/as concordaram quanto à participação e gravações. Houve apenas a ressalva de que o encontro de socialização, sugerido para o dia 05/07, terminasse até as 16:00, em razão do jogo de futebol com times de outras comunidades e o desejo de todos/as em assistir, o que ficou então combinado. Em seguida, encaminhei a apresentação da proposta de trabalho com fotografia, desenho e programa de TV explicando, em linhas gerais.

3º passo – Formação de 3 grupos utilizando o papel dos bombons, de acordo com os sabores para que se formasse cada grupo e escolha de qual técnica desenvolver. Uma jovem sugeriu que cada grupo escolhesse um coordenador⁴⁴ e também um nome para se autodenominar. A proposta foi acolhida por todos/as que se reuniram nos grupos para a escolha da atividade e do /a coordenador/a.

⁴⁴ Esta dinâmica faz parte do cotidiano do assentamento e será discutida no III Capítulo das práticas educativas.

4º passo – Socialização quanto a escolha da técnica e denominação quanto à escolha do/a coordenador/a. Dessa forma foram definidos os grupos Juventude é alegria, Pé de Serra, e Alegria. Na escolha da técnica, dois grupos optaram pela fotografia, mas em seguida um grupo resolveu mudar de opção, definindo pelo programa de TV.

5º passo – Orientação a cada grupo sobre as técnicas e algumas questões que deveriam orientar os trabalhos, conforme esquematizados abaixo:

Fotografia – foram entregues 02 câmeras fotográficas e solicitado ao grupo que registrassem o que a eles/as seria importante em suas vidas e na vida da comunidade, as suas atividades cotidianas, as festas, o trabalho e o que mais lhes interessava. Esclareci ainda que o grupo tinha liberdade quanto ao número de fotografias a serem produzidas.

Produção de um programa de TV – o grupo recebeu a filmadora e algumas instruções básicas para o uso sendo estimulado a produzir um programa com o tema: A vida do/a jovem no Assentamento Marrecas.

Desenho de um jovem e uma jovem – o grupo foi estimulado a desenhar um jovem e uma jovem que se “parecesse” com um/a deles/as do assentamento. O grupo deveria ainda apresentar esse/a jovem, dando-lhes nome.

6º passo – Cada grupo iniciou o planejamento das atividades definindo como iria fazer e quando seria o próximo encontro, para a operacionalização da técnica.

7º passo – Apresentação dos grupos quanto aos horários e locais onde ocorreriam os encontros para o desenvolvimento das atividades e acertos sobre o dia da próxima atividade para discutir sobre o já executado.

8º passo – Solicitação de rápida avaliação do grupo quanto as atividades desenvolvidas durante a manhã e aviso de que o próximo encontro ocorreria na Escola “Paulo Freire”, no dia 03/07.

É importante ressaltar que, entre uma atividade e outra, os/as jovens faziam animação com músicas, contavam piadas, danças de roda. Houve também o intervalo com um lanche.

II ENCONTRO – 03/07/2008.

Local: Escola Paulo Freire – manhã ou tarde⁴⁵.

Número de participantes: 12 por grupo.

160

⁴⁵ Os horários foram definidos no decorrer da semana, sendo que o grupo da fotografia se reuniu pela manhã e os grupos do desenho e do programa de Tv à tarde.

Este encontro foi realizado por cada grupo individualmente, com duração de uma hora e meia objetivando discutir, a partir das produções, conforme explicitado a seguir:

Grupo Fotografia – foram produzidas mais de 100 fotografias, sendo arquivadas no computador, a fim de facilitar a visualização. Foi solicitado ao grupo escolher 3 fotografias que respondessem a cada uma das questões: O que retrata a vida no assentamento Marrecas? Como é a vida do/a jovem no assentamento? Que fotografias retratam o cotidiano da juventude no assentamento?

Grupo do desenho – o grupo apresentou os dois desenhos e os nomes atribuídos: Antônia Joana e José Pedro. Questionei o porquê dos nomes, e eles/as explicaram que Antônia e Joana são duas senhoras que residem no Assentamento desde a ocupação, sendo respeitadas por toda a comunidade e José Pedro foi em homenagem também a um assentado que faleceu em 2005. Solicitei que cada um fizesse uma pergunta à jovem e ao jovem. Em seguida solicitei que eles respondessem como se fossem o jovem e a jovem desenhados. Sendo que eu também fiz questões que foram respondidas por eles/as.



Fotografias 01 e 02 - Desenhos feitos pelos/as jovens na técnica projetiva.

As questões foram: O que é ser jovem? Quais os problemas que os/as jovens do assentamento Marrecas enfrentam? O que você faz no seu dia-a-dia? O que você deseja fazer no futuro? Onde pretende criar seus filhos? Você ocuparia uma terra? O que é reforma agrária para você?

Grupo do Programa de TV – o grupo apresentou as filmagens e, em seguida foi realizado debate sobre alguns aspectos apresentados nos quadros relativos à educação, a partir das entrevistas a professores, direção e alunos da escola. O outro quadro foi sobre a religiosidade, o grupo entrevistou o padre (que veio ao assentamento celebrar um casamento)

e o terceiro foi sobre as atividades esportivas no assentamento, especialmente sobre os times de futebol masculino e feminino. Entretanto, as filmagens não ficaram muito boas, especialmente as que foram gravadas ao ar livre em razão da falta de experiência do grupo e da pesquisadora.



Fotografia 03- Filmagens feitas pelos/as jovens para o programa de TV

III ENCONTRO – 05/07/2008

Local: Escola Paulo Freire – 08:30 as 11:30 e 14:00 as 16:00

Nº de participantes: 33 jovens⁴⁶

Este encontro teve como principal objetivo socializar as produções de todos os grupos e perceber as reações diante do que foi produzido, com posterior questionamento para aprofundar as discussões no grupo mais amplo.

Para a projeção das fotografias e do programa de TV foi utilizado o data show que pertence à Associação dos Pequenos Irrigantes da Marrecas – APIM. Assim, foi utilizado também o note book, a filmadora e os Mp3 para registrar todo o processo.

1º passo – Dinâmica de acolhida – a dinâmica foi realizada por dois jovens do grupo que utilizaram aspectos do teatro do oprimido e consistiu em fazer com que os/as jovens expressassem: o que eu gosto no Assentamento e o que eu não gosto no Assentamento.

2º passo – apresentei a proposta da programação para o dia que consistiu em 3 momentos: assistir ao programa de TV, ver as fotografias e conversar com o jovem e a jovem que o grupo havia produzido. Cada uma dessas atividades foram acompanhadas de questões discutidas no grupo. Acordamos também que em vista do número de pessoas seria necessário

⁴⁶ Dois jovens justificaram a ausência por problemas pessoais.

um cuidado para não dispersão com conversas paralelas, ou falar ao mesmo tempo, sendo que todos/as deveriam ficar à vontade para exprimir sua opinião e comentário.

3º passo – Apresentação do jovem e da jovem – o grupo que produziu foi convidado a apresentar os jovens, o nome e as características, o que gosta de fazer, como se sente, etc. Posteriormente questionamos se o grupo achava que teria alguma coisa que deveria ser acrescentada ao desenho para que ele ficasse mais parecido possível com um jovem e uma jovem do assentamento. Em seguida os jovens foram estimulados a fazer questões para o jovem e a jovem desenhados e, posteriormente, foi convidado quem se sentia à vontade para responder, colocando-se no lugar da pessoa desenhada. Interessante que um jovem sugeriu que as perguntas direcionadas ao desenho da jovem fossem respondidas pelas meninas e as direcionadas ao jovem pelos meninos. Imediatamente organizou-se o grupo das meninas e dos meninos e uma interessante discussão. Esta atividade durou quase duas horas, resultando a primeira parte da manhã. Em seguida, houve o lanche e dinâmicas de recreação.

4º passo – apresentação do programa de TV – essa atividade ficou prejudicada em vista de alguns problemas de gravação, no áudio sobre lazer, mas gerou debate especialmente no que se referiu a educação e a religiosidade. Após a exibição das imagens, assistidas atentamente pelo grupo, foram lançadas questões sobre a educação, a religiosidade e o lazer do jovem do assentamento.

5º passo – análise e discussão de fotografias – após a projeção, o grupo foi convidado a discutir sobre as fotografias, sendo que posteriormente, projetamos outras fotos que se referiam ao trabalho, e ao cotidiano no assentamento, também para discussão.

6º passo – Ao final da tarde fizemos uma avaliação de todo o processo desenvolvido durante a semana e a opinião dos/as jovens sobre como se sentiram e quais as dificuldades que enfrentaram.



Fotografia 04 - Finalização das atividades da pesquisa

Esse momento foi muito significativo, pois os/as jovens se colocaram quanto ao trabalho feito durante a semana. Eles/as haviam preparado uma mística surpresa no encerramento e, ainda, me presentearam com produções feitas por eles/as e com uma bandeira do MST, assinada por todos/as.

GRUPO FOCAL

Data: 03/07/2008 19:00 as 22:00h

Local: Escola Agrotécnica “Francisca Trindade” – São João do Piauí.

Nº de participantes: 13 jovens

Conforme já informamos anteriormente, esta técnica foi desenvolvida com os/as jovens que estão em processo de formação em cursos técnicos gestados pelo MST, em parceria com a Secretaria Estadual de Educação do Piauí que, no período, estavam em etapa presencial⁴⁷ na referida escola.

Este encontro foi gravado em Mp3. Ocorreu no auditório da escola que tem um espaço amplo propiciando as condições adequadas para o desenvolvimento da atividade em grupo. O espaço foi organizado com as cadeiras em círculo em que todos/as pudessem ver uns aos outros facilitando, assim, a interação.

1º passo – Iniciamos agradecendo a presença de todos/as e esclarecemos que se tratava de uma conversa sobre algumas questões que envolvem a juventude do assentamento e a vida no assentamento e que todos/as deveriam se sentir à vontade. Esclareci ainda que não se tratava de uma entrevista direcionada, mas da construção de um diálogo entre todos/as sobre as questões propostas. Pedi autorização para filmagem e utilização das discussões no trabalho, resultando na aceitação de todos/as. Solicitei que cada um/a se apresentasse e falasse há quanto tempo mora no assentamento.

160

⁴⁷ Os cursos realizados em parceria com o MST, geralmente, são organizados em Tempo Escola, também chamados de etapa presencial e Tempo Comunidade, nas quais os/as estudantes ficam períodos concentrados nas escolas para estudos teóricos e práticos e períodos nos assentamentos realizando também atividades teóricas e práticas.



Fotografia 05 – Grupo Focal com Jovens dos Cursos Técnicos na Escola Agrícola de São João do Piauí.

2º passo – O grupo foi estimulado a conversar sobre o que é ser jovem para eles/as; a caracterizar os/as jovens do Assentamento Marrecas; quais os desafios que a juventude enfrenta; as influências que contribuíram e contribuem na formação deles/as; a relação com a família, a relação com a escola; com o trabalho e os sonhos e expectativas para o futuro.

3º passo – Por fim, o grupo foi estimulado a avaliar as discussões e a participação individual e coletiva, com os agradecimentos por parte da pesquisadora quanto à contribuição de cada um.

Importa ainda esclarecer que todos/as os/as jovens participantes dessas atividades responderam ao questionário-perfil, aplicado na etapa I da pesquisa.

No que tange à aplicação dessas técnicas é possível evidenciar que um dos fatores determinantes para a realização delas pode ter sido a afinidade entre o grupo e deste com a pesquisadora, em vista do envolvimento coletivo em todas as atividades, sendo que em alguns momentos os/as jovens sugeriram outras atividades, negociadas e acatadas quando possíveis.

2.4 Forma de análise e interpretação dos dados

A análise e interpretação dos dados impõem, dada a natureza da pesquisa, a adoção de um referencial que possibilite as leituras e inferências sobre os diferentes aspectos em questão.

Konder (2000) observa que a realidade é sempre mais rica que o conhecimento que possuímos dela, pois há sempre algo que escapa as nossas sínteses. “A teoria é necessária e nos ajuda muito, mas por si só não fornece os critérios suficientes para nós estarmos seguros de agir com acerto. Nenhuma teoria pode ser tão boa a ponto de nos evitar erros” (p. 43).

Nesta pesquisa a compreensão é de não definir categorias a priori, mas que emergem da própria pesquisa. Sabendo que todo o processo é influenciado pelas escolhas do/a pesquisador/a, visto que

Não há possibilidade de uma leitura objetiva e neutra. O pesquisador precisa assumir a sua própria leitura, influenciada por suas teorias e idéias. Fazer análises qualitativas de materiais textuais requer assumir interpretações dos enunciados dos discursos a partir dos quais textos serão produzidos, tendo consciência de que isso sempre envolve a própria subjetividade (MORAES, 2005, p.89).

Portanto, apreender a constituição identitária da juventude do Assentamento Marrecas no contexto das práticas educativas em curso no assentamento possibilita olhar para a realidade dinâmica e móvel como se apresenta, considerando que “a família, a escola e as diversas formas de agrupamento juvenis são instancias formadoras de uma cultura plural, (...) mediadoras da relação entre o mundo objetivo e subjetivo” (DAMASCENO, 2005, p.124).

As análises do material empírico ocorreram em consonância com o referencial adotado e objetivos propostos. Para a realização das análises iniciamos pela transcrição digital do conteúdo gravado em mp4 e nas filmagens com posterior escuta da transcrição para conferência da digitação. A partir desse percurso procedemos a pré-análise a partir da leitura superficial do material. Na segunda etapa extraímos as idéias chaves, transformando-as em itens e subitens do trabalho

As identificações dos sujeitos da pesquisa neste trabalho são diferenciadas por técnica realizada, seguida da idade e do tempo que reside no Assentamento Marrecas. Para o grupo focal com a comunidade identificou-se com a GFC. Para o grupo focal com os/as jovens que estavam nos cursos no período da pesquisa a terminologia utilizada foi GFJ. Quanto aos participantes das técnicas projetivas optei por colocar os nomes por eles denominados nos desenhos: Antônia Joana – AJ e José Pedro – JP, seguido de números cardinais para a diferenciação e iniciais das técnicas, ficando identificadas como TPD – técnica projetiva desenho, TPF – técnica projetiva fotografia e TPTV – técnica projetiva programa de TV.

CAPÍTULO III

JUVENTUDES DO ASSENTAMENTO MARRECCAS EM IMAGENS E PALAVRAS: PRÁTICAS EDUCATIVAS E IDENTIDADES

Este capítulo tem como foco a apresentação e discussão dos resultados da pesquisa que objetivou compreender o processo de construção identitária dos/as jovens do Assentamento Marrecas, no contexto das práticas educativas ali vivenciadas. Está estruturado em dois itens, sendo no primeiro as análises de alguns aspectos das práticas educativas ali desenvolvidas, examinadas a partir das falas da comunidade e também dos/as jovens. No segundo item, estes jovens se posicionam, falam sobre o cotidiano, sobre os problemas vivenciados e sobre si mesmos; explicitam as principais influências na constituição identitária e seus sonhos e expectativas para o futuro.

Assim os itens e subitens, deste capítulo, são apenas uma tentativa didática de ordenar a escrita, mas é fato que os aspectos aqui elencados estão inter-relacionados e exercendo mútua influência, podendo inclusive serem reagrupados.

3.1 Juventudes do Assentamento Marrecas e práticas educativas

O objetivo de mapear as práticas educativas exigiu uma convivência próxima ao cotidiano do Assentamento Marrecas. Esse processo foi permeado de muitas interrogações, de angústias e de gratas surpresas. Que práticas educativas são possíveis de serem mapeadas? Estas seriam as que de fato mereceriam destaque? Como interpretá-las? Este item materializa-se na análise de algumas práticas educativas elucidadas a partir das falas da comunidade, dos/as jovens e de minhas observações nos diferentes momentos que estive no assentamento no percurso da pesquisa.

O quadro a seguir apresenta as tradições do Assentamento Marrecas, discutidas no grupo focal com integrantes da comunidade (pais, mães, educadores e educadoras) e também das discussões com os/as jovens nas diversas técnicas de pesquisa. Foi a partir das falas que foram mapeadas as práticas educativas discutidas neste capítulo.

TRADIÇÕES DO ASSENTAMENTO
- <i>Algumas das coisas que a gente faz já vieram com a gente das comunidades onde morávamos, a católica veio com boa parte das famílias, a evangélica não tinha quando a gente chegou, a questão das quadrilhas que é uma cultura muito forte, né, que faz com que o Assentamento se dedique a esse momento e a forte mesmo são as questões educativas especialmente as escolas em que valorizar a escola é uma cultura em que os pais compreendem que seja o simples ato de mandar o filho pra escola é uma cultura, de não deixar o filho faltar aula, porque se ele não for o aluno vai ser prejudicado. (GFC, Assentada há 19 anos)</i>
- <i>As festas juninas, os festejos da padroeira, principalmente os festejos de comemoração do aniversário do assentamento que é o festejo mais forte em que vem gente de várias regiões, principalmente de onde a gente morava antes e não somente dessas regiões, mas vem muita gente, tem vezes que vem é as carreatas mesmo, quando diz é o aniversário do Assentamento Marrecas e todo mundo se preocupa assim em dar assim o melhor de si, e da comunidade para que o nosso visitante, nossos parentes se sintam bem em nossa comunidade. (GFC, Assentada há 18 anos)</i>
- <i>Tem um futebolzinho também. (GFC, Assentada há 14 anos)</i>
- <i>Eu acho assim que no campo dentre estas que foram colocadas o esporte é forte aqui na Marrecas, uma cultura muito forte, os jovens né por conta do grande número de jovens que tem, não só o futebol mas o vôlei também e não é só o futebol masculino porque tem o futebol feminino também. Uma coisa que eu acho interessante também nessa questão do cultivo das culturas eu acho assim que a escola, ela queira ou não queira, também ela contribui com algumas atividades pra procurar manter ou pra cultivar alguma cultura (GFC, Assentado há 10 anos)</i>
- <i>Outra cultura nossa é que em todas as atividades que fazemos aqui na Marrecas iniciamos com uma mística, a gente fala das quadrilhas mas antes de dançar a quadrilha tem a mística que abre todos os eventos nossos aqui no assentamento. (GFC, Assentado há 19 anos)</i>
- <i>Primeiro é o aniversário do assentamento, que isso já é tradição e é histórico, tem todo ano, desde a ocupação e segundo é a relação que as pessoas tem com as comunidades vizinhas, e nós aqui do assentamento temos uma relação muito boas. (JP01, 22 anos, TPF)</i>
- <i>Nós temos apresentações de quadrilhas desde a infantil até a terceira idade que mobiliza mesmo. Jogos de futebol masculino e feminino, pau de sebo, maratonas de pessoas de todas as idades, tem o forró também né claro, o momento que mobiliza é a comemoração do aniversário do assentamento e os festejos de nossa Senhora da Vitória, além de outras atividades. (JP03, 21 anos, TPF)</i>

O mosaico das falas apresentadas se desdobra em subitens sobre os principais aspectos destacados, uma vez que o quadro acima fornece um panorama geral de tradições vivenciadas no Assentamento. A religiosidade, especialmente a católica, as festividades promovidas pelas

famílias e a educação escolar, se constituem como práticas importantes que mobilizam e envolvem a comunidade.

Importante esclarecer que estas tradições evidenciadas não totalizam as práticas do Assentamento, mas se constituem como importantes pelo aspecto da continuidade, ou seja, são cultivadas no cotidiano e a comunidade as reconhece como importantes elos para reunir as famílias.

A comemoração do aniversário do assentamento, uma das tradições citadas acima, é um momento de cultivo da memória das lutas empreendidas para a conquista da terra e uma forma de dar ciência as outras gerações do processo vivenciado.

Mesmo não sendo o foco desse estudo o resgate histórico do assentamento, em cada atividade realizada com os jovens ou com as famílias foi aparecendo nas falas e nas fotografias. Compreendi nesse processo que o aprofundamento dessa dimensão histórica da formação do assentamento seria importante para o estudo sobre esses/as jovens. As práticas educativas evidenciadas nas diferentes técnicas utilizadas são discutidas tendo como eixos: a memória do processo de luta e conquista da terra numa ação protagonizada pelo MST, a família, a escola, o trabalho e a religião como lugares tradicionais de socialização e as reivindicações por esporte e lazer.

3.1.1 Recortes das memórias explicando o presente: luta, organização e fé

Conforme já explicitamos no primeiro capítulo, a ocupação da Fazenda Zebubrás LTDA ocorrida em 10 de junho de 1989, no município de São João do Piauí, é o marco inicial das ações do MST no Estado. As terras de propriedade do Sr. Antônio Brasileiro que residia em Pernambuco, à época, estavam abandonadas quando da chegada das 120 famílias. A fazenda havia sido beneficiada com projetos financiados pelo governo federal para a criação de gado da raça “nerole” e no período da ocupação estava inativa porque o governo havia parado de custear a manutenção⁴⁸.

- [...] quando a gente chegou mesmo já era uma hora da tarde do dia 10, chegamos na fazenda, era dois ônibus e um caminhão trazendo 120 famílias que vinham das diversas cidades da região de Picos, de Itainópolis, Dom Expedito Lopes, Simões, Paulistana, Pio IX e Padre Marcos. Os carros não tinham como chegar no local do acampamento aí seguimos a pé uma caminhada de aproximadamente um quilometro com ajuda de um carro pequeno que foi levando as crianças e outros pertences lá nossos até o local do acampamento, algumas crianças foram levadas pelos pais, com muita dificuldade, o calor e a fome já era uma preocupação de todos. A chegada no local foi emocionante ao encontrar um poço tubular que jorrava sem controle, desperdiçando água, porque pra nós o acesso à água era muito difícil. (GFC, Assentada há 19 anos)

O relato, rico em detalhes da chegada à terra, oferece um leque de leituras sobre o que, atualmente, é denominado de Assentamento Marrecas. Primeiro quanto a origem das famílias oriundas de vários municípios que ao se encontrarem canalizam seus ideais, focalizados no objetivo comum de possuir um pedaço de terra. Segundo, trata-se de famílias (adultos, jovens e crianças) que se aventuraram em busca de outras condições de vida. Nesta investida, superaram a fome, o cansaço, o medo, as dúvidas, as perdas materiais e familiares. Sofrimentos substituídos por força coletiva, na esperança de conquistar uma vida melhor. Ante aos desafios, transformam as perdas em motivações para a continuidade da luta. Nas falas, um jovem e uma assentada relatam as dificuldades com alimentação e infra-estrutura no período do acampamento.

- Para as crianças a situação ainda era pior porque elas não tinham o hábito de viver, de dormir em barracos, ficaram com resfriado e uma delas veio a falecer, era uma criança de um ano e seis meses de nome Amadeus Carvalho, foi o primeiro sem terra a morrer no local da ocupação por isso deu origem o nome escola de ensino fundamental no assentamento. (GFC, Assentada há 19 anos)

- Antes, no tempo do acampamento, a comida nossa aqui era maxixe e quando a gente pescava, tinha também o peixe. Eu vivia pescando, ia pra roça, trabalhava o dia todim e quando vinha da roça ia dispescar os inganchos ou colocar os anzol, era difícil. Tinha outras vezes que era só feijão ou só arroz, era assim, quando tinha um, não tinha o outro, nunca tinha arroz, feijão e outra coisa, era sempre um ou outro e era difícil ter as três coisas e no período do maxixe era só com farinha e água. Nós já passamos por tempos muito duídos aqui, tem muita história (JP03, 21 anos, TPF).

As memórias sobre a ocupação da terra são contadas por adultos e jovens com uma sintonia interessante. Talvez o fato da luta pela terra ser acionada em diferentes momentos da vida da comunidade seja um aspecto para a compreensão de como foi ocorrendo a internalização da conquista inicial e as posteriores e sucessivas lutas para galgar outras reivindicações.

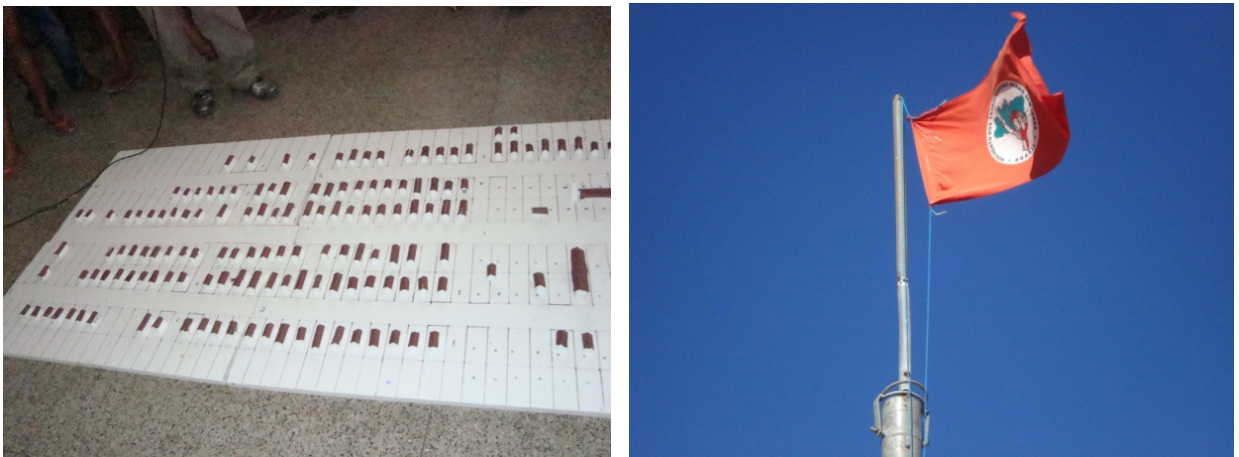
A construção das memórias sobre o período de acampamento e conquista da terra permite compreender um pouco da experiência vivida, uma vez que ela ocorre permeada de sentimentos que são revisitados quando acionadas as lembranças sobre esse processo. Bosi (2003, p.31) esclarece que a memória atua com grande liberdade, “escolhendo acontecimentos

(...), não arbitrariamente, mas porque se relacionam através de índices comuns. São significações mais intensas quando sobre elas incide o brilho de um significado coletivo”.

Estes significados coletivos de que trata a autora podem ser constatados em diferentes expressões da comunidade. A bandeira do MST hasteada em lugar de destaque indica e demarca território que foi conquistado. Os nomes das ruas, das escolas, a padroeira, são expressões das marcas da luta desencadeada pelas famílias na busca de outras condições de vida. Conforme explica o jovem a partir de fotografias da área central da Sede e de uma maquete da área residencial do Assentamento.



Fotografias 06 e 07 - Área central e uma das ruas do Assentamento Marrecas



Fotografia 08 e 09 - Maquete do Assentamento⁴⁹

Mastro com bandeira do MST no centro do Assentamento

- O time de futebol que foi fundado em 98 o nome é 10 de junho, dia da ocupação. As ruas são dez de junho, Rosendo Gama, e Igor Santos, esses dois últimos foi em homenagem a dois companheiros que faleceram no Assentamento. A nossa padroeira é Nossa Senhora da Vitória, que é em homenagem as vitórias da terra e tudo mais que conquistamos com muita luta (JP01, 22 anos, TPF

160

⁴⁹A maquete está sendo produzida para ficar exposta na Escola Paulo Freire e faz parte das atividades que os jovens estão preparando para a comemoração em junho de 2009 dos 20 anos do Assentamento e do MST no Piauí.

Vista de uma perspectiva social, a ocupação significa construir uma plataforma de vivência da luta, por meio da qual os sujeitos do MST tentam implantar suas experiências. O acampamento é considerado o rito inicial de uma nova vida que é marcada por mudanças importantes, na organização das famílias, do espaço geográfico, das relações de vizinhança. Aspectos que reforçam a necessidade da coesão do grupo e da definição de um elo comum.

No conflito gerado, a luta pela terra traz à tona as contradições sobre a posse e o uso da terra no Brasil, conforme discutimos no primeiro capítulo desse trabalho, visto que há muita terra sem gente e, paradoxalmente, tanta gente sem terra. Um exemplo são os mais de dez mil hectares de terras que hoje é o Assentamento Marrecas, antes pertencentes a um único proprietário que sub-utilizava a área na criação de gado num empreendimento financiado com recursos públicos, e que nesse período já estava abandonada. O suposto dono ainda recebeu pelas terras e pelos benefícios advindos do financiamento público. A venda da terra para o Incra foi mais uma forma de lucrar, como informa um jornal da época:

[...] o advogado do proprietário já esteve na superintendência do Incra, em Teresina, mas nada foi resolvido porque o processo deverá ser julgado em Brasília. Segundo o Departamento Rural da CUT no Piauí, o fazendeiro tem o maior interesse que seja feita a desapropriação, porque poderá lucrar novamente as custas do dinheiro do povo; a primeira foi quando através de empréstimos e incentivos fiscais da Sudene estruturou a fazenda, e agora depois do abandono, poderá requerer do governo além do valor da terra a indenização das benfeitorias (JORNAL DIÁRIO DO POVO, 10 DE SETEMBRO DE 1989, p. 4).

As famílias ficaram acampadas por cinco anos, somente em 1992 ocorreu a compra da terra, sendo que o documento de criação do assentamento data de 30 de junho de 1994, ou seja, dois anos após a compra. A origem duvidosa quanto a propriedade da terra e a morosidade do poder público em dar andamento ao processo são fatores que concorreram para a demora no percurso de compra e criação do assentamento⁵⁰. Em diálogo com um dos dirigentes do MST do Piauí ele me explicava o porque do hiato entre a aquisição da terra pelo Incra e somente dois anos após a criação do assentamento, bem como sobre outros aspectos que envolvem o fato.

160

⁵⁰ A compra da terra não significa que a área seja imediatamente reconhecida para instaurar o Assentamento. O proprietário tem o amplo direito de impetrar ações na justiça não aceitando a desapropriação, ou o valor estipulado, dentre outras questões.

Além da lentidão do poder público, a questão se deve também porque o proprietário não conseguiu comprovar de imediato que a terra era dele. Nós já sabíamos que ele, o Fernando Brasileiro, era grileiro porque ele tinha meio mundo de terras na região, além de São João tinha muitas terras no município de Canto do Buriti e em outros Estados do Brasil, como no Pernambuco. Essa prática da grilagem é comum ainda hoje no Brasil, principalmente no Nordeste, e no Piauí esses fatos são mais evidentes, por isso, em outubro de 1989 decidimos ocupar também outra área que é hoje o Assentamento Lisboa, ali bem perto da Marrecas, como uma forma de pressionar mais o poder público pra desapropriar a Marreca e também junto, a Lisboa. Inclusive no caso da Fazenda de Canto do Buriti, a Caju Norte, ficou comprovado que não era dele, a partir de outra ocupação nossa que ocorreu em 95, que a partir disso o Estado fez um levantamento da titularidade da terra e comprovou que a área de 49 mil hectares era na verdade terra devoluta, e ele reclamava pra ele a propriedade (DIÁRIO DE CAMPO, MAIO DE 2008).

O reconhecimento da área como assentamento de reforma agrária pelo Incra propiciou que alguns créditos fossem liberados e melhoria das condições de vida. A heterogeneidade de sujeitos de diversas regiões que vieram de situações de vida no campo diferentes tem na criação do assentamento pelo menos um vínculo em comum, o local de moradia. Carvalho (1999) analisa que o assentamento pode ser denominado de uma “encruzilhada social”, ou seja, como um processo que foi construído com diferentes sujeitos que não necessariamente estavam numa mesma direção, mas que ao se encontrarem em uma mesma situação passam a viver esses diferentes jeitos de ser e reproduzem não mais o que são, mas o conjunto das relações estabelecidas a partir dessa nova realidade.

O assentamento expressa no momento da sua criação um ponto de inflexão histórica mais complexa do que o mero ato administrativo da sua criação formal. Nesse momento encerra-se um determinado processo político social onde o monopólio da terra e o conflito social localizado pela posse da terra são superados e imediatamente inicia-se um outro: a constituição de uma nova organização econômica, política, social e ambiental naquela área. (CARVALHO, 1999, p. 6)

A heterogeneidade de famílias aglutinou diferentes experiências de vida, de trabalho, de lutas e de culturas, favorecendo, nesse encontro do diverso, interações e conflitos que contribuem para a construção de outras práticas não experimentadas até então, sendo a primeira delas, a ocupação, o rompimento das cercas.

Mais do que a conquista da terra para viver e produzir, conforme já explicitado nesse trabalho, o assentamento é um processo formado por componentes que forjam diferenças substanciais de outros espaços rurais. A ocupação da terra e o rompimento com as formas tradicionais de exploração do trabalho rural, a continuidade da atividade agrícola, agora em terras que são dos próprios trabalhadores, as possibilidades de outras lutas na reivindicação de

outros direitos, tais como educação, saúde, créditos, ampliam o espectro de possibilidades de condições melhores de vida.

No Assentamento Marrecas, as escolas, o time de futebol, as ruas, os núcleos de famílias, a padroeira da comunidade, são nominados e escolhidos com muito rigor e são repletos de significados dos processos vivenciados. Alguns relacionados às dores, às perdas no período de conquista da terra, como é o caso, já mencionado, da Escola Amadeus Carvalho que assim foi nomeada por ser o nome de uma criança que faleceu por problemas de saúde originários das precárias condições no período do acampamento (a falta de alimentação, sol e chuva embaixo dos barracos de lona). Outros já relacionados às conquistas da terra, o time de futebol denominado 10 de junho, que também é o nome de uma das ruas da Sede, dia da ocupação, a Padroeira Nossa Senhora da Vitória que simboliza as vitórias já conquistadas, a terra, a água, as estradas, a produção, a energia elétrica, a escola, e muitos outros resultados da luta.

A Escola de Ensino Médio “Paulo Freire” parece já significar a ampliação da comunidade na leitura para além do assentamento e simboliza a importância dada à educação escolar, não só no ler e escrever, mas em discutir a realidade, aspectos da proposta freireana de educação que são incorporadas no discurso do MST e da comunidade, principalmente a escolar.

As conquistas em diversos aspectos sociais é uma síntese do que faz do Assentamento Marrecas único, porque construiu num determinado contexto, um jeito próprio que é resultado das questões objetivas e subjetivas vivenciadas pela comunidade. As conquistas pessoais e coletivas são explicitadas nos depoimentos de jovens e adultos:

- Aqui na Marreca é bom demais, é tranquilo, assim é bom demais morar num lugar que tem água porque lá onde a gente morava tinha pouca água, a seca era grande e era muito sofrido e pra mim a água é importante demais, tem onde plantá, aqui se a gente quiser fazer um canteiro com verdura ou plantá na beira do rio pode, passa o rio aqui pertinho e tem lagoa, tem poço jorrante e lá pra nós não tinha isso. E morar numa terra que é da gente mesmo é bom demais viu (com um sorriso largo no rosto). Eu saí de uma distância de duzentos e poucos quilômetros e cheguei num lugar desse que é melhor que a terra natal da gente. Bom e eu não tenho vontade de ir embora daqui não viu, só quando morrer e ainda ser enterrado aqui. Eu tenho uma casa hoje, trabalhei muito e consegui uma casa e tá aí, não é muito boa, mas aí a fora tem muita gente que não tem uma casa como a minha, um lugar desse aqui pra que maior alegria?(JP02, 29 anos, TPF)

- Pela vivência que a gente tem no Assentamento, pela experiência também de sofrimento que passamos, permite que a gente possa sonhar um pouco mais além. Hoje eu vejo na minha visão política que o Assentamento Marrecas como um dos assentamentos que nesses dezenove anos conseguiu se desenvolver nessa realidade do Piauí na questão da desapropriação fundiária, na questão da organização e nós conseguimos desenvolver um pouco no aspecto econômico, nessa questão da estrutura, conseguimos desenvolver um pouco na área da educação e na área da cultura. (GFC, Assentado há 19 anos)

É possível inferir destes relatos que a vida no assentamento parece menos difícil do que a experiência anterior, com destaques para o acesso a água, a campo de trabalho, a educação escolar, mas é possível perceber também a certeza de que as conquistas foram resultado de muito trabalho, sem necessariamente alcançarem melhorias suficientes nas condições de vida. Quando o jovem explicita que possui uma casa, mas não muito boa, reflete sobre a importância de possuir moradia e que não está acessível a todas as pessoas, valorizando assim importância da conquista, mas reitera que a casa não é muito boa, o que sinaliza a certeza de saber que poderia ser melhor.

A nova composição social iniciada no acampamento se organiza de diferentes formas e depende de muitos fatores. No Assentamento Marrecas esta forma organizativa acompanhou as diretrizes adotadas pelo MST que de acordo com Bogo (2000)

O MST por sua natureza é um movimento de massas. Carrega em si uma enormidade de diferenças, hábitos, jeitos, métodos e comportamentos. (...) Acontece que as características do MST não admitem que se faça uma coisa isolada da outra (...) temos a cultura da organicidade. (...) A luta vai criando hábitos e jeitos que dão identidade à organização e aos poucos descobrimos que a cada passo construímos nossa existência, que chamamos de MST.(p.5)

A estrutura organizativa do MST, constituída na sua trajetória de lutas, encontra-se delineada na organização da comunidade em núcleos, formados por, em média, dez famílias; estes núcleos escolhem um homem e uma mulher para coordenar o grupo e escolhem também um representante para cada setor⁵¹; o grupo dos coordenadores e coordenadoras de núcleo e os representantes dos setores formam a coordenação do assentamento. Uma das principais funções da coordenação é discutir todas as atividades e ações referentes à vida da comunidade para encaminhar as decisões que são tomadas em assembléias gerais com as famílias.

Entretanto, a comunidade avalia que a organicidade, cultivada no período em que as famílias estavam acampadas, tem dificuldade em se manter, aspecto que na leitura dos/as assentados/as fragiliza a luta e pode comprometer a formação das crianças e jovens.

- A comunidade tem uma organização interna e uma das dificuldades maiores é fazer com que as pessoas participem, muitas vezes tem lá um núcleo com uma quantidade X de famílias, mas nem sempre aparecem lá nas reuniões, muitas vezes se é o homem e a mulher vai um e o outro não, mas eu acho assim que uma das dificuldades é de participar assim das reuniões. Quer dizer, nós temos uma comunidade participativa mas, ainda tem uma parte que não participa.(GFC, Assentado há 10 anos)

- *Quando a gente chegamos aqui na Marreca, o sistema de organização a gente era mais ágil, mais participativo e hoje é mais disperso né, quando você convoca uma assembléia, uma reunião da comunidade, só tem participação quando é pra falar de dinheiro e antigamente quando nós chegamos, era só a gente bater num chucão, numa enxada né e todo mundo chegava e ficava ali e hoje é diferente né e é com isso que a gente se preocupa com o futuro de amanhã né, essas crianças, jovens, pois tem jovens aí que participou um pouco desse processo e tem essas crianças que não participou né e então eu acho que, ao meu pensar, o futuro de amanhã a gente possa ter umas crianças aí pensando coisas diferentes né, a gente chegou num processo bem ativo né e amanhã a gente pode pensar em que sistema eles vão fazer pra ocupar uma terra, será que vão ocupar uma terra e é uma coisa que a gente se preocupa né, isso é uma coisa que pra nós MST é uma preocupação. Porque o MST só cresce se a luta tiver autêntica, se a gente chama pra uma reunião e todo mundo disperso aí a luta vai caindo né e pra mim é uma preocupação. (GFC, Assentado há 19 anos)*

Na Marrecas as estruturas de poder são mais horizontais, não há a figura do líder mas de diversos líderes, tanto mais antigos quanto mais jovens, a difusão de poder pode ser um diferencial que a faz crescer; a ampliação de espaços de participação, a organização coletiva, conflituosa e frutífera que coloca na arena as questões e busca formas de solucioná-las, a descentralização das instâncias de poder e o empoderamento juvenil estimulado por toda a comunidade propicia diversas experimentações.

- *Aqui nós temos a coordenação do assentamento que uma boa parte são jovens né, uns grupos organizados, a maioria são jovens, as assembléias são os jovens que coordenam, são várias coisas. (JP03, 21 anos, TPTV)*

É possível constatar que essa organicidade tem seus pontos de estrangulamento à medida que instaura um jeito de resolução de problemas e tomadas de decisões nem sempre possíveis, se analisados outros aspectos que envolvem as relações entre os sujeitos, como as de parentesco, por exemplo. Em diálogo com um jovem do assentamento ele me relatava sobre uma assembléia ocorrida que tratava da necessidade de decidir sobre a permanência ou não de um bar que foi construído na área destinada para ser a praça. Essa discussão foi feita nos núcleos e aprofundada na coordenação do assentamento que encaminhou para que a assembléia deliberasse sobre tal aspecto. Segundo o jovem, era consenso que o bar fosse retirado do local, mas na assembléia, as intervenções feitas por familiares e amigos do dono do bar possibilitaram que a decisão, praticamente aprovada nas outras instâncias deliberativas, fosse alterada com essa conjuntura.

Particpei também, no período da pesquisa em campo, de uma assembléia que teve como pauta a prestação de contas trimestral do pagamento das contas de água que é fornecida através de poço tubular movido a energia elétrica; o valor é dividido pelo número de pessoas do assentamento e a taxa geralmente não excede o valor de um real por pessoa. Nessa

assembléia havia um número reduzido de pessoas, sendo a maioria homens, mas me chamou a atenção o fato da assembléia ser coordenada por uma jovem de dezesseis anos que inicialmente falou a pauta e relatou os gastos, os valores recebidos e débitos ainda a serem quitados, por se tratar de uma assembléia para prestação de contas não houve muitas intervenções, mas apenas esclarecimentos. Entretanto, com desenvoltura e segurança a jovem conseguiu conduzir a assembléia.

Este processo de possibilitar aos/as jovens experimentar conduzir atividades que reúnem as famílias no assentamento pode ser um aspecto potencializador do envolvimento juvenil no cotidiano da comunidade.

A decisão sobre quem vai participar das atividades fora do assentamento, seja cursos, encontros, marchas, feiras, etc, são também discussões remetidas aos núcleos de família, estes sugerem os nomes para a participação nas atividades. Considero que esse aspecto contribui muito para que haja um envolvimento cada vez maior de pessoas do assentamento nas discussões locais, regionais e nacionais, principalmente da juventude. Isto não significa, porém, que todos estão envolvidos e participam das ações do MST.

A religiosidade é também um aspecto que acompanha as famílias desde a ocupação, visto ser uma ação conjunta do MST e setores da igreja católica não somente no Piauí, mas em todo o Brasil. O MST se organizou trazendo para suas lutas também a simbologia, os rituais que a igreja utiliza especialmente, a mística, que significa de acordo com Boff (1993)

o conjunto de convicções profundas, as visões grandiosas e as paixões fortes que mobilizam as pessoas e movimentos na vontade de mudanças, ou que inspiram práticas capazes de afrontar quaisquer dificuldades ou sustentam a esperança face aos fracassos históricos. Na mística político-social age sempre a utopia, aquela capacidade de projetar, a partir das potencialidades do real, novos sonhos, modelos alternativos e projetos diferentes de história. Geralmente são os oprimidos os portadores de novas visões, aqueles que, embora derrotados, nunca desistem, resistem firmemente e sempre de novo retomam a luta. O que os move são os sonhos de uma realidade nova. Por isso desfataliza a história, não reconhecem como ditado da história a situação injusta imposta e mantida pelas forças opressoras (p.7).

Nas ações que realiza o MST foi incorporando a mística como um dos elementos formativos dos/as trabalhadores/as. A simbologia atribuída às ferramentas de trabalho, as bandeiras, músicas, poesias, as representações teatrais do cotidiano de lutas, sofrimentos e conquistas, a homenagem a trabalhadores/as que morreram na luta pela terra, todos estes fatores parecem despertar o sentimento de pertencimento e de unidade que permite ao MST a organização em nível nacional e a empreitada em lutas ousadas.

As místicas são também espaços de ensinamentos e reflexões sobre os valores defendidos e almejados para toda a sociedade. A solidariedade, o companheirismo, o trabalho, a cooperação, o estudo, a preservação do meio ambiente, a amizade, a capacidade de se indignar diante das injustiças, entre tantos outros, comovem e convidam, estimulam a adoção desses valores no cotidiano, na vida individual e coletiva.

A partir das diversas atividades que participei percebi que a mística é um dos aspectos irradiadores da formação política do MST que se expressa no cotidiano da comunidade assentada. No início das atividades (seja na igreja católica, na Escola Paulo Freire) há sempre uma reflexão que convida a manter viva a chama da esperança, a possibilidade de retirar do sofrimento lições que podem ser transformadas em conquistas.



Fotografias 10 e 11 - Igrejas Católica e Evangélica construídas pela comunidade.



Fotografias 12 e 13 - Festejo de Nossa Senhora da Vitória ornamentada para celebração feita pela juventude.

Nas atividades programadas e ritualizadas no assentamento, as crianças, jovens, adultos e idosos vão fortalecendo os vínculos e os códigos, numa teia de relações, que os

fazem singulares nos ritos que estabelecem e iguais na necessidade desses rituais próprios do ser humano.

Apropriando-me da reflexão de Brandão (1983) sobre os ritos da folia de reis entre camponeses, é possível aproximar da religiosidade vivenciada no Assentamento Marrecas quando o autor observa que “o rito religioso recria, grandiosa e, ao mesmo tempo, afetiva, a ordem das relações entre as pessoas: pais e filhos, irmãos, compadres, outros parentes, vizinhos e companheiros”.

Todos (...) compartilham crenças e conhecimentos comuns. Pouca coisa pode ser improvisada, e é porque desigualmente se sabe o que vai acontecer e desigualmente se sabe como proceder, que o rito recria o conhecido e, assim, renova a tradição: aquilo que se deve repetir todos os anos como conhecimento, para ser consagrado como um valor comum. Renova um saber cuja força é ser o mesmo para ser aceito. Repetir-se até vir a ser, mais do que apenas um saber sobre o sagrado, um saber socialmente consagrado.
(p. 35)

A festividade da padroeira da comunidade, Nossa Senhora da Vitória é exemplo de um dos rituais organizados e vivenciados no Assentamento. É organizado anualmente o novenário, sendo cada noite de responsabilidade de um grupo, a escola, os núcleos de famílias, a juventude, etc. No que concerne a escolha da comunidade por adotar Nossa Senhora da Vitória como padroeira, as jovens explicam que tal escolha ocorreu porque

- ela simboliza as vitórias que conquistamos, a terra, a colheita, a escola, uma vida melhor, a energia, tudo que tem aqui, o hino de Nossa Senhora fala disso, veja, Nossa Senhora mãe da vitória e mãe da igreja do Piauí, a vós pertence a nossa história e as vitórias que hão de vir. Entendeu? Assim além das vitórias tem também essa questão de ser a padroeira do Piauí né. (AJ01, 19 anos, TPF)

- Dona Antônia⁵² me falou que foi assim, quando eles vinham em cima do carro aqui pra ocupação que eles vieram uns de caminhão né, eles quando tava chegando em Oeiras avistaram aquela imagem que tem em cima do morro, a de Nossa Senhora da Vitória e eles pediram pra ela dar a graça de conquistar a terra e se eles fossem atendidos eles iam construir uma igreja e ela seria a padroeira, ela atendeu né e nós temos aqui agora essa igreja. (AJ02, 17 anos, TPF)

Nestes relatos é possível observar como a memória coletiva é repassada de uma geração a outra. Nos diálogos com os/as jovens este é um aspecto sempre presente, ou seja, para sustentar as informações por eles não vivenciadas, referenciam suas afirmações com frases do tipo “meu pai me disse...eu sei pelo que minha vó falou”, numa clara alusão às informações contadas por parentes.

160

⁵²Dona Antônia é uma referência no Assentamento, ela atuou ativamente para a construção da igreja, sendo uma das responsáveis pela condução das celebrações atualmente.

Pistas de como os/as se posicionam sobre essa religiosidade podem ser evidenciadas nos depoimentos a seguir:

- No início aqui da Marrecas, que eu soube, o MST ele era ligado com a igreja, com as CEBs, com a religião, então isso veio muito presente aqui pra Marrecas, então as pessoas elas continuaram essa cultura e influenciaram seus filhos, tem alguns que não vão pra igreja pras celebrações, porque aqui tem todo domingo celebração, aí tem o novenário agora em agosto e então enche a igreja, até quem passa o ano sem ir pra igreja no novenário vai, então acho que foi isso, essa ligação que já vem do trabalho de base da ocupação esse vínculo com a igreja católica. Tem gente aqui do assentamento que é ateu, assim os que são ligados mais ao movimento, mas eu acho assim a gente não pode querer mudar isso de uma vez, nem sei se precisa tirar porque a gente consegue assimilar essa questão da realidade e fazer uma ligação com a religiosidade, e que aqui tem muitas pessoas inteligentes assim pra fazer essa discussão de a religião ser discutida na ligação com os problemas da gente e ninguém atrela a religiosidade ao comodismo, de você ficar acomodado em casa, mas que pede pra ação. Então os jovens tão dando continuidade ao que os pais, os avós, a família deles ensinou desde pequenos, porque isso sempre teve aqui. Olha no coral tinha mais de 20 jovens homens e mulheres, agora é só meninas e o número é um pouco menor. Eu nunca deixo de participar e me preocupo quando o número de jovens tá pequeno. (AJ01, 19 anos, TPF)

- Num curso que eu fiz, pelo Movimento, lá no Rio Grande do Norte tinha um professor que ele já tinha sido padre e hoje é ateu, era professor de filosofia, então eu fiquei muito com dúvidas nessa questão de acreditar ou não acreditar em Deus, aí quando eu cheguei aqui eu não queria ir pra igreja, eu ficava em dúvidas, aí eu tive conversando com as meninas aqui e elas me falaram que a gente acredita porque é uma cultura dos nossos pais e não ia deixar de ir pra igreja só porque algumas pessoas não acreditavam e que é uma coisa que a gente vive no dia a dia. (AJ01, 19 anos, TPF)

- Tem a católica e a assembléia de Deus mas a juventude segue mais a católica por influencia dos pais e avós eu acho que não porque acha que a religião muda as coisas mais porque já é uma influencia dos pais. (JP01, 22 anos, TPF)

- A igreja aqui mobiliza é, muito as pessoas do assentamento, com certeza, eu me lembro das assembléias do início do acampamento, muita gente, aí vai mudando, né, vai diminuindo o número de pessoas que vai pra reunião tal hoje as assembléias dá menos gente e nas celebrações nos domingos e missas, todos os segundo sábados do mês tem missa é lotada a igreja, se tiver missa todo dia é lotado, era assim desde o acampamento e hoje ainda , e a equipe da igreja daqui trabalha bem isso e os jovens vão pra igreja, são catequistas, são comentaristas, lê as leituras, faz a reflexão do evangelho, os jovens canta no coral, participam das liturgias, faz campanhas pra melhorar o visual da igreja, ou seja, acho que uns 80% das pessoas que participam das atividades da igreja são jovens, não é dizendo que os velhos não participam né, mas os jovens também tão lá. (JP03, 21 anos, TPF)

Compreendi a partir das falas juvenis e da participação em alguns momentos das festividades religiosas do Assentamento que a participação da juventude na igreja (e nesse caso a católica) se configura em mais um espaço de sociabilidade juvenil no qual os/as jovens têm a possibilidade de expressar seus potenciais no canto, nas leituras, participando de cursos dentro e fora do assentamento. Foi possível ainda perceber que a inserção numa atividade religiosa possibilita o ingresso em redes de solidariedade que fornecem suporte emocional e material em situações de dificuldade.

É curioso também as diversas e por vezes antagônicas experimentações vivenciadas pelos/as jovens. Na fala da jovem sobre a participação em um curso do MST no qual a religiosidade foi questionada por um professor, o que desestabilizou, momentaneamente, a fé da jovem, mas no círculo de amigas essa dúvida se desfez quando da posição das amigas da continuidade da crença, acionando inclusive, a tradição familiar.

Constatai, a partir da pesquisa, que os núcleos de famílias são a base da estrutura organizativa do assentamento e também um dos pilares na construção da comunidade tal qual se apresenta atualmente. Ou seja, esses núcleos se constituem em espaços de socialização política e de novos aprendizados, e que colaboram para formação do sentimento de pertencimento ao espaço que estão construindo (FERNANDES, 1999). Observando tal relevância, é fundamental a análise da convivência juvenil junto à família. Que destaques foram lançados pelos/as jovens? O que externalizam das relações familiares?

3.1.2 Juventude e relações familiares: diferentes leituras

Toda sociedade vive porque cada geração nela cuida da formação da geração seguinte e lhe transmite algo da sua experiência, educa-a. Não há sociedade sem trabalho e sem educação. (KONDER, 2000, p. 112)

As redes familiares foram centrais na ocupação do assentamento. A maioria das famílias que residem na Marrecas souberam da ocupação através de parentes que estavam engajados em sindicatos, associações e outros movimentos que ao saberem da mobilização, convidaram seus familiares, irmãos, cunhados, vizinhos, que viviam a mesma condição de sem terra. Carvalho (1999), em estudo realizado sobre os processos recentes de constituição dos assentamentos rurais no país, identificou que as relações de vizinhança e parentesco, especialmente, desempenham um papel fundamental na conformação desses territórios.

Este aspecto da formação do assentamento corrobora com as falas dos/as jovens sobre a vivência coletiva, de tranquilidade e harmonia entre as pessoas da comunidade. Entretanto isso não significa a ausência de conflitos.

A família, instituição tradicional da socialização humana, tem importante papel na formação dos/as jovens. Bourdieu (1996) observa que a família é uma ficção bem fundamentada que foi inventada recentemente, entretanto, na sua naturalização como instituição é descrita por institutos governamentais como “um conjunto de indivíduos aparentados, ligados entre si por aliança, casamento, filiação, ou, excepcionalmente, por adoção (parentesco), vivendo sob um mesmo teto (coabitação)”. (p.124)

Nesta acepção, a família se naturaliza como fundamental da vida em sociedade, sem a qual é difícil pensar o processo de formação humana, uma vez que está no imaginário social que uma das atribuições da família é o cuidado entre os familiares e especialmente para com as crianças e jovens no seu desenvolvimento psicossocial, o que significa também a ligação do espaço familiar com os vínculos afetivos duradouros.

A família é uma espécie de matriz que permeia todas as esferas do social: a da política, através do clientelismo e do populismo; e das relações de trabalho e de poder, onde o favor e a alternativa da violência preponderam nos contratos de trabalho e na formação dos feudos políticos, muito mais que a idéia de direitos universais do cidadão; e pro fim nas próprias relações interpessoais em que a personalidade “cordial” do brasileiro impõe pela intimidade e desrespeito a privacidade e independência do indivíduo. Além disso, a matriz da família patriarcal, com sua ética implícita dominante, espalhou-se por todas as outras formas concretas de organização familiar, seja a família dos escravos e dos homens livres no passado, seja a família conjugal mais recente. (ALMEIDA, 1987, p.55-6)

Assim, compreendo a família como uma construção social que dá suporte aos processos formativos do ser humano, sendo um dos principais agentes de socialização, produtora e reprodutora de culturas e ideologias sociais sofrendo influências e influenciado a sociedade. “A família exerce, desse modo, um papel determinante na manutenção da ordem social, na reprodução, não apenas biológica, mas social”. (BOURDIEU, 1996, p.131)

O papel determinante da família para formação social foi destacado pelos/as jovens do Assentamento Marrecas que a reconhecem como importante para suas vidas. A ênfase foi o diálogo ou a ausência dele no ambiente familiar.

- A convivência assim com minha família é boa estou sempre conversando com eles sobre os assuntos do dia a dia que acontece aqui e no mundo.(AJ03, 19 anos, TPTV)

- Acho que como todas as outras, em relação aquelas discussões, mas a minha família são pessoas que eu quero estar sempre com eles.(AJ02, 17 anos, TPTV)

- Muitas vezes eu esqueço que a família é a base de tudo, perco a paciência e me torno incompreensiva, mais apesar de tudo eu adoro a minha família. (AJ05, 15 anos, TPTV)

- Eu acho assim que pelo fato de logo na adolescência a gente tá iniciando a descoberta de novas coisas né, por exemplo, a fase do namoro e a vontade de querer ir pras festas, querer se arrumar, dentro de minha casa a gente viveu muito isso e a convivência não assim pro lado da mãe mas, pro lado do pai ela é complicada porque as vezes ele partia pra cima da gente com ignorância principalmente por causa disso que as meninas falaram por não ter o conhecimento que a gente tem hoje, isso acaba desestruturando a família por causa também da rebeldia do jovem que as vezes deixa de obedecer o pai ou a mãe e vai escutar uma outra pessoa. Isso pode atrapalhar muito o relacionamento. (GFJ01, 21 anos)

As dificuldades quanto ao diálogo entre os jovens e seus familiares também foi apontada pelos pais e educadores quando da técnica de grupo focal. Existe a compreensão de que é necessário estabelecer o diálogo, mas, os conflitos são comuns.

- Eu vi um dia uma mãe desses jovens que gostam de colocar esses sons aí na rua aí né, vinha reclamando o menino, e eu sentado lá no muro e vendo aquele jeito né, ela reclamando né e ficaram em tempo de se pegar né, ela queria uma música e ele queria outra e ela dizendo: mas essa música que você tá ouvindo é de cabaré, é musica de não sei o quê, e ele não tava nem aí com a mãe, então eu acho que a escola deveria bater nessa questão, trabalhando isso aí né, porque a escola é onde o jovem tá, eu sei que não dá jeito mas pelo menos leva uma coisa mais razoável.(GFC, Assentado há 19 anos)

- Eu também pela minha própria experiência tenho jovem em casa, olha é complicado a gente lidar com jovem, logo eles tem uma certa fase que se você não tiver um pulso muito forte ele é capaz de lhe dominar né, as vezes eu tenho um que as vezes ele quer fazer o que quer mas não é assim tem que barrar, agora assim com relação a violência acho que aqui dentro do assentamento a gente nunca ouviu falar de brigas entre pais e filhos mas as vezes assim a gente fala o jovem não quer atender, você sabe assim jovem é um pouco rebelde que fazer um pouco o que quer.(GFC, Assentada há 14 anos)

- Olha acho que é assim, nessa questão do diálogo há um distanciamento da família com o jovem, principalmente por conta dos pais não saberem como fazer esse diálogo por conta do jeito que nossos pais nos criaram, nossos pais não tinham esse diálogo e eu vejo assim a falta da gente não saber falar com eles sobre o mundo, eu percebo isso e nós estamos necessitado de fazer esse diálogo viu.(GFC, assentado há 10 anos)

- As dificuldades tão crescendo assim e eu vejo assim lá em casa que mesmo os filhos tando tudo grande já, eu tenho essa dificuldade de conversar, não sei se é uma cirimunha, ou não sei se é um certo, ou o jeito que eu fui criado mas eu sei que é um cultura difícil, eu sei que os pais mais novo vão ter aquele jeito mas os pais da minha idade né tem dificuldade, mas é uma dificuldade que agente se comporta né, não tem muita alteração até hoje num chegou assim a altura de haver alteração, só que é como ele falou não sei até quando vai ser assim mas o certo e que com os tempos passando pode acontecer coisas graves, eu não digo nem muito longe porque as tecnologias tão aí ensinando de um tudo pros jovens e se a gente não cuidar, sei não. (GFC, Assentado há 19 anos)

A falta de comunicação entre jovens e família se amplifica quando se refere ao diálogo do pai com a filha. Aspecto que foi destacado pelos pais e também pelas jovens, sinalizando o reconhecimento das limitações.

- Acho que essa questão já é uma questão cultural e eu trabalho como professor e tenho essa dificuldade de diálogo com minha filha, acho que com o filho é mais fácil, mas com a filha fica meio acanhado e aí agente encarrega a mãe (risos). (GFC, assentado há 10 anos)

- Olha isso aí é verdade viu, do pai ter mais dificuldade de conversar com as filhas. Lá em casa outro dia, uma de minhas filhas pediu pro pai dela trazer um sutiã com alça de silicone e ele disse “o que é alça de silicone menina? Eu sei lá o que diabo é isso, pra que é que tu quer sutiã se nem peito tu tem ainda “aí ela levantou a blusa e disse assim olha aqui pai eu tenho olha o tamanho e ele ficou agoniado e disse baixa minha filha essa blusa, baxa minha filha! (risos)muié cuida dessas meninas mulher! Ele ficou doidinho (risos).(GFC, Assentada há 19 anos)

A família rural brasileira estrutura-se no modelo patriarcal em que a autoridade do homem sobre a mulher e os/as filhas ainda é culturalmente hegemônica. Entretanto, Castells (1999) afirma que o patriarcalismo, predominante nas comunidades rurais, “é uma das estruturas sobre as quais se assentam todas as sociedades contemporâneas” (p.169). Mas, a família baseada neste modelo vem enfraquecendo e, mesmo no meio rural, as mulheres conquistam relativa liberdade e independência, os/as jovens também se destacam, especialmente pela contribuição como força de trabalho na unidade familiar.

- Eu vejo assim que há um tempo atrás o jovem não tinha esse poder de discutir assim a relação com a família, hoje eu vejo que meu pai, minha mãe me perguntam sobre as coisa que eles vão fazer, se dá certo eles fazerem as coisas, antes eles não perguntavam, não interessava a opinião do jovem. Hoje eu vejo que muitos pais tem o relacionamento diferente com os jovens. (GFJ03, 22 anos)

- Eu vejo assim uma confiança que os pais colocam nos jovens porque agente analisando como era antes principalmente, quando era pra sair pra alguma atividade, pra alguma diversão fora, antes os pais não tinham assim confiança, principalmente assim mulher né (risos), a gente tinha que implorar desde o início da semana, eu ainda cheguei por essa fase quando era um pouco mais jovem, mas assim, vejo isso diferente não só o jovem mesmo, mas os mais novos os pais passam essa confiança de deixar ir pra uma atividade fora, sem ter medo, sem precisar ir atrás né, acho que a relação do jovem com a família é de mais confiança, os filhos passam para os pais a responsabilidade que eles tem e os pais passam a confiar mais nos jovens. (GFJ02, 20 anos)

Mudanças nas relações familiares, como as separações, o distanciamento físico entre pais/mães e filhos/as, alteram o relacionamento e são destacadas pelos/as jovens como aspectos que dificultam a convivência e possibilita a perda de um referencial, considerado importante na formação humana.

- Então desde criança a gente aprende muito né com a família e eu vivia com meus pais e eles se separaram (silêncio) e eu gostava muito dessa vivência familiar e ultimamente discutimos bastante por causa da separação deles, vivemos em casas diferentes, mas o amor continua o mesmo. (AJ01, 19 anos, TPTV)

- Nossa relação nem sempre é a melhor, na minha família somos um pouco distantes, são separados (pai e mãe), mas amamos uns aos outros. Gostaria que fosse melhor. (AJ06, 14 anos, TPTV)

- Eu vejo assim que antes era mais fácil trabalhar essas questões assim porque os pais ainda conviviam mais com os filhos no trabalho, mas hoje o filho vai pra escola o pai vai pra roça e essa relação tá mais distante eu acho que a culpa não é do pai ou do filho mas a gente tem que pensar um projeto que ajude nessa aproximação e esse projeto não pode ser só da escola, ou só de resolver com os pais mas de pequeno, se você deixar pra conversar só quando ele já é adolescente aí vem essa dificuldade que não é só com os pais, nem só na escola, não é só na Marreca, é geral, é na sociedade e a mídia contribui muito pra isso, ela dita tudo e visualmente isso é muito forte e o jovem quer tudo que a mídia vende. (GFC, Assentada há 19 anos)

É possível inferir que as relações familiares no assentamento, a exemplo da sociedade brasileira, são um misto de conflitos e entendimentos. Sendo que a maioria dos/as jovens

pesquisados destacam a boa convivência e a busca constante do diálogo no ambiente familiar. Os vínculos intergeracionais vêm sendo alterados por intensas e aceleradas transformações socioculturais na sociedade. Essas alterações têm modificado as formas de articulação entre as diferentes gerações. A possibilidade de trocas de informações dos/as jovens na família e de influenciar seus pais é um aspecto destacado como positivo pelos jovens favorecendo que as relações entre as gerações de fortaleçam.

Ademais, é possível perceber ainda que a família é uma das principais referências juvenis, lugar onde se formam, constroem valores e vínculos afetivos, vivem desentendimentos e conflitos. Soma-se à família a importância delegada à educação escolar, conforme discutiremos em seguida.

3.1.3 A educação formal no Assentamento Marrecas: interface entre a escola e o MST



Fotografia 14 - Entrada da Escola Paulo Freire Fotografia 15 - Jovens nos cursos técnicos em São João do Piauí

- Cheguei no assentamento com 3 anos e agora tenho 22 anos e quando a gente veio pra cá, nesse período de 89 eu era muito novo, mas aí depois eu comecei a estudar aqui no assentamento mesmo até a oitava série, depois conquistamos o ensino médio e eu continuei, fiz o ensino médio e depois fiz o magistério, mas isso tudo por influencia do MST, tudo por conta do MST. A educação escolar não é tão avançada quanto a gente precisa, mas a da cidade também é assim.(JP01, 22 anos, TPF)

A fala do jovem oferece elementos para a reflexão sobre qual o lugar ocupado pela escola e pelo MST na comunidade e na vida dos/as jovens, principalmente os que participam de atividades desenvolvidas pelo Movimento. O destaque à conquista da escola oferecendo condições de prosseguir nos estudos indica que as lutas empreendidas coletivamente vêm possibilitando que crianças, jovens e adultos possam ter acesso à educação formal. Por outro lado sugerem também que essas conquistas ocorreram mediadas pelo movimento social. Qual o lugar ocupado pela educação escolar no Assentamento Marrecas?

As conquistas no âmbito da educação formal no Assentamento Marrecas vêm ocorrendo a partir de muitas lutas. As famílias se mobilizaram e pleitearam junto ao município de São João a escola de ensino fundamental. Nesta investida por acesso a um direito garantido constitucionalmente, a educação escolar que, conforme explicita o relato a seguir, é considerada a base de sustentação do ser humano.

- Em 1989 quando ocupamos a terra no segundo dia já falavam da educação das crianças e também dos jovens e adultos. Como sabemos a base de sustentação do ser humano é o conhecimento, não podia ficar para depois a discussão da educação no acampamento. Como seria, não tinha escola, a educação se dava no meio em que as crianças viviam, elas já participavam, faziam animações, agitava junto com os pais. Nas assembléias se discutia a necessidade de uma escola para as crianças e para os jovens e adultos, no barracão de palha e bancos improvisados. (GFC, Assentada há 19 anos)

As famílias acampadas ao demonstrarem a preocupação com o acesso das crianças à educação escolar destacam a importância que este tipo de educação adquiriu ao longo do tempo no Brasil, sendo incorporado como um dos pilares de luta de movimento populares (SPOSITO, 1984, 1993; BOMFIM, 1991). De acordo com Brandão (1983, p. 223) “O ensino escolar, desnecessário ou pouco relevante no *tempo antigo* é importante, quando não absolutamente essencial, na cidade e mesmo *na roça* hoje em dia” (grifos do autor).

- No acampamento tinha pessoas com experiência em sala de aula que se dispôs a trabalhar voluntariamente. As crianças se reuniam todos os dias não tendo como acomodarem sentados, parte ficava de pé. Em poucos dias, já tinha uma escola que dava para funcionar, mas precisava ser reconhecida no município pela secretaria de educação, para isso teria que dar um nome, a comunidade se reuniu para discutir e viram que tinha um nome histórico que marcou a vida no acampamento, era da criança que tinha falecido a poucos tempos atrás seria esse o nome para registrar a escola do acampamento, Amadeus Carvalho, escolhido pelo povo acampado. Então fomos a pé para São João do Piauí para uma ação pela primeira vez ocupar um prédio da prefeitura da cidade levando algumas crianças, pais e outras pessoas do acampamento, aí foi a pé andando 30 Km até a sede do município de São João do Piauí. A pauta era a legalização da escola do acampamento e só voltamos com o resultado do concreto da ação que durou três dias de 5 a 7 de dezembro de 89, a escola foi registrada com direitos a benefícios como merenda escolar e liberação financeira para as educadoras que trabalhavam voluntárias e os primeiros pagamentos eram gastos em benefício de todo grupo, usado na compra de alimentação para o acampamento. (GFC, Assentada há 19 anos)

A descrição da luta por escola, empreitada pela comunidade, demonstra a importância que as famílias depositam no ensino formal, visto que há no imaginário coletivo a importância em destaque da escola. Damasceno (2006, p.124) reitera que “a luta pela escola do trabalhador rural está intimamente vinculada à luta pela superação das desigualdades sociais”, visto que no Brasil, o meio rural apresenta os mais baixos índices de escolaridade. O

analfabetismo desta população na faixa etária acima de 15 anos chega a 29,8%⁵³. Este índice é quase três vezes maior do que o constatado na zona urbana, cujo percentual é de 10,3%, o que demonstra a negação à população do campo do direito ao acesso e permanência na escola, sendo que somente 2% dos jovens, que moram no campo, freqüentam o ensino médio. (IBGE, 1998).

O alto índice de analfabetismo no campo e na cidade são indicadores de um quadro de não priorização do poder público em relação à educação escolar. Mas é pertinente ressaltar que, é no campo onde se encontram não só indicadores educacionais menores do que os da zona urbana, mas também, em muitos outros aspectos, a falta de políticas públicas básicas que são imprescindíveis para as pessoas que ali constroem sua existência.

Esse panorama é resultado de um processo econômico, social, cultural e histórico que marca as políticas educacionais traçadas em nosso país e nos é dado, como herança, um quadro de precariedades no funcionamento da escola rural. Apoiado na idéia da cidade como o espaço do progresso, para a qual todas as pessoas deveriam se direcionar e no fim do campesinato, razões que levam à marginalização do campo quando da formulação e implementação de políticas públicas.

O poder público apresenta os dados oficiais dessa política que coloca o campo como apêndice da cidade ao divulgar que “as escolas rurais apresentam características físicas bastante diferenciadas das escolas urbanas. E continua elencando os aspectos que vão desde as condições de infra-estrutura até a formação e valorização dos profissionais da educação do meio rural. Em termos de recursos disponíveis, a escola rural ainda é bastante carente, considerando o número de salas de aula nas escolas urbanas: 75% daquelas que oferecem o ensino fundamental tem mais de 5 salas de aula, em contraposição, na zona rural, 94% das escolas tem menos de 5 salas de aula. (Fonte MEC/INEP, In Caderno de Subsídios, 2003, p. 22 - 23)

No que se refere aos recursos disponíveis na escola do campo, 21% não possuem energia elétrica, apenas 5,2% dispõem de biblioteca e menos de 1% oferece laboratório de ciências, de informática e acesso a internet. A escolaridade dos professores é também um aspecto revelador da condição de carência da zona rural. Dos professores que trabalham com o ensino fundamental de 1ª a 4ª série, no campo, apenas 9% tem formação superior e 8,3%, ou seja, 18.031 professores têm formação inferior ao ensino médio e isso sem considerar aqueles

que, mesmo tendo formação em nível médio, não são portadores de diploma de ensino médio normal. (Fonte MEC/INEP, In Caderno de Subsídios, 2003, p.24-26).

Assim, levando em consideração a forma como essa educação se organiza ela pode ser, ainda, a negação do mundo rural (Brandão, 1983; Martins, 1974). O MST, porém, aposta numa escola que contribua para a afirmação desse mundo, na medida em que fomenta a cultura camponesa, trazendo para as práticas escolares seus saberes e riquezas. Assim, o Movimento também busca redefinir a função da escola, numa visão diferenciada daquela que propunha a fixação do homem ao campo. Sua concepção valoriza elementos da cultura camponesa nos programas de ensino, dando novo sentido à escola dos assentamentos e acampamentos, integrando-a num projeto amplo de educação da população camponesa, concepção que no Assentamento Marrecas se desenvolve, mesmo com dificuldades.

- Aqui na Marrecas a gente vê assim na escola que ainda é muito voltado pra essa questão da cidade, mas nós já mudamos muita coisa, a escola ela tá mais voltada também pros nossos problemas, pra nossa história e só essa questão da escola já tá preocupada com essa questão da mudança, de perceber os problemas que a escola tem já altera e mesmo não sendo o assentamento todo que percebe isso, nós vemos assim uma consciência de querer melhorar as coisas, mesmo que isso tenha que ser puxado por algumas pessoas. (AJ01, 19 anos, TPF)

O depoimento da jovem sobre a educação escolar oferecida e as ações para torná-la mais próxima da realidade vivenciada, possibilitando o alargamento da ação escolar, é uma bandeira defendida não somente pelos movimentos sociais do campo, mas por movimentos também da cidade. A fala oferece indícios da participação juvenil nas discussões sobre a educação escolar, com destaque para a leitura da jovem sobre a importância da educação escolar se vincular aos interesses da comunidade.

As discussões destes movimentos situam a escola na fronteira dos direitos oferecendo, deste modo, ferramentas de lutas, pois os direitos são constitutivos dos seres humanos, independente do espaço onde habitam. Nesse sentido, Arroyo (2004) analisa que:

Quando situamos a escola no horizonte dos direitos, temos de lembrar que os direitos representam sujeitos – sujeitos de direitos, não direitos abstratos - que a escola, a educação básica tem de se propor a tratar o homem, a mulher, a criança, o jovem do campo como sujeitos de direitos. Como sujeitos de história, de lutas, como sujeitos de intervenção, como alguém que constrói, que está participando de um projeto social. (p.74)

Nesta perspectiva, o MST vem discutindo com outros movimentos sociais do campo (MPA; MAB; CONTAG) com organismos como o Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), Organização das Nações Unidas para a Educação (UNESCO) e instituições

públicas de ensino superior como a Universidade de Brasília (UnB), dentre outras, a construção de outro paradigma de campo, e conseqüentemente, de educação escolar. Esta construção foi denominada de Articulação Nacional “Por uma Educação do Campo”, que realizou conferências nacionais⁵⁴ e encontros estaduais para discutir a situação da educação no meio rural brasileiro, visando a superação dos problemas enfrentados.

As lutas coletivas desses movimentos sociais camponeses, e neste bojo o MST, influenciam na construção de políticas públicas e possibilitam avanços. Exemplos substanciais desta assertiva foi a criação em 1997 do PRONERA (Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária), e em 2002 a aprovação das Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo em Resolução do Conselho Nacional de Educação – CNE e da Câmara de Educação Básica – CEB Parecer nº 36/2001 e Resolução Nº 1 de 03 de abril de 2002. Nesse período, outros movimentos sociais e sindicais também pautam em suas organizações a Educação do Campo e o movimento⁵⁵ adquire maior visibilidade.

É ancorado neste horizonte que o MST vem pleiteando junto às instituições públicas de ensino o direito de acesso à educação escolar de sua base social. Nesta investida tem garantido que muitos de seus sujeitos que dificilmente teriam oportunidade de estudar para além do ensino fundamental ou no máximo o ensino médio, possa prosseguir os estudos.

O MST apresenta em seus documentos e cadernos de educação sua organização no âmbito educativo para além da escola sendo que para este movimento, conforme explica Caldart (2004)

não é possível compreender o sentido da educação no e do MST, se o foco do nosso olhar permanecer fixo na escola. Somente quando passamos a olhar o conjunto do Movimento, e com a preocupação de enxergá-lo em sua dinâmica histórica (que inclui a escola), é que conseguimos compreender que a educação pode ser mais do que educação, e que escola pode ser mais do que escola, à medida que sejam considerados os vínculos que constituem sua existência nessa realidade. (p.221-222).

As lutas pela educação escolar vêm garantindo conquistas importantes que vem ocorrendo paulatinamente, em consonância com os anseios da comunidade. A primeira foi ainda no período da ocupação quando as famílias conseguiram garantir que a escola

⁵⁴ Já ocorreram duas Conferências Nacionais “Por uma Educação do Campo” realizadas em Luziânia, respectivamente em julho de 1998 e agosto de 2004.

⁵⁵ Participam amplamente deste debate e das lutas para a elaboração e aprovação das Diretrizes vários segmentos da Sociedade Civil, dentre estes destacamos, a Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura – CONTAG, O Movimento dos Atingidos por Barragens – MAB, O Movimento dos Pequenos Agricultores – MPA, a Associação Nacional das Escolas Família Agrícola do Brasil – ARCAFA, e o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra - MST

funcionasse no acampamento, pois uma das posturas adotadas pelo agente público é de que não é possível garantir serviços em áreas que não são regularizadas. Como a comunidade apresentou, de antemão, as condições mínimas de infra-estrutura e ainda ocupou o prédio da prefeitura para pressionar o poder público, lograram êxito na ação empreendida e garantiram educação escolar na comunidade.

O acesso à educação escolar no Brasil vem ocorrendo, muitas vezes, a partir das reivindicações da sociedade e, no Assentamento Marrecas, é resultado do processo de organização das famílias que se mobilizaram para a garantia desse direito. Sacristán (2001) destaca que a educação escolar ganha proporções na sociedade moderna sendo “apresentada como uma condição do progresso material e espiritual dos indivíduos e da sociedade, não sendo discutida por ninguém” (p.15). É consenso, portanto, que a educação escolar é fundamental e todos os grupos sociais a valorizarão por diferentes interesses e perspectivas.

(...) alguns querem educar seus filhos e a eles mesmos para melhorar suas condições de vida; outros consideram a educação como valor para uma vida mais digna; outros, como meio para evitar a humilhação por eles sofrida pelo fato de serem analfabetos e manipuláveis; outros entendem ser uma oportunidade para relacionar-se com pessoas de uma categoria social superior à sua; alguns podem apreciá-la como instrumento de manutenção de seus privilégios; outros vêem nela a oportunidade de desfrutar do conhecimento, do saber; outros a consideram um instrumento para a produtividade econômica; alguém a entende e governa para dar maior coerência social a um país; outros a vêem como oportunidade para doutrinar e criar seguidores para suas causas; outros apreciam nela o instrumento para afiançar uma identidade cultural determinada, impor um idioma, difundir mitos, visões do mundo, etc; outros a entendem como a oportunidade para alcançar tudo isso ao mesmo tempo; para muitos aspirantes a professor, é a oportunidade de poder trabalhar; os especialistas do discurso a cantarão como se tratassem de uma divindade laica e até a denegrirão por trair tal ideal. (SACRISTÁN, 2001, p. 21-22)

Desde então, outras conquistas se seguiram, não sem a reivindicação e enfrentamentos constantes. O Assentamento Marrecas é o primeiro no Piauí a possuir uma escola que atende toda a educação básica, ou seja, oferece educação infantil de 03 a 05 anos, o ensino fundamental, a EJA e o ensino médio, este especificamente, a partir de 2003. Da mesma forma que nos outros lugares, a educação infantil, fundamental e EJA são de responsabilidade do Município e o ensino médio do Estado. Por isso, no prédio que leva o nome de Paulo Freire também abriga a Escola Municipal “Amadeus Carvalho”.

Este fato ocorre por uma decisão da comunidade de não retirar o nome da Escola de ensino fundamental “Amadeus Carvalho”, primeira conquista, que funcionava no Galpão Comunitário até a construção da Escola “Paulo Freire” e o regime de colaboração

estabelecido entre o Estado e o Município de São João. Ou seja, até a construção do prédio atual, os níveis de ensino funcionavam em locais diferentes, o galpão abrigava a escola de ensino fundamental nos três turnos e o ensino médio funcionava à noite em residências desocupadas nesse assentamento.

A escola construída com recursos do Projeto Escola Ideal do governo federal possui 6 salas de aula, refeitório, laboratório com 12 computadores, biblioteca(em construção), máquina de copiar, retroprojetores, TV e vídeo. A escola não possui quadra de esportes e os computadores não dispõem de acesso à internet. Segundo a diretora da Escola “Paulo Freire”, a reivindicação já foi formalizada através de abaixo-assinado para a Secretaria de Educação.



Fotografias 16 e 17 - Crianças e Jovens na Escola “Paulo Freire”.

Trata-se de uma escola que atende crianças, jovens e adultos do assentamento e de outras comunidades rurais circunvizinhas. Sendo a maior escola, situada no campo, em espaço físico e em número de alunos do Município de São João. Saldos dessa conquista podem ser visualizados nos números apresentados; 06 turmas já concluíram o ensino fundamental e 03 turmas o ensino médio totalizando, respectivamente, 207 e 76 concludentes. Em 2008, havia 221 alunos matriculados no ensino fundamental e 80 no ensino médio. Os/as jovens ao se referirem à escola e as aprendizagens ali construídas destacam como um fator importante a possibilidade de contribuir na gestão. Enfatizam que depois do espaço familiar a escola é a principal referência para eles/as.

- A escola é o meu segundo lar, somos todos companheiros, eu considero todos da escola como a minha segunda família. (AJ05, 15 anos, TPF)

- *É uma relação extremamente aberta, onde nós temos autonomia de discordar e propor. O que nós aprendemos na escola com certeza é um exemplo de uma sociedade justa e para a nossa comunidade é de grande ajuda é na escola que são formados sujeitos com a capacidade de discernir o certo do errado, de ter um pensamento ideológico que tem enorme contribuição na nossa sociedade. (AJ02, 17 anos, TPF)*

- *O estudo é útil no campo porque precisamos do ensino em quase tudo o que fazemos sem o ensino não somos nada nem no campo nem na cidade. (JP04, 15 anos, TPF)*

- *É, mas nem tudo, porque tem muita prova decorativa que depois a gente acaba esquecendo o que estudou, mais tem sempre alguns educadores que se preocupa com conteúdos de acordo com a nossa realidade. (AJ03, 19 anos, TPF)*

Estas falas oferecem indícios de que a educação escolar do Assentamento é muito valorizada e compreendida como possibilidade de ampliação de oportunidades. Os/as jovens demonstram relativa insatisfação quanto ao processo avaliativo centrado na memorização dos conteúdos, aspecto evidenciado também nas escolas urbanas. É possível também constatar que ela “é compreendida como o lugar da contra-educação rural, ou seja, como o lugar onde a criança aprende para poder deixar de *lidar com a terra*”. (BRANDÃO 1983, p.222).

- *Eu aprendi que sem os estudos eu não sou nada, que o campo é melhor para morar e a cidade para trabalhar por causa das oportunidades e sei que tudo que eu tô estudando vai servir muito para a faculdade, mestrado, pra vida aqui não sei. (AJ07, 13 anos, TPF)*

É possível inferir, a partir do depoimento, que a escola, assim como ocorre também na cidade, reforça a importância do ensino propedêutico, desvinculado da vida, à medida que reforça a aprendizagem para um futuro, nem sempre visualizado pelos/as jovens. Nesta perspectiva, a escola, mesmo localizada no campo, levando em consideração a forma como essa educação se organiza, pode ser a negação do mundo rural (Brandão, 1990). A escola, dessa forma, no seu processo de ensino pode colaborar para a saída do campo.

A maioria dos/as professoras/es reside e estão inseridos/as nas atividades cotidianas do assentamento, alguns vieram ainda no período da ocupação e outros que após a experiência de trabalho, constituíram família e são, atualmente, assentados/as, aspecto que favorece a aproximação com a comunidade de modo geral e amplia a ação educativa. Apenas 02 professores se deslocam de São João. Sobre a ação da escola e as ressonâncias na vida dos/as jovens os/as educadores/as se posicionam afirmando aspectos cultivados na relação com estudantes e na importância que a escola assumiu no próprio município.

- *Eu vejo assim que a escola talvez não atenda as necessidades dos jovens né, talvez a gente não dê todas as respostas que os jovens precisam, mas aquilo que agente sempre coloca, os nossos jovens assumem as tarefas dentro da escola, por exemplo se é qualquer projeto que é desenvolvido são os jovens que assumem não tem essa de nós educadores ou gestores ta fazendo assim pra dar pronto pra eles, são eles que assumem as coisas e fazem e há uma boa relação, não sei se é porque é o campo mas, nossos jovens são muito educados nessa questão do respeito, você trabalhar numa escola do campo você, vamos dizer assim tem um prazer a mais por que você tem o respeito e você trabalha na zona urbana e os meninos te chingam lá, não vou dizer que são em todos os lugares né mas tem isso na cidade e falando assim talvez a gente não atenda as necessidades dos jovens, mas nossos jovens freqüentam, nós temos poucos jovens fora da escola a maioria freqüenta e além de educador, direção além de ser educador, nós somos amigos dos jovens, né em sala de aula e também fora. (Professor da Escola em entrevista ao programa de TV produzido pelos/as jovens)*

- *Além do respeito tem também a participação em todas as atividades e vai fazer três anos que o município promove as olimpíadas das escolas municipais e o objetivo dessas olimpíadas é ta trazendo o jovem pra não ficar perdendo aula né e aqui e a gente vê que quando nossos alunos vão participar lá e todo mundo fica admirado da união dos jovens e se perder eles também ficam tranqüilos e ano passado deu um probleminha lá, né, é que a Marreca ganhou e parece que escola da zona rural não pode ganhar de escola da cidade, dá problemas né (risos), mas nós da Marreca não esquentamos a cabeça. Teve outra atividade, foi a quadrilha e as escolas municipais foram apresentar e aí as escolas trouxeram coreógrafos não sei de onde pra ensinar, e aqui não, a coreografia nasceu deles e apresentaram bonito porque foi eles que criaram e todo mundo gostou. (Diretora da Escola "Amadeus Carvalho" em entrevista ao programa de TV produzido pelos jovens)*

A participação em cursos técnicos de nível médio e curso superior é outra forma de acesso à educação escolar dos jovens dos assentamentos. As parcerias com instituições de ensino superior no Brasil possibilitaram que jovens e adultos prosseguissem nos estudos, em programas de alfabetização, em cursos técnicos (de Magistério, agropecuária, saúde comunitária e em administração de cooperativas, dentre outros) e de nível superior (Pedagogia, Artes, História, geografia, dentre outros). Somente nos cursos de nível médio no Estado do Piauí em parceria com a Secretaria Estadual de Educação e o MST estão em andamento os Cursos de Técnico em Saúde Comunitária e Técnico em Agropecuária, nos quais existem 13 jovens do Assentamento Marrecas. Entre cursos, médio e superior, há atualmente mais de 20 jovens do Assentamento estudando. Sobre o processo de escolha para a participação em cursos do MST um jovem explica o quanto o processo é criterioso e contraditório.

- Nós tem muitos jovens com muito potencial aqui dentro e que muitas vezes a gente não dá valor não, dá não, olha, deixa eu dizer uma coisa bem aqui. Sempre que sai um curso do movimento tem que passar por um processo da escolha das pessoas que vão participar do curso e já aconteceu caso de ah os critérios são esses tal, tal e tal, tem que tá participando efetivamente das atividades do movimento interna e externamente ao assentamento e aí nós tem pessoas que contribuí só internamente no assentamento de formas diferentes né, de forma diferente e outras que participam fora e dentro do assentamento e de formas diferentes também né. Eu me lembro um caso que aconteceu de uma companheira, uma jovem bem inteligente com potencial assim mesmo bem avançado, mas que ela nunca tinha saído pelo movimento pra nenhum curso de formação, de reunião, mas ela aqui no assentamento participava mesmo de todas as atividades, da escola, da igreja, principalmente da igreja né e de tudo no assentamento e aí outras pessoas dizia fulana de tal não vai porque ela não conhece o processo, nunca foi a uma reunião fora e aí eu fui e falei na reunião, é companheirada é o seguinte se nós for mandar pros cursos só aquelas pessoas que participou de reunião, encontros, tal, nós não vamos multiplicar o número de pessoas que tem conhecimento avançado de jeito nenhum, se as pessoas não compreendem nós tem que levar elas e pra tudo tem uma primeira vez né, nós precisamos apostar nessas pessoas pra ver o que acontece, é aquela coisa se você não chutar no gol, não faz o gol né, é dessa forma que eu penso que nós tem que deixar dessa idéia de só mandar uma pessoa pra curso se ela for dirigente ou coordenador de núcleo, tá errado esse negócio.(JP03, 21 anos, TPF)

Para participar dos cursos do MST, conforme explica o jovem, os critérios definidos exigem que os/as candidatos já estejam envolvidos em atividades na comunidade. Ao explicitar esses critérios o jovem demonstra que há, em certa medida, uma trajetória a ser percorrida por quem almeja participar destes cursos.

Outro jovem reforça a importância das participações em cursos para ampliação do envolvimento nas ações do assentamento e do MST.

- A escola que tem aqui é a do ensino fundamental e médio são escolas do estado em que os conteúdos praticamente já vem prontinhos pra os professores passar do jeito mesmo que vem então se tiver um professor que queira trabalhar algum tema sobre o movimento ou sobre a juventude mesmo, as vezes não há espaço, então assim depois que teve o magistério, técnico e outros cursos, os jovem que vieram participar aqui cursos servem de incentivo para os que estão lá que sempre tem a vontade algum dia de ter esse espaço aqui de fazer um curso pelo movimento. Então, por exemplo, quando a gente faz alguma reunião pra escolher quem vai assumir algum setor alguns jovens que não participavam já se manifestam querendo participar de algum setor de alguma coordenação, então assim de uns anos pra cá, alguns jovens começam a se incentivar pra participar mais das atividades do movimento. Apesar de que alguns ficam por fora, alienado, a televisão, que o sistema as vezes afasta muito nossos jovens da nossa organização, mas com certeza já demos passos grandes com esses cursos.(GFJ04, 28 anos)

A inserção nos cursos formais realizados em parceria com o MST tem contribuído para uma atuação qualificada dos/as jovens nos diferentes campos no assentamento. A crítica à escola ocorre exatamente por um jovem que está em um dos cursos técnicos que têm dinâmicas e processos diferenciados dos vivenciados na escola. A possibilidade de participar das diversas atividades realizadas pelo MST mobiliza jovens em todo país, visto que os possibilita acesso a outros espaços sociais que são possíveis através das ações do MST. Nesse aspecto a juventude assentada se anima, visualiza no Movimento a possibilidade de acesso a

outros espaços de socialização, em que se encontram, trocam experiências, fazem amigos, canalizam seus potenciais criativos. Visto dessa perspectiva, o MST contribui para a criação de redes de sociabilidades que permitem aos seus integrantes uma formação geral que vai sendo gestada nos assentamentos e acampamentos e se estende a todas as suas atividades. A inserção de crianças, jovens e adultos vai criando o pertencimento.

- Aqui na Marrecas a gente nunca deixou de lado essa questão do movimento, ainda quando eu era adolescente, criança mesmo, eu já entendia que aqui é um assentamento do MST.(AJ01, 19 anos, TPF)

[...] o MST é considerado como educador enquanto movimento social e cultural. Sua presença, suas lutas, sua organização, seus gestos, suas linguagens e imagens são educativas, nos interrogam, chocam. E sacodem valores, concepções, imaginários, culturas e estruturas. Constrói novos valores e conhecimentos, nova cultura política. Formam novos sujeitos coletivos (CALDART, 2004, p.314).

As experiências educativas que a participação coletiva proporciona é uma forma de aprendizado da política. Seja nos núcleos, na escola, na igreja ou nos cursos técnicos, os participantes estão envolvidos no debate sobre a realidade do campo. A educação, como sinônimo de formação humana, ocorre em espaços diversos na prática social e pode ser observado no Assentamento Marrecas.

3.1.4 A rotina no Assentamento Marrecas



Fotografia 18 – Criança e avô voltando da roça no final da tarde.

- A rotina diária é assim, levantamos logo cedo, tomamos café, as crianças vão buscar os animais, os jovens vão pra roça com os pais, as meninas vão ajudar a mãe em casa, no assentamento é assim, caminhou, já tá ajudando os pais. (JP01, 22 anos, TPF)

O trabalho cotidiano desenvolvido no assentamento tem como base a agricultura familiar na qual estão envolvidos todos os membros da família. Na produção há uma diversidade de iniciativas da comunidade para garantir o sustento e melhores condições de vida, não se restringindo ao cultivo da agricultura tradicional. Iniciativas, especialmente de grupos de mulheres na produção de artesanato, cestaria, remédios caseiros, produtos de higiene e limpeza, dentre outros, contribuem para a renda familiar, além da criação de animais de pequeno porte (caprinos suínos e aves). A produção de frutas (goiaba, banana, tomate) em terreno irrigado também tem sido fomentada. O Assentamento destaca-se na região por ser o primeiro a produzir uvas no Piauí. A produção é financiada e orientada pela Companhia de Desenvolvimento do Vale do São Francisco - CODEVASF.

O mosaico de fotografias e falas apresentadas, a seguir, explicita a variedade da produção.





Mosaico Fotográfico 02 – produção agropecuária (bovino) e agrícola (macaxeira, mamão, tomate, goiaba, uva e goiaba).

PRODUÇÃO DO ASSENTAMENTO

- *Eu vejo assim que umas das coisas que tá no foco, mais comentadas hoje é essa questão da uva né porque é uma área de pesquisa, uma área demonstrativa que ta sendo pesquisada e ta dando certo mas, não só a uva a gente produz também a goiaba, a melancia, o tomate, o feijão, o milho, nesse ano tivemos problemas por causa das chuvas que levou parte de nossa produção porque plantamos nas margens do rio mas aqui plantamos de tudo um pouco. (GFC, Assentada há 19 anos)*

- *Eu acho assim que a Marrecas produz muitas coisas como é também o caso da banana, e as pessoas têm também o costume de ter seu canteirinho pra produzir as folhas verdes e também a Marrecas produz também os remédios caseiros né e tem muito a questão do artesanato e acho que é uma comunidade que produz muitas coisas e que o benefício disso é muito grande inclusive pra saúde das pessoas, acho que se a gente for analisar o benefício é maior do que o dinheiro que se pode ganhar vendendo esses produtos. (GFC, Assentado há 10 anos)*

- *Outra produção nossa é o artesanato né, o trabalho com palha que faz cestaria, vassouras esteiras, produtos de higiene e limpeza. Temos o grupo de biojóias que trabalha com sementes e também o grupo de bordado e crochê. (GFC, Assentada há 18 anos)*

- *Nessa parte da agropecuária, aqui todo mundo tem sua vaquinha de leite e também a caprinocultura, então quando falta dinheiro vai lá e vende um cabrito, pra contribuir na compra da*

alimentação que falta. (GFC, Assentada há 19 anos)

- Essa questão do que cultivamos aqui é assim em nível de cultura porque a gente planta desde o feijão, o milho, a melancia, abóbora, a macaxeira e aí vem essa questão da uva que a gente põe em segundo plano, de onde viemos nem ouvíamos falar em uva e aqui quando nós chegamos aqui há uns anos atrás a gente nem pensou em plantar uva. (GFC, Assentado há 19 anos)

A diversificada produção apresentada nas falas acima demonstra as diferentes formas de superação de dificuldades financeiras. Revela também que a preocupação está centrada no suprimento das necessidades básicas, no auto-sustento e posteriormente com a comercialização do excedente produzido.

- A gente tem até produzido bastante mas uma dificuldade muito grande é fazer nossos produtos chegarem ao mercado. É uma barreira que temos tentado superar porque não é só produzir, é fazer chegar no mercado e essa é uma dificuldade muito grande. (GFC, Assentada há 19 anos)

A variedade agrícola e agropecuária produzida pelas famílias podem ser visualizadas nas tabelas abaixo:

Produção Agrícola e Agropecuária produzida pelas famílias em percentual:

Produção Agrícola	Milho e feijão	Abóbora	Melancia	Mandioca	Algodão	Caju	Arroz	Melão	Goiaba banana tomate
% famílias	100%	85,7%	71,4%	47,6%	26,6%	20%	5%	4,7%	Sem percentual definido
Produção Agropecuária	Aves (galinha)	Caprinos	Ovinos	Bovinos	Suínos	Abelhas			
% famílias	93,33%	60%	50%	40%	26,6%	10%			

Fonte: PDA,⁵⁶ p. 17-18. Sistematização da pesquisadora

A plantação de uvas é uma exceção e já possui mercado consumidor em vista do acompanhamento da empresa que coordena o projeto, ou seja, o produzido não é para consumo das famílias, mas se destina ao mercado. Na produção das uvas, especificamente, é possível perceber, a partir da última fala do quadro, que existe um ponto de tensão no assentamento visto que, são beneficiadas diretamente apenas 12 famílias. Outro aspecto que ouvi nas conversas com as famílias é o fato da produção das uvas ser ainda de forma tradicional, com o uso de agrotóxico, aspecto que o próprio MST se posiciona contrário em seus documentos e discurso, visto que este defende a mudança da matriz produtiva e tecnológica com base na agroecologia (STÉDILE, 1999). Entretanto, é importante esclarecer

⁵⁶ Plano de Desenvolvimento do Assentamento Marrecas.

que não se trata de julgar a ação das famílias quanto aos métodos utilizados na produção e nem interferir nas questões internas por elas discutidas.

Entretanto, há outro aspecto da produção de uvas evidenciada na fala de um jovem, a possibilidade de emprego pra juventude.

- A Marrecas produz uvas foi influenciada pela empresa que trabalha lá em Petrolina e que também trouxe o projeto pra cá, e aqui ninguém conhecia. Agora produz e nessa área trabalha 30 jovens por mês, todos são jovens da Marrecas, homens e mulheres.(JP01, 22 anos, TPTV)

Essa variedade na produção do Assentamento vem garantindo trabalho para as famílias e no caso da produção irrigada também os jovens são inseridos em maior número como explica esse jovem:

- A juventude tem se inserido, e mesmo os lotes sendo dos pais, quem mais trabalha são os filhos jovens e adolescentes. Hoje tem no assentamento 270 famílias cadastradas e tem capacidade pra 320 então isso anima os jovens a ter uma terra e ficar. Os pais tem seus lotes irrigados e quem toma de conta mais são os jovens. (JP01, 22 anos, TPTV)

No cotidiano de trabalho, os jovens acompanham os pais na roça e em outras atividades eventuais no intervalo das plantações e colheitas. Acompanhei dois jovens com seus pais a algumas dessas atividades que consistia na colheita de goiaba e macaxeira numa roça irrigada no assentamento. Além dos pais e dos jovens foram também dois meninos, uma cena comum no assentamento, especialmente nos finais de semana quando as crianças não estão na escola.

Os jovens e adultos ali presentes iniciam a colheita das goiabas, as crianças auxiliam levando os baldes para colocar as frutas. Quando o pai começa a arrancar os pés de macaxeiras, as crianças imediatamente ajudam na colheita, tiram as raízes, enfiam na terra e depois colocam no saco que será levado pra casa. Fiquei curiosa e perguntei por que enfiavam a raiz da macaxeira na terra novamente e as crianças, sorrindo, me explicaram que era para a “raiz continuar viva porque ela precisa da terra”. Na explicação que eles deram, com um ar de obviedade e naturalidade, explicitam um saber que foi construído na relação cotidiana com os pais e que vai sendo repassados de pai para filho nos conhecimentos acumulados em diferentes gerações. Assim as crianças aprendem nesse convívio diário saberes que possibilitarão a continuidade do trabalho no campo. (Diário de campo, 04/07/2008)

A explicação das crianças é esclarecedora ao que vimos afirmando sobre o trabalho familiar desenvolvido pelos camponeses no qual as crianças são introduzidas desde cedo, seja nas atividades agrícolas ou nos trabalhos domésticos, contribuindo para a garantia da produção familiar. Neste aspecto, Carneiro (1999, p.329) explica que a agricultura familiar se consubstancia numa “unidade de produção onde trabalho, terra e família estão intimamente

relacionados”. Ou seja, é no universo familiar que esta prática educativa informal se desenvolve como explicam os/as jovens sobre o cotidiano no Assentamento.



Mosaico Fotográfico 03 – Jovens do Assentamento Marrecas em trabalhos variados

- *Aqui os jovens eles é desde pequeno acompanham o pai na roça e até hoje, trabalho aqui é roça, é roça né. (JP03, 21 anos, TPF)*

- *Faço tarefas domésticas em casa mesmo e ajudo a cuidar de meus irmãos pequenos. (AJ03, 19 anos, TPF)*

- *Limpo a casa, os móveis, lavo louça, ajudo em casa. (AJ02, 17 anos, TPF)*

- *Olha o trabalho pros jovens, a maneira que tem é ajudar os pais no trabalho produtivo mesmo, na roça, mas tem outras formas, como grupo de Biojóias que é desenvolvido por um grupo de mulheres e que algumas jovens fazem parte, produzem as coisas e vendem pra São João e lá dentro do assentamento mesmo. (GFJ05, 19 anos)*

- *Tem muito jovem aqui que trabalha com o pai, que ajuda o pai na roça e eles sabem que se for pra cidade não encontra trabalho, alguns já foram, mas voltaram, é sofrido demais na cidade. (JP03, 21 anos, TPF)*

Neste processo de acompanhar os pais e mães nos diversos trabalhos, ou seja, no envolvimento de toda a família, estão às condições de reprodução da agricultura familiar visto que, esta se mantém, geralmente, nas condições em que é a família que detém a propriedade, a gestão e a força de trabalho, pilares de sua sustentação. (Abramovay, 1998)

Foi possível perceber, nos diversos períodos que estive em campo, que o Assentamento Marrecas comporta, em suas atividades agrícolas, um misto de tradição e progresso tecnológico. Na produção das uvas, os trabalhadores utilizam rádios de comunicação a longa distância para monitorar a plantação, ao tempo em que outras produções são realizadas ainda tendo como ferramenta a enxada e a força animal.

No que se refere à questão de gênero, é possível observar nas falas e nas fotografias a divisão do trabalho entre homens (roça) e mulheres (cuidado da casa e das crianças, alimentação). Em consonância com o senso comum, no qual o trabalho feminino é considerado mais fácil e mais leve do que o masculino, os/as jovens se colocam com visões já estereotipadas quanto ao trabalho desenvolvido por homens e mulheres. Mas as jovens também relataram a dupla jornada em casa e na roça, especialmente nos períodos de colheita e no cuidado com os animais. Sobre o trabalho que realizam no cotidiano, os jovens travam um interessante debate com as jovens que reiteram a importância do que fazem e o não reconhecimento de suas atividades.

- *O que as meninas faz é moleza, ficar em casa, na sombra fazendo umas coisas e aí pára, pode escutar músicas, é mais maneiro do que o serviço que a gente faz. Nós é pegando no pesado, no sol quente, ah, a vida das meninas é melhor assim pra esse lado do serviço, não faz quase nada. As fotos mesmo mostram a moleza (JP05, 15 anos, TPF)*

- *Não é assim do jeito que ele falou não, o serviço de casa também cansa, e todo dia a mesma coisa e os homens ainda nem vê, pensa que é moleza. Tá certo que a roça, o sol e pesado, mas tem tempo que nós além de cuidar de casa vamo pra roça, ajudar a pegar feijão, milho, ah e cansa também viu. Ei e tem mais a gente ainda cuida dos bicho, dá comida, as vez vai deixar na roça, é muita coisa. As fotos não mostram tudo (AJ02, 17 anos, TPF)*

Sales (2006) argumenta que a divisão sexual e geracional do trabalho no campo deve ser analisada, a partir das experiências cotidianas, sendo predominantes as divisões nas quais os homens vão pra roça e as mulheres cuidam da casa e seu entorno, como o cuidado com os animais, ou seja, a partir das atividades desenvolvidas os/as jovens formulam “a separação casa roça”. A autora analisa que

As relações de gênero no meio rural devem ser tratadas de forma singular, uma vez que as especificidades do trabalho da roça adquirem uma teia de significados. A roça fornece os produtos alimentícios necessários às condições de sobrevivência da família e o pai é seu principal responsável, por isso mesmo, ele também se torna o provedor da família.(p.135)

A produção do assentamento, mesmo diversificada e em várias frentes, não garante renda para a juventude. Os saldos da produção são para suprir as necessidades da família na compra de alimentos e remédios, o excedente é utilizado na compra de vestuário para a família. Este aspecto, do trabalho familiar não permitir independência financeira é uma das preocupações da comunidade e da juventude do Assentamento. Castro (2005) reitera que os problemas enfrentados pelos jovens são, antes de tudo, enfrentados pelos assentados e pequenos produtores familiares, como as difíceis condições de vida e produção.

A falta de trabalho remunerado é um dos aspectos elencados como preponderante na avaliação dos/as jovens quanto a permanência ou saída do campo. Mas, o desemprego juvenil é uma preocupação não somente entre os jovens do campo, também na cidade a juventude aponta o desemprego como a segunda preocupação, logo após a segurança. (TOMMASI, 2007).

- Falta de oportunidades de cursos e trabalhos adequados, falta de quadra, enfrentamos preconceitos dos adultos e de pessoas que não gostam do MST. (AJ07, 13 anos, TPF)

- A falta de emprego e de lazer, esses problemas são os que têm mais ênfase, são causadores da maioria das vezes dos jovens irem embora. Seria a necessidade de uma política pública voltada para a juventude. (AJ02, 17 anos, TPF)

- A questão financeira de muitos, esse problema de não ter emprego. Queríamos também mais lazer, mas fazemos o possível para ir construindo isto no dia a dia com o que temos. (AJ01, 19 anos, TPF)

- Primeiro é o serviço pra juventude, esse negócio da renda pra juventude, porque o serviço vem por período, passa um período e acaba e então a juventude se acostuma a viver trabalhando a ganhar dinheiro e aí no período que não tem, a gente se sente preso, sem saída e aí eles saem, esse é um problema que poderia ser fácil de resolver, com trabalho remunerado, mas a gente sabe que não é bem assim, então a gente fica sem opção. (JP01, 22 anos, TPF)

Novaes (2007) esclarece que a preocupação no que se refere a postos de trabalho é de todas as classes e situações sociais, do campo e da cidade, visto que esta insegurança está relacionada às rápidas transformações tecnológicas no mundo do trabalho. Os pais e mães dos jovens do Assentamento Marrecas, especialmente dos que já concluíram o ensino médio no Assentamento e não vêem perspectivas de emprego, explicitam a apreensão quanto ao futuro, uma vez que este aspecto pode contribuir para a saída do campo.

- Um dos problemas é a geração de renda né, essa questão de emprego pra juventude porque eles terminam o ensino médio e não tem onde trabalhar, então a gente tem que encontrar formas né de gerar renda porque se não nossos jovens terminam saindo do assentamento pra procurar trabalho né. (GFC, Assentada há 19 anos)

- Acho que esse é dos grandes problemas que a gente tem hoje com a juventude e tem hoje e pode crescer muito mais porque os setores de emprego são muito poucos e os jovens querem vestir uma roupa boa e os pais não tem condições de dar e então vai continuar sendo um problema mais ainda. (GFC, Assentado há 19 anos)

- De 2006 pra cá não tem saído. É que agora tem tido maior renda no assentamento, maior auto desenvolvimento em relação a emprego, mas de 2002 até meados de 2005 saiu muitos jovens pra trabalhar só em Petrolina, jovens homens e mulheres. O serviço que eles trabalham lá inclui homens e mulheres a partir de 16 anos, é nas uvas. (JP01, 22 anos, TPF)

- Os jovens saem sim, por falta de opção, oportunidade, mas muitos foram depois de casados é, por falta de emprego, pra ajudar a sustentar as famílias por que aí foram procurar emprego em Petrolina, em São Paulo mesmo, na cana, em Matogrosso, tem muitos que chegam e dizem que se arrependeram de ter ido, que esse negócio de emprego fora é só ilusão, que foram explorados. E morrer de fome aqui não morre. Aqui hoje o cara tem as três refeições. (JP03, 21 anos, TPF)

A questão do trabalho para a juventude rural tem sido pesquisada por diversos estudiosos, conforme discussão no I capítulo deste trabalho, corroborando com as preocupações de jovens e familiares ao constatarem que a falta de trabalho que gera renda para a juventude é um dos fatores que provoca a migração juvenil. (ABRAMOVAY, 1998; CARNEIRO, 1998; ALENCAR, 2005).

3.1.5 Agregações juvenis no Assentamento Marrecas: lazer e mídia

As juventudes têm, na atualidade, características que lhes são peculiares como a agregação em grupos que podem ocorrer de modo espontâneo ou intencional. As formas espontâneas de aglomeração juvenil são diversas e se diferenciam de acordo com os espaços que transitam. Contemporaneamente o acesso a internet é um dos elementos virtuais aglutinadores de jovens nos orkuts e blogs.

Nos aspectos institucionais o que motiva os/as jovens são diferentes atividades promovidas seja em associações ou movimentos. Os grêmios estudantis nas escolas, as pastorais juvenis urbanas e rurais, são exemplos de agregações que possibilitam a constituição de identidades.

A agregação juvenil no Assentamento Marrecas ocorre de diferentes formas. Por faixa etária, por participação no MST, por composição de grupo musical, por parentesco, dentre outras possibilidades não observadas. Constatei que a faixa etária é um elemento forte de elo principalmente entre os jovens que estão na faixa etária entre 12 e 17 anos, sendo a escola e a vivência cotidiana no assentamento que propiciam essa aproximação. A escola como o lugar onde cotidianamente estão no mesmo horário os aproxima; estão ali juntos pelo menos quatro horas de segunda a sexta.

O lazer, ou mais precisamente a falta dele é outro problema explicitado pelos/as jovens no seu cotidiano, aspecto que, segundo eles/as contribuiria para a permanência no assentamento. Carrano (2003) em seus estudos sobre jovens da cidade observou que o lazer tem especial importância na vida juvenil, pois possibilita a descontração em meio aos seus anseios, suas preocupações, seu modo de conceber a realidade e a si próprios/as. As poucas oportunidades de lazer dos/as jovens do Assentamento Marrecas são vividas coletivamente, com destaque para o futebol masculino e feminino e as festas em alguns finais de semana preparadas por eles/as. O galpão comunitário é o espaço coletivo do assentamento destinado as festas. Nestas festas o uso do som mecânico dá o tom das músicas que os/as divertem.

- Uma coisa que fazia a juventude ficar mais no assentamento com certeza são os espaços de lazer porque a gente não tem muita opção nos finais de semana pra se divertir, só algumas festinhas e jogar bola, agora se tivesse uma fonte de lazer não só pra juventude mas também pros adultos, por exemplo uma quadra de esportes com diferentes modalidades de esportes pra desde as crianças até os mais velhos poder praticar e se divertir. Uma coisa que a gente tem que correr atrás o mais urgente possível é de espaços de lazer pra juventude e pra comunidade de uma forma geral. (JP05, 15 anos, TPF)

Há um grupo de sete jovens que com criatividade consertaram aparelhos de som usados e montaram um grupo por eles denominado de “Anjos da Noite”, é o som desse grupo que, geralmente, anima as festas no assentamento. A estrutura de som é relativamente ampla se considerado que não houve, segundo os jovens, incentivos familiares ou da comunidade.



Fotografias 19 e 20 - Jovens que integram o grupo “Anjos da Noite” exibindo a estrutura de som por eles montada.

Estive em duas festas nas quais o grupo foi responsável pelo som, uma de casamento e outra num sábado, simplesmente por diversão. As músicas veiculadas são forrós e fanks de grupos amplamente difundidos na mídia. Surpreendentemente, de forma criativa, os jovens instalam jogo de luz no galpão e o transformam numa danceteria que, às vezes, não é encontrada em pequenas cidades do Piauí.



Fotografias 21 e 22 - Anúncio e festa com o som do Grupo “Anjos da Noite”

A reivindicação dos/as jovens por uma praça e uma quadra de esportes no assentamento como espaços onde eles/as possam também praticar esportes, se encontrar para bater papo e namorar se faz mais importante à medida que o número de jovens aumenta na comunidade. Constatei nas conversas com a comunidade que a conquista de uma praça contribuiria inclusive para minimizar os conflitos entre os jovens e suas famílias no que se refere ao namoro escondido, como eles falam “no escuro”.



Fotografias 23 e 24 - Jovens na área central do Assentamento e no campo de futebol do Assentamento.

- Diversão aqui pra nós é ir pra praça, olha nossa praça gente, embaixo dessa árvore, futebol e umas festinhas, então isso desanima demais. Precisamos de uma praça de verdade, quadra de esporte e tudo mais. (AJ05, 15 anos, TPF)

A limitação quanto a opções de lazer para os/as jovens, de acordo de Sales (2006), não se restringe a juventude do campo ou especificamente dos assentamentos visto que “no Nordeste, 95% dos municípios não tem nenhum cinema, 89,7% não possuem nenhum museu e 86,6% nenhum teatro. Privados do contato com a arte, os jovens tem de inventar sua própria arte”. (p.141) Ou apreenderem a cultura de massa como referência cultural.

As restrições quanto ao lazer vivenciadas pelos/as jovens pode está influenciando em outras questões, além do descontentamento juvenil e das possibilidades de migração para outros lugares. Refiro-me ao apelo da mídia na captura de telespectadores e consumidores de bens e produtos. No assentamento Marrecas constatei que a maioria das casas (senão todas) possui televisão e antena parabólica. A televisão é um meio de diversão de toda a comunidade com forte influência no universo juvenil podendo ser evidenciada nas músicas que os/as jovens do assentamento escutam, nas vestimentas que usam, nos interesses quanto aos produtos a serem consumidos. Estes aspectos foram ressaltados em duas questões feitas pelos jovens na técnica projetiva do desenho do jovem e da jovem, no dia da socialização, que reproduzo, uma parte, em seguida:

- Os jovens perguntam: Antonia Joana, o que você mais gosta de fazer pra se divertir?

AJ responde: gosto de ir pra festa e de assistir televisão, principalmente malhação e as novelas. E você José Pedro?

- JP responde: também gosto de ir pras festas e de assistir televisão, mas os nossos programas preferidos são de esportes e de música.

- *JP pergunta: Antonia Joana que músicas você gosta?*

- *AJ responde: ah, gosto muito de MPB, de música romântica, de tudo um pouco.*

- *E os jovens satirizam: você pode até gostar de MPB, mas o que você escuta mesmo é forró, é funk (risos), o créu, por exemplo, (risos de todos/as).*

- *AJ responde: é, mas a gente também escuta MPB.*

Além da constatação da mídia como um meio de diversão para os/as jovens, outros aspectos foram evidenciados.

O diálogo entre os/as jovens revelam aspectos interessantes. Um deles diz respeito ao modo como os grupos interagiram e não aceitaram respostas fabricadas das meninas. Outro, é quanto à disputa entre os meninos e as meninas e a evidência de que os sujeitos da pesquisa podem ao invés de responder o que pensam/fazem sobre determinado aspecto, podem falar o que compreendem que agradaria a mim, no caso. Um terceiro elemento, dentre tantos outros que essas falas revelam refere-se ao quanto a televisão e as músicas escutadas no rádio e em aparelhos de som e DVD, facilmente encontrados em muitas residências, são utilizados para diversão dos/as jovens. (Diário de Campo, 05/07/2008)

Sales (2006) reitera que os meios de comunicação influenciam significativamente no modo de pensar e agir dos/as jovens, posto que “a cultura de massa tenta anular diferenciações, uniformizando as aspirações, as necessidades e desejos das juventudes (...)” (p.124). Concordo com Sales a respeito da força do poder midiático na atualidade. Não por acaso, um grupo de cinco jovens, no período de aplicação das técnicas projetivas e do grupo focal, criaram um cenário na casa de uma delas e ficaram uma tarde inteira se fotografando em poses e estilos variados, numa alusão aos modelos de revistas e TV que elas assistem e se identificam.

Outro aspecto evidenciado na pesquisa refere-se ao que um jovem denominou de “imprevistos” que têm acontecido, referindo-se à gravidez de jovens que por este motivo, geralmente “tem que se casar”.

- *Ultimamente tem acontecido uns imprevistos e os jovens tem se casado antes do tempo, vamos dizer assim. Porque muitas pessoas dizem que não tem tempo certo pra casar, mais novo demais eu acho assim complicado né, nós precisamos criar urgentemente uma campanha educativa sobre esse negócio de gravidez antes do tempo. (JP03, 21 anos, reside há 19 anos, TPD)*

- Esse ano de 2008 teve dois casamentos de jovens em que as jovens engravidaram, então aqui tem umas jovens engravidando com 15, 16 anos, eu acho que não tem muitas alternativas, os jovens começam a namorar cedo e aí eu acho que o namoro exige uma dinâmica no convívio e eles ficam muito sem opção de lazer e só saem a noite e isso acaba favorecendo esse lado da sexualidade. Meu irmão, por exemplo, a namorada dele engravidou e eles se casaram, ele fica agora na roça e ela mais em casa cuidando, mas eles são jovens, ela tem 16 anos e ele tem 21 anos. (AJ01, 19 anos, reside há 19 anos, TPD)

A iniciação sexual entre os/as jovens e em alguns (não tão) raros casos de gravidez indesejada é uma das questões que vem preocupando pais e mães no Assentamento. A indicação da necessidade de discutir esse aspecto é reiterada na fala da jovem explicando que a gravidez altera, significativamente, a vida dos/as jovens, visto que têm que assumir responsabilidades mais cedo.

3.2 Juventudes do Assentamento Marrecas: identidades em construção

Conforme discussão no primeiro capítulo, as juventudes se diferenciam quanto ao gênero, à cor, a classe social, a orientação sexual, escolaridade, inserção no trabalho, adesão a grupos culturais, políticos e também a localização geográfica, cidade-campo. Diferenças que influenciam no modo de ser, de agir e de se relacionar.

Um dos aspectos facilmente detectáveis no Assentamento Marrecas é o número significativo (e parece em crescimento) de jovens. É possível encontrá-los/as indo ou voltando da escola, do trabalho, em suas casas, nos finais de tarde nos campos de futebol masculino e feminino, na calçada da igreja observando a tudo. Nesta compreensão, o que os/as jovens do Assentamento Marrecas explicitam sobre o que é ser jovem? Como se definem, ou seja, que construções formulam a respeito deles/as mesmos/as? A quem creditam serem o que são? Quais seus projetos futuros?

Ferrante (1993) afirma que os assentamentos rurais são espaços marcados por várias dimensões, ou seja, uma realidade multidimensional, o que faz necessário o uso de diferentes aportes teóricos para tratar desta realidade. Assim, neste trabalho, as análises são referenciadas na perspectiva de uma espiralidade teórica, na qual mais importante do que a vinculação a determinada corrente é pinçar o que as diferentes perspectivas possibilitam para uma análise mais fecunda, proporcionando leituras mais acuradas ou mais próximas da realidade vivenciada pelos/as jovens do Assentamento Marrecas.

3.2.1 Produção de sentidos sobre o que é ser jovem

As definições do que é ser jovem, conforme discutido no primeiro capítulo, dependem de cada sociedade inserida num contexto histórico, político, social e cultural. Ou seja, é sempre arbitrária. Esta imprecisão em conceituar as juventudes em razão do seu caráter dinâmico impõe que seja construído a partir das leituras dos sujeitos o que compreendem por ser jovem. Neste intuito, os/as jovens do Assentamento Marrecas explicitaram o que concebem por ser jovem. Nessa direção, Groppo (2000, p.15) afirma que “(...) cada juventude pode reinterpretar à sua maneira o que é ser jovem contrastando-se não apenas em relação às crianças e adultos, mas também em relação às outras juventudes”

No Assentamento Marrecas constatei que é considerado jovem, no que se refere à faixa etária, o grupo compreendido entre 11 e 29 anos. Essa definição estava implícita nas falas das pessoas, em diferentes momentos de diálogo. Foi comum a expressão: “de 11 anos pra cima tem jovem demais pra você pesquisar aqui na Marrecas...” Os/as jovens, entretanto, não precisaram em termos de idade, mas em relação a comportamentos, ao jeito de ser, associado a um período marcado pelas possibilidades de viver aventuras e canalizar o potencial em torno de um ideal de sociedade.

- Juventude, além da idade, talvez o espírito tenha a ver com isso ter o espírito jovem, não quer dizer que só é jovem se tiver 18 anos, 20, não é isso, além de ter idade jovem, de ter espírito jovem, acho que, como dizem, a revolução inicia da adolescência pra juventude porque as pessoas depois que comecem um certa idade talvez pare mas acho que pra se sentir jovem você tem que saber o seu papel, os seus direitos e seus deveres enquanto jovem, enquanto ser humano, enquanto sociedade.(GFJ02, 20 anos)

- Ser jovem é ser livre para fazer o que deseja, é ótimo ser o que a gente é na verdade, é ter a sensação de imaginar o que quiser. (AJ07, 13 anos, TPD)

- É ter planos para o futuro, é acreditar que haverá um amanhã, é não perder as forças e a esperança, é correr atrás dos nossos objetivos. (AJ05, 15 anos, TPD)

- É ser consciente, participar, contribuir na comunidade, e em todos os trabalhos da comunidade. (AJ04, 16 anos, TPD)

- É desafiar-se aos trabalhos encontrados nessa longa jornada, é não limitar-se, é estar atenta, é não se deixar alienar por essa sociedade capitalista que nós somos os mais vitimados. (AJ02, 17 anos, TPD)

- É ver o mundo de um jeito totalmente diferente dos adultos, ter muitos amigos, ser companheiro nas horas fáceis e difíceis. (JP04, 15 anos, TPD)

Melucci (1997, p. 9) destaca que a juventude “é a idade em que a orientação para o futuro prevalece e o futuro é percebido como apresentando um maior número de possibilidades”. Pelo exposto, nas diferentes falas dos/as jovens do Assentamento Marrecas, foi possível constatar que compreendem ser jovem, a partir das experiências que vivenciam, associando a juventude ao período em que se permitem ousar, sonhar, realizar coisas novas, que contribua para suas vidas e para a comunidade. Assim, para além de colocarem como critério a faixa etária, destacam a importância da responsabilidade nas ações realizadas tendo como referenciais o presente no qual se alicerça o futuro.

A juventude é uma construção que integra conceitos sociais que mudam durante o tempo, sendo significado e ressignificado segundo lugares, relações e percepções. São os contornos sociais que definem traços comuns atribuídos a juventude num determinado tempo histórico. Assim, não é possível transpor características.

Sales (2006) assevera que as fronteiras entre as juventudes urbanas e rurais se diluem em razão de um discurso elaborado fortemente influenciado pela mídia visto que “a relevante influencia da mass-mídia no mundo rural tenta universalizar condutas, estilos de vestir e de falar, o gosto musical”(p.124)

Constatarei, como também afirmam as pesquisas de Sales (2006), que no Assentamento Marrecas os meios de comunicação exercem forte influência nas definições de padrão de consumo de vestimentas, gosto musical, dentre outros aspectos. Essa constatação foi materializada nas fotografias que os/as jovens produziram sobre eles/as. Nessas imagens as jovens estão posando para as fotografias serem adicionadas as suas páginas no orkut e e-mails.

Fiquei surpresa quando descobri numa conversa com alguns jovens que muitos deles têm e-mails e orkuts e foi por acaso porque nem imaginava que tantos jovens do assentamento acessassem e com frequência esse meio de comunicação, visto que para isso é preciso que se desloquem para São João. Estávamos conversando sobre como fazer para que algumas fotografias que estavam em minha casa chegassem até eles, falei que iria salvar num CD e enviar pela primeira oportunidade e um deles falou: “manda pra um de nós por e-mail e agente repassa pros outros”. Fiquei ali olhando pra eles, surpresa. Eu sabia que alguns deles/as tinham e-mail, mas achava que se restringia aos que estavam ou estiveram em cursos pelo MST. Mas alongando o papo descobri que muitos, a maioria dos que integravam a pesquisa possui correio eletrônico e/ou Orkut. Quando o jovem me falou para enviar as fotografias por e-mail ou para seu orkut, logo falei que enviaria por e-mail informando que não tenho e nem sei acessar orkuts. De imediato uma exclamou: “não é possível que você ainda não tenha um orkut, você pode encontrar com pessoas do mundo todo, é legal demais, segunda-feira eu posso te ajudar a fazer um lá em São João. (DIÁRIO DE CAMPO, 28 DE JUNHO DE 2008)



Fotografias 25 e 26 - Jovens do Assentamento Marrecas em fotografias por eles produzidas para seus orkuts.

A experiência de campo provocou um deslocamento dos conceitos e da forma de olhar para a realidade do/a jovem do campo. Essa concepção de campo como o lugar do atraso ainda persiste no nosso imaginário, o que invisibiliza a captação dos processos que estão ocorrendo no mundo rural. O Assentamento Marrecas é um espaço marcado pelos mais diversos processos, não é um espaço isolado, monolítico, é um campo de relações com a cidade, com outras comunidades rurais, com outros assentamentos vinculados ou não ao MST, com as igrejas católica e evangélica, que possuem instalações físicas no assentamento. A presença da televisão, as antenas parabólicas que povoam o telhado das casas do assentamento, o telefone fixo em muitas residências. Além das relações estabelecidas com o poder público municipal e estadual por força das escolas e outros serviços. E os jovens em maior ou menor proporção vivenciam direta ou indiretamente esses processos.

3.2.2 Auto-denificação dos/as jovens do Assentamento Marrecas: jogo de posicionamentos

Ao falarem sobre si próprios ou sobre os pares os/as jovens explicitam aspectos que remetem para o que fazem e para o jeito de serem. Se definindo como divertidos, participativos, solidários, companheiros, manifestam uma auto-imagem positiva de si mesmos e dos outros jovens do assentamento.



Fotografia 27 - Jovens na calçada da igreja no final da tarde.

A partir de fotografias que os retratam os/as jovens se descrevem como “*estudantes, todos os dias sentamos para conversar (AJ06), somos pessoas esforçadas, gostamos de participar e colaborar quando é preciso, somos alegres, companheiros e gostamos de fazer novas amizades (AJ05), mas também, às vezes chatos e às vezes legais, gostamos muito de brincadeiras, somos meio impulsivos, gostamos de aprontar, gostamos de ir pra festas o grupão, é assim que nos divertimos (JP04)*”.

Os agrupamentos juvenis são espaços centrais de construção de identidades, visto que na juventude as vivências coletivas no grupo constituem, de acordo com Pais (1993) “o espelho de sua própria identidade, um meio através do qual fixam similitudes e diferenças” (p.94)

- *Tem faixas etárias, diferentes tem os que estão fazendo curso pelo MST, fizeram o magistério, o técnico em agropecuária, são jovens ativos no assentamento e tem outros jovens com a mesma faixa etária e outros mais velhos que tão aí no assentamento, a vida deles é mais nas festas, na roça ajudando os pais e alguns tem emprego, mas não são jovens que militam no MST e no assentamento, jovens que sempre ajudam e tem alguns que são mais de casa e que não se casaram ainda e que cuidam mais do trabalho na roça. E tem os jovens mais novos assim, os que colaboram nas místicas, nas atividades de um modo geral do assentamento. (AJ01, 19 anos, TPD)*

Esta fala ao se referir aos/as jovens faz distinções e utiliza como critérios a faixa etária e a inserção ou não em atividades do assentamento e do MST, estabelece, assim, uma diferenciação entre os jovens que estão em cursos do MST e são militantes, por ela denominado de “jovens ativos”, os/as que mesmo tendo a mesma faixa etária não se envolvem e os mais jovens que estão colaborando pontualmente nas ações do cotidiano da comunidade, especialmente com as místicas.

No grupo focal com os/as jovens do assentamento que estavam nos cursos de Técnico em Saúde Comunitário e Técnico em Agropecuária, quando solicitei que falassem sobre como são os/as jovens do Assentamento Marrecas, os destaques remeteram para os valores que o MST incorporou na sua proposta de formação e que são construídos na comunidade, aprendidos e utilizados pelos/as jovens. A solidariedade, o companheirismo, o estudo, a responsabilidade no cumprimento das ações delegadas são elencadas como aspectos reconhecidos pela comunidade.

- Uma coisa importante que a gente tem é que se alguém precisar a gente tá ali pra ajudar e eu acho isso um grande avanço sabe, porque se você tá precisando resolver outra coisa é só pedir pro seu vizinho ou pra outra pessoa que com certeza ela faz por você, hoje tem isso ainda porque todo mundo conhece todo mundo não é que nem na cidade que é cada um por si e as vezes não conhece nem o vizinho da esquina mais próxima. E no assentamento todo mundo conhece todo mundo e busca ajudar nas horas de necessidade. E os jovens aprenderam isso, somos assim também. (JP01, 22 anos, TPD)

-Vejo que assim duas características da juventude da Marrecas é a solidariedade e a responsabilidade. Solidário como? é quando as pessoas necessitam de alguma coisa, algum companheiro precisa de alguma coisa a gente se reúne faz bingos, faz festas pra ter modos de ajudar as pessoas que estão passando por mais necessidades. Responsáveis porque sempre nas festas de aniversário, em qualquer coisa que tem dentro do assentamento que a gente dá responsabilidade para alguns todos contribuem, todos participam então essas são duas características marcantes da juventude do Assentamento Marrecas. E a comunidade acho que também vê isso da gente.(GFJ06, 21 anos)

- Uma outra coisa que não foi colocado foi essa questão da religião, né que eu acho muito importante porque a juventude no dia-a-dia tem participado e também é um incentivo tá todos os domingos na celebração contribuindo seja no coral, seja na hora de fazer uma leitura e tudo isso é a juventude, então a juventude vem tomando esse espaço da questão da religião no assentamento e é muito forte essa questão no assentamento.(GFJ07, 24 anos)

- Além disso tudo que já foi falado, dos aspectos culturais, da religião, que o jovem participa, uma outra questão que desenvolvemos bem é a questão do social, como campanhas, mutirões e os jovens da marrecas pegam tarefas, responsabilidades para eles e que isso faz com eles se formem nas ações que eles fazem e isso afasta eles dessa cultura de massa que não são bem aproveitadas por quem tem um nível de consciência mais elevado e o que eu vejo também muito é que jovens que tem uma capacidade de se expressar não mostram esses potenciais porque isso não é trabalhado com eles, então os jovens são bem participativos e ajudam no que é necessário.(GFJ01, 21 anos)

Neste sentido, ao delinear no seu processo formativo valores que corroboram para a construção de relações mais solidárias entre as pessoas, o MST preconiza a formação de um novo ser humano. É possível observar nas falas que há um sentimento de cuidado, de preocupação uns com os outros, de busca de superação de problemas vivenciados. Observei também uma necessidade, enfatizada nas falas, de mostrar o quanto são ativos, participativos e que se potencializados podem fazer mais pelo assentamento o que aponta a reivindicação por espaços de participação.

Estes elementos remetem para a construção de identidades que se consubstanciam a partir do fazer ou dos aspectos que os potencializa. Melucci (2004) explica que no processo de constituição da identidade é necessário que se examine a capacidade de reflexão do sujeito sobre ele mesmo, a ação para além dos vínculos biológicos e individuais e a percepção de casualidade e de posicionamento em perceber/ reconhecer os efeitos da ação em relação aos outros.



Fotografia 28 - Jovem do Assentamento numa atividade na Escola “Paulo Freire”



Fotografia 29 - Jovem do Assentamento numa atividade na Escola “Paulo Freire”



Fotografia 30 - Jovem do Assentamento coordenando atividade no Galpão Comunitário

Depreendi, também, um jogo de posicionamento entre os jovens do assentamento. Os jovens vinculados aos processos formativos do MST são percebidos e se descrevem como os mais “ativos”. Enquanto, os que não têm um vínculo de militância são identificados como os “outros jovens”, o que não expressa qualquer sentimento de depreciação, visto que na fala da jovem havia a preocupação com esse afastamento dos/as jovens das movimentações da comunidade.

Essa diferenciação também foi possível de ser constatada nos estilos de roupas usadas pelos/as jovens que tem inserção no MST. As camisetas com símbolos do MST ou como eles falam de “lutadores do povo” e a posição de liderança nas atividades desenvolvidas no assentamento podem ser visivelmente detectadas e estabelecidas as diferenças. Também este aspecto compõe as identidades juvenis.

3.2.3 A que (quem) os/as jovens do Assentamento Marrecas creditam serem o que são?

O sujeito só consegue tomar consciência de si mesmo na relação com o outro. As identidades são construídas nas tramas estabelecidas no cotidiano, nas relações com o mundo. A sociedade é uma produção humana construída e construtora de identidades, visto que o ser humano é produtor e produto da sociedade. Assim, para que o sujeito se reconheça precisa de outros/as, sendo que a distinção deve ser reconhecida por esses outros. Daí a utilização por

Melucci (2004) do termo Identização por ser, para ele, uma palavra mais adequada, posto que expressa o caráter processual e auto-reflexivo de definição do eu.

Brandão (2002) destaca que os movimentos sociais na atualidade “geram e tendem a consolidar um caráter polissêmico aberto a múltiplas vocações de ações sociais, um novo, atraente e muito motivado espaço de encontros *de e entre* pessoas” (p.233, grifo do autor). De modo que a adesão das pessoas nesses movimentos ocorre pelo que o autor denominou de “triplo apelo”. Um afetivo, no qual as pessoas se identificam ocorrendo uma “verdadeira conversão”, ou seja, pessoas que se identificam com a causa e a partir dela redefinem suas vidas; o segundo apelo que é o identitário, remetendo ao sujeito pós-moderno definido por Hall, em que os sujeitos tendem a redefinir o “eixo de auto-imagens antecedentes” a partir da adesão a um ou mais movimentos sociais e o terceiro apelo refere-se ao “agir comunicativo” que “pretende transformar o controle unidirecional em um acordo sobre direções a tomar e resultados a obter através da ação interativa”. (p.233-235). De modo que é possível compreender que

[...] em suas versões mais recentes, os movimentos sociais fundaram pouco a pouco uma teia de alternativas de inserção de pessoas, de abertura à participação e de redefinição de identidades sociais dificilmente encontráveis em outros campos de comunicações intersubjetivas e de práticas sociais. (BRANDÃO, 2002,p.237)

As diferentes relações mantidas pelos/as jovens constroem as identidades, e são múltiplas as relações que as determinam. É fundamental proporcionar à juventude o sentido de propósito, a interrogação social, a participação e a realização pessoal. Os/as jovens do Assentamento Marrecas participam ativamente das lutas travadas pela comunidade na ampliação dos direitos sociais básicos. No processo de análise dos dados empíricos, além da interpretação busquei perceber como os próprios jovens interpretam sua realidade. Na produção dos sentidos, os jovens vão percebendo suas características pessoais ante os desafios cotidianos. Para compreender a relação entre o eu e o nós, entre as singularidades e a identidade coletiva, busquei elementos principalmente nas formulações dos/as jovens sobre si próprios.

Entretanto, essa descrição sobre eles mesmos remete para a análise de identidades coletivas construídas sob forte influência das vivências por eles/as experimentadas, na comunidade, no MST, na família, na escola, na igreja, nos grupos de amigos.

- Sou desse jeito, tenho certeza, pela formação diária do MST, da religiosidade e por também pelo processo formativo desenvolvido no Curso de Magistério. (GFJ07, 24 anos)

- Acho que além da família, a luta de nossos pais pela terra e também ao sofrimento que eles passaram, não que eu fale que tenha sofrido porque eu era muito pequena e não me lembro, mas eu sei porque eles nos contaram e nos contam até hoje o quanto foi difícil, as coisas que eles vivenciaram eles ensinaram pra mim e pros outros e nos faz continuar. E assim eu acho que também o desejo de querer fazer alguma coisa pra melhorar isso e também pra manter essa formação e animação que a gente carrega pra continuar no assentamento, em família, lutando junto com todo mundo, acho que também pelo desejo de fazer alguma coisa no futuro. (GFJ02, 20 anos)

- Minha formação eu devo aos meus pais por terem vindo pra Marrecas, quando eu cheguei eu não ajudava, não contribuía tanto, mas quando eu completei meus treze anos eu comecei a andar pra fora mesmo, a participar da reuniões né, participei de mutirões passando até de quinze dias fora fazendo trabalho de base pelo MST. Então isso contribuiu muito pra mim, eu acho que minha forma de ser eu devo ao meu pai a minha mãe, a minha família em si, devo muito ao movimento, muito, muito mesmo, por eu estar aqui no curso, por eu ter uma formação política maior do que quando eu entrei no início quando eu entrei no início acho que eu avancei muito se for olhar pra trás, devo muito a marcha, mudei muito, acho que eu cresci muito, depois da marcha, mudei meu jeito de ser meu comportamento perante as pessoas que antes eu olhava o mundo como se não tivesse nem aí e hoje eu olho o mundo de outra forma, tento me envolver, então a marcha foi uma coisa que me ajudou muito dentro do movimento a ver as coisas com outros olhos, dar importância a mais pra minha formação.(GFJ06, 21 anos)

- Como outros já falaram eu fico me imaginando, me perguntando como é que seria minha vida se meus pais não tivessem vindo pro assentamento do MST, como é que seria minha vida? Será que seria igual a daqueles outros jovens que não tem uma consciência política, esse pensamento crítico, essa coisa, essa consciência que a gente tem? A partir do que eu tenho essa consciência? A partir do momento que eu comecei a participar de encontros do MST e aí esse curso contribuiu mais ainda e também a minha família e ao assentamento Marrecas que indicou a gente e confiou na gente pra estarmos aqui. Então, eu devo minha formação a minha família e ao MST.(GFJ05, 19 anos)

- Então nessa questão do estudo eu sempre estudei aqui no assentamento e eu sempre fui uma pessoa que me preocupava com as coisas e questionava mesmo, nessa questão assim de debate eu conseguia perguntar e ajudar na sala e então depois que eu fui crescendo e percebendo, voltando o olhar pro movimento, eu ficava me perguntando o porque do movimento, o porque dessa bandeira no mastro e porque há tantas pessoas preocupadas com a sociedade. E assim e foi nessa participação indo com meus pais pra reunião de núcleo que eu sempre fui assim de ficar prestando a atenção e só depois falar, as vezes eu falo e erro mas é nesse falar e nesse errar que eu consigo perceber o que é melhor, que eu consigo analisar e aprender, eu acho que foi assim participando, saindo, indo pra escola estadual, pra nacional que eu vou aprendendo e que eu me tornei assim, então eu acho que eu tenho muito pra aprender, mas eu já aprendi a olhar pra muitas coisas e as vezes a gente olha só pras partes, pro meu assentamento, pro meu estado, acho que a gente precisa olhar pro internacionalismo, pras lutas assim e ter uma rebeldia com objetivos, sem se empolgar demais e depois não fazer, mas fazer lutas seguras. Quando eu chego assim de algum encontro eu consigo discutir e encaminhar. (AJ01, 19 anos, TPD)

- Tenho assim certeza que minha família e o assentamento, a luta assim me formou, na verdade me forma né. Tem até uma historinha. Essa semana eu fui na roça né, fui dá água pros bicho, fui sozinho assim era uma 5 horas da tarde, a roça que desde pequeno eu trabalho com meus irmãos, meu pai e aí é eu parei assim pra pensar e fiquei olhando pra roça, que hoje lá em casa nós não tamo plantando mais como antes porque antes a plantação era maior porque era mais filhos, toda minha família morava junto ali, era eu, meu irmão mais velho,(...) e o outro irmão que ta casado e hoje não mora mais com nós e as meninas(...) e eu olhando pra roça e fiquei imaginando assim, aquele mata pasto aí eu disse fui criado aqui (risos) essa roça aqui foi quem me criou, mode o alimento né, a roupa que nós veste, tudo sai dali, sai dali né e aí fiquei imaginando, sem mentira nenhuma, eu fiquei emocionado aí relacionei o antes com o hoje que pra falar a verdade mesmo hoje eu não vou pra roça como antes porque tem que tirar um tempo maior pra estudar né. Por isso é muito bom morar nesse assentamento, sem falar da honra de morar no primeiro assentamento, na primeira ocupação de terra aqui do Piauí, uma honra muito grande e inclusive precisaria está na nossa pele pra sentir. (JP03, 21 anos, TPD)

As falas são reveladoras da importância das agências tradicionais de socialização, família, escola, igreja, sendo acrescidas da ação do movimento social, no caso, o MST. Guimarães (2002), em estudos realizados sobre a juventude, destaca que os jovens apontam a família, a igreja e a escola como instituições mais importantes da vida. As condições objetivas e subjetivas são significadas e ressignificadas de forma permanente e dinâmica, no movimento que a sociedade faz em seu processo de constituição.

Essas transformações, ao atingir as várias dimensões da vida humana têm produzido modificações no papel da família e da escola – agentes tradicionais de formação e socialização dos jovens – interferindo na relação que estas instituições estabelecem na constituição do ser jovem, processo que se constrói com base nas condições objetivamente postas pela lógica de configuração das sociedades atuais. (p.296)

Nesta perspectiva, é possível afirmar que nas relações estabelecidas pelos jovens em seu cotidiano, a família e a escola são espaços importantes na construção identitária. Entretanto, Sposito (2005, p.91) apoiada em Abad (2003) reitera que mesmo a família e a escola exercendo papel importante na formação da identidade do/a jovem, estes agentes clássicos perderam parte da influência que exerciam e que o espaço deixado por essas fronteiras tradicionais – escola e família – passa “a ser ocupado por um maior desdobramento da subjetividade juvenil”.

Bomfim (2006), em estudo realizado sobre a agregação de jovens vinculados a movimentos culturais em Teresina, também destaca a emergência de outros espaços, onde o jovem tece relações identificadoras. Os jovens pesquisados destacaram a importância do papel da família e da escola como agentes importantes, mas por outro lado destacam também o papel do grupo de forma determinante na construção de suas identidades.

Os jovens tanto das camadas populares quanto das classes médias se agregam a grupos diferenciados e cada qual constrói ações específicas, visando atender às necessidades e desejos próprios, dar visibilidade às suas ações, bem como afirmarem o seu “ser sujeito” com suas criações e autonomia próprias. (p.50)

As diversas juventudes, vividas em espaços diferentes com as especificidades concernentes às práticas educativas vivenciadas sinalizam a importância de não estudá-los homogeneamente. As vivências com os/as jovens nas diferentes atividades no período da pesquisa, a observação do cotidiano da comunidade, a participação em atividades promovidas pelo MST no assentamento e em outros espaços permitem afirmar que as identidades dos jovens não têm como expressividade apenas o aspecto do trabalho, lazer, educação, família, movimento social, mas o conjunto dos diversos processos em que estão inseridos. Práticas educativas formais, informais e não formais das quais esses/as jovens fazem parte, corroboram de forma contundente para a constituição de suas identidades, que se constroem sob forte influência da família, da escola, da religião e do MST.

Branco (1999) destaca que a organização em movimento social abre espaço para a construção de uma identidade coletiva, o que favorece o empoderamento dos sujeitos sociais, visto que esta se transforma e ganha positividade porque no Movimento social os sujeitos se fazem reconhecer pelo “enfrentamento coletivo a partir do qual podem então, se reconhecer mutuamente na oposição e não na adesão a valores e identidades que os submetem” (p. 4).

Nas falas dos/as jovens não houve uma ênfase aos agrupamentos juvenis que se formam no Assentamento. Mas foi possível identificar, a partir dos diálogos nos diversos momentos que estive no assentamento, que o grupo de amigos também exerce forte influência nos jeitos de ser e expressar-se dos/as jovens do Assentamento em estudo.

No processo de produção dos desenhos do jovem e da jovem solicitados por mim, observei que houve consensos quanto aos sujeitos/as jovens por eles/as produzidos. Os protagonistas desenhados, de ambos os sexos, como constatado nas fotografias, vestiam blusas com símbolo do MST, e foram definidos com nomes que homenageavam pessoas do Assentamento, conforme informei anteriormente.



Fotografia 31 – Jovens na técnica projetiva do desenho

- Bem o nome dela é Antônia Joana por que Antônia e Joana são as duas mulheres mais velhas do Assentamento e são pessoas muito queridas por todos daqui. Então como vocês viram ela está caracterizada de MST que é a nossa organização, é uma menina bonita, olha só as unhas dela (risos de todos) toda cheia de frufu, olha só a pulseira, tem até anel de tucum e pulseira do biojóias, então é uma mulher que caracteriza bem a maioria das meninas daqui da Marrecas, gosta de se arrumar e tal, eu acho que ela tem entre quinze e vinte e sete anos eu não sei a idade dela ao certo.



Fotografia 32 – Jovens na técnica projetiva do desenho.

- Bom aqui é nosso jovem, ele tem 16 anos, o nome dele é José Pedro, que é homenagem a um velinho muito respeitado por todo mundo daqui, ele já faleceu, mas ele gostava de contar história. Então o José Pedro me contou que tá apaixonado pela Antônia Joana e quer dá um beijo nela (risos) beija! beija! (risos). Bom então ele usa pircing, tá de calça jeans, um sapatinho social e a camiseta do MST, deixa eu ver o que ele me falou mais...Ele é um jovem super extrovertido, disse que aqui na Marrecas só tem gatinhas (risos) e me disse também que quer ficar com uma gatinha que goste de conversar como ele. (risos geral)

Esses jovens projetados nos desenhos simbolicamente explicitam o mosaico que compõe as identidades juvenis do Assentamento Marrecas. A camisa com o símbolo do MST em ambos, as bijuterias do grupo de biojóias produzidas por um grupo de mulheres da

comunidade, as nomeações em homenagem a pessoas que simbolizam a luta empreendida, aspectos que indicam a vinculação aos processos sociais vivenciados.

Entretanto, concomitantemente, outros aspectos se evidenciam na descrição feita, visto que também compõe a produção dos desenhos marcas fortes do universo urbano, como o pircing, a calça jeans e o gorro que o Jose Pedro usa. Sales (2006) reflete a partir de suas pesquisas que há [...] “uma mistura entre os laços de sua cultura de origem com uma cultura urbana. Em alguns momentos, os jovens assentados se assemelham aos da cidade, mas, ao mesmo tempo, aparecem diferenças ligadas ao laços de sua cultura de origem”.(p.143)

Nesse sentido, Hall (2005) reitera que as identidades não são nunca unificadas, visto que na modernidade tardia, são cada vez mais cada vez mais “fragmentadas e fraturadas, elas não são, nunca, singulares, mas multiplamente construídas ao longo dos discursos, práticas, posições que podem se cruzar ou ser antagônicos”(p.108)

Nesta perspectiva, é oportuno ainda saber as perspectivas vislumbradas por esses/as jovens, as expectativas quanto ao futuro deles/as. O que projetam? O que desejam?

3.2.4 Expectativas e sonhos dos/as jovens do Assentamento Marrecas

A imagem estereotipada do rural e, conseqüentemente, das pessoas que ali vivem condiciona o olhar para as dificuldades, a falta de oportunidades, “o/a jeca-tatu”, o/a iletrado, o/a sem perspectivas. Essas imagens corroboram para os estudos que olham para a juventude rural como “sem lugar”, ou os sem perspectivas. Neste item, ao apresentar os sonhos dos/as jovens do Assentamento Marrecas, questão formulada por eles/as próprios/as quando da técnica projetiva com o desenho e também feita por mim no grupo focal, os olhares revelados ressaltam sonhos e desejos de jovens que, como quaisquer outros/as, “andam a procura de espaço para o desenho da vida”, como poetizou Cecília Meireles.

- Meu sonho é concluir meus estudos e ir morar fora do Brasil para poder ser modelo, na verdade esse é o sonho de muitas meninas não só daqui do assentamento, mas do Brasil. (AJ04, 16 anos, TPD)

- Ainda bem que sonhar não é pecado e nem proibido porque eu sonho em me formar em direito, pois me identifico muito com essa profissão. Sou uma pessoa que me indigno bastante com tanta desigualdade que quer submeter às pessoas a todo custo, sem nenhum pinga de valores humanistas. Eu tenho a percepção de que os meus sonhos ou os das outras pessoas não são só um sonho, mas sim fatos que podem se tornar concretos. Além do Direito eu penso em me aprofundar; estudar música me identifico bastante também, adoro cantar. Pretendo num futuro bem próximo exercer as duas profissões se Deus quiser. (AJ02, 17 anos, TPD)

- Olha, eu já terminei o ensino médio, eu penso em fazer um curso superior pelo MST, depois ter um emprego e depois disso me casar, eu penso assim em morar no campo, principalmente aqui na Marrecas que eu penso em ter uma vida em paz, tudo bem tem as preocupações mas é coisa da vida, e no campo é bem melhor de viver e de criar os filhos. (AJ01, 19 anos, TPD)

- Acho que todo mundo quer se formar e ganhar dinheiro porque dependemos dele pra ajudar nossa família e não depender dos pais, acho que é um sonho de todo jovem se sustentar e ajudar a família, não ser individualista e pensar também no movimento em contribuir na luta. (GFJ08, 23 anos)

- Meu sonho é de colocar em prática o que aprendi no curso e contribuir com a comunidade e outra coisa é que eu quero ter apenas condições de viver, ter o básico, nada disso de andar correndo atrás de dinheiro, quero uma vida tranqüila e feliz. (GFJ04, 28 anos)

- Eu quero poder contribuir com outros assentamentos e no movimento de um modo geral com mais frequência né, adquirir conhecimentos com esse curso que eu tô fazendo e aprofundar cada vez mais e mudar a ideologia de muitos jovens de nossas áreas de assentamento e fora dos assentamentos, porque se você der uma volta nas nossas áreas de assentamento, vamos falar de nós, em nossos assentamentos nós temos muita gente que não compreende o processo de alienação que vive e aí eu tô pensando de meu futuro contribuir na construção de outra ideologia com essas pessoas. (JP03, 21 anos, TPD)

- Meu sonho é de ter um grupo que trabalhe com som, pra fazer festas e viver disso. Da roça não que maltrata demais. Quero me aprofundar nesses conhecimentos de montar aparelhos de som. (JP04, 15 anos)

As perspectivas apontadas nos sonhos/desejos dos/as jovens do Assentamento Marrecas sinalizam para as mais variadas possibilidades. O desejo em continuar os estudos obtendo formação superior, seja para contribuir na comunidade ou em outros assentamentos e para conseguir emprego, revela a importância depositada na escolarização, destaque feito não somente por esses/as jovens, mas que é da sociedade de um modo geral. Neste aspecto se aproximam dos sonhos de outros tantos jovens no Brasil.

Entretanto, quando colocam como sonho a dimensão coletiva, de construção de outras leituras da realidade, os/as jovens externalizam os anseios que internalizam nas lutas do MST e da comunidade, dimensionam suas vidas a partir de processos mais amplos que acreditam alterar a realidade. Essa dimensão coletiva proporcionada pela inserção no movimento social tem contribuído para que os/as jovens tenham acesso a diversificados espaços de socialização que permitem experimentar diferentes formas de expressão juvenil. As místicas, as atividades diversas nos cursos dentro e fora do assentamento oferecem um leque de possibilidades que podem ser acionadas na composição (sempre provisória) das identidades juvenis.

Quando dimensionam suas vidas apoiando-se na coletividade, na memória de lutas de seus pais/mães, nas conquistas já construídas também por eles/as, reforçam o que moveu seus pais/mães e tantos outros/as que se empenham nas lutas por uma vida digna, a certeza de que e preciso lutar para alterar suas vidas.

Portanto, vê-se que a construção das identidades dos/as jovens desse campo brasileiro/piauiense (Assentamento Marrecas) vai acontecendo num emaranhado de ambigüidades e conflitos, pois, ao mesmo tempo em que estes se vêm apegados à família, por sua vez, à "tradição" que lhes confere o sentido de reciprocidade, a escola como ferramenta de instrução para um futuro menos incerto, à religiosidade e ao MST que lhes instigam a possibilidade de mudanças não somente de suas vidas ou da comunidade, mas até da sociedade de um modo geral, também pensam na possibilidade de ganharem dinheiro e terem uma vida melhor, se for o caso, inclusive fora do Brasil. Exercendo atividades que num primeiro momento não são sequer vislumbradas se considerando as condições materiais nas quais estão inseridos/as. Mas as batalhas já travadas os instigam a superar as dificuldades e a desenharem suas vidas sob a égide da esperança e da luta.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Janela sobre a utopia

Ela está no horizonte...
Aproximo-me dois passos.
Caminho dez passos
E o horizonte fica dez passos mais longe
Por muito que eu caminhe nunca a alcançarei.
Para que serve a utopia?
Serve para isto: para caminhar.
(Galeano)

Ao escrever estas considerações, agarro-me a utopia. Utopia de que é possível, a despeito dos prognósticos de que não há um horizonte, vislumbrar outras possibilidades de vida. O Movimento Sem Terra me instiga a pensar assim pois, mesmo com as contradições, próprias do fazer-se humano, se colocaram em fileiras e acreditaram de que é possível alterar o estado de coisas. O Assentamento Marrecas e a materialidade dessa afirmação, pois como explica a música “o chão onde pisava o boi (agora) e feijão e arroz, capim já não convém”. O que significa para as famílias do Assentamento Marrecas a conquista da terra e as possibilidades de construção de suas vidas sob outros parâmetros? É possível encontrar respostas? E estas respostas dão conta da dinamicidade vivenciada? Como explicitar em palavras as bonitezas vivenciadas nas relações de solidariedade, o cultivo da memória das lutas?

Foi tentando falar dos/as jovens que vivem no Assentamento Marrecas, que fui enveredando no cotidiano da comunidade e das lutas travadas pelo MST. Os/as jovens foram enfáticos: “*A luta me formou, na verdade me forma né*”, “*Sou assim, tenho certeza, por causa da formação de meus pais e do MST*”.

As fotografias produzidas foram um convite para conhecer o Assentamento Marrecas, sua gente forte e corajosa que percorreu muitos quilômetros rumo a uma terra não prometida, mas conquistada. O que as imagens revelaram? O que esconderam?

A complexidade das categorias em discussão neste trabalho mostrou que não é possível fazer afirmações categóricas ou contundentes, visto que os sujeitos com os quais dialogamos estão em processo, fazendo-se, de modo que, tal qual a realidade, as identidades juvenis estão em construção na trama das relações nas quais os/as jovens estão envolvidos. Fato que implica em leitura sempre provisória, aspecto, inclusive, salutar para a produção de outros entendimentos sobre o estudo empreendido ampliando o espectro de leituras.

Transitando em veredas teóricas percebi que a realidade vivenciada pelos sujeitos do campo tem sido historicamente de negação de direitos, sendo os conflitos por terras uma questão secular no Brasil. Nesse contexto, vários foram os movimentos sociais que se colocaram contrários à concentração de terras e lutaram por reforma agrária. A partir do final da década de 1970 o MST é um ator político que através da ocupação de latifúndios contraria a ordem instituída e aglutina trabalhadores rurais nessa luta.

A constituição do assentamento de reforma agrária, ou seja, de conquista da terra, acompanhados por um movimento social exige alterações na dinâmica das relações entre as famílias, que muitas vezes, vêm de lugares e costumes diferentes. Esse encontro do diverso possibilita a construção, não sem atritos, de redes de interações diversas.

As práticas educativas construídas e em construção no Assentamento são múltiplas, sendo o resultado dos diferentes processos que a comunidade aciona, seja de modo intencional, como a luta por educação escolar e as conquistas quanto a estruturação do assentamento, ou nas vivências cotidianas. Os/as jovens que, ainda criança vivenciaram esses processos vão nessas movimentações da comunidade se localizando e sendo localizados nas trocas, conflitos e consensos gerados no cotidiano.

As diversas juventudes, experienciadas em espaços diferentes com as especificidades concernentes as práticas educativas vivenciadas, sinalizam a importância de não estudá-los homogeneamente. As vivências com os/as jovens nas diferentes atividades no período da pesquisa, a observação do cotidiano da comunidade, a participação em atividades promovidas pelo MST no assentamento e em outros espaços permitem afirmar que as identidades dos/as jovens do Assentamento Marrecas não têm como expressividade apenas o aspecto do trabalho, lazer, educação, família, movimento social, mas o conjunto dos diversos processos em que estão inseridos.

Outro aspecto evidenciado sobre as vivências juvenis no assentamento é a de que este oferece poucos espaços de lazer, sendo uma reivindicação dos/as jovens a construção de uma praça e uma quadra poliesportiva que favoreça o desenvolvimento de habilidades, mas, sobretudo que possibilite a ampliação de espaços de expressão da juventude.

Assim, os jovens do Assentamento Marrecas vêm se inserindo no conjunto das movimentações da vida do campo. Nesse movimento, contribuem para o redesenho desse lugar, além de, no seu jeito de ser e viver, assimilarem as marcas desse processo.

Outra constatação foi de que a existência da escola que oferece até o ensino médio tem sido um fator de permanência da juventude no assentamento, visto que antes estes/as jovens precisavam migrar pra cidade se desejassem continuar os estudos.

Observei também que não é a escola, ou a igreja que mobiliza, é a comunidade que se faz viva e luta por escola, constrói a igreja e assim vão se construindo numa teia de relações complexas e construtoras de outras formas de viver em comunidade. Esses processos são espontâneos e planejados. Espontâneos à medida que o ritmo ali manifesto produz as diferenças e planejados por que há um movimento direcionado dentro do assentamento que os impulsionam e desafiam.

As imagens produzidas pelos/as jovens remetem para a pluralidade de sentidos e significados que as diferentes e por vezes antagônicas práticas educativas vivenciadas proporcionam. Interpelados pelas ações do MST, da escola, da igreja, dos agrupamentos juvenis, da mídia, dentre outras possibilidades, os/as jovens do Assentamento Marrecas dispõem de um rico material que podem acessar na construção de suas identidades.

A participação em atividades do MST ocorre entre os/as jovens que realizam atividades dentro e fora do assentamento, sendo fortalecidos pela inserção, desses jovens, em cursos formais e não formais realizados pelo Movimento. É possível observar essas diferenças nas intervenções que fazem, na condução de atividades diversas e nos posicionamentos sobre os/as jovens do Assentamento Marrecas.

Nos jogos de posições e identificações produzidos pelos/as jovens do Assentamento Marrecas há um conjunto de elementos que atravessam suas constituições identitárias, sendo destaque a experiência de vida num assentamento de reforma agrária originário da ação de seus familiares e vinculado a processos mais amplos de luta pela terra, organizada por um movimento de âmbito nacional. As teias de relações vivenciadas pelos/as jovens no cotidiano da comunidade e das ações mais amplas do MST oportunizam acessar diferentes espaços de sociabilidade e, portanto, de possibilidades diversas.

Essas juventudes que integram o Assentamento Marrecas nas movimentações cotidianas e pontuais que realizam vêm construindo a si mesmas nas relações que estabelecem com a família, com o MST, entre eles/as próprios, com a religiosidade, com comunidade e com o mundo, visto que muitos deles/as estão conectados através da mídia, possuem e-mail e orkut.

A despeito do poder midiático na composição identitária desses/as jovens, coexiste com um apego a história de luta vivenciado pela comunidade, ao cultivo da memória coletiva que lhes oferece “certa segurança” em meio a tantas intempéries e frustrações, como a separação dos pais, as poucas oportunidades de empregos e o limitado acesso ao lazer.

De modo que, ao intencionar colocar um ponto final, provisório, mas necessário nestes escritos fica a certeza das muitas outras provocações que este estudo deixa em aberto. O

conhecimento de diferentes realidades juvenis do campo piauiense, as diversidades expressas no modo de se constituírem coletiva e individualmente em movimentos sociais também diversos são instigações permanentes. As discussões sobre gênero e juventude no campo, sobre protagonismo juvenil são também aspectos a serem estudados.

Isto posto, importa ainda esclarecer que esse exercício de olhar por diversos ângulos, mas sob o ângulo dos sujeitos pesquisados, pode me custar muitos questionamentos, visto que nesse desafio o terreno que me movo é diverso, inconcluso, temporal, situado, pontual. Tal qual como as discussões aqui propostas: Juventudes no contexto de práticas educativas construindo identidades. Categorias teóricas complexas e plurais. Essa produção se construiu num contexto específico, mas com jovens que estão ligados ao mundo. Não estão ilhados, ao contrário, buscam incessantemente construir pontes, ou melhor, redes. Redes no Assentamento Marrecas, com jovens do campo localizados em outros assentamentos, em outras comunidades rurais, na cidade mais próxima, que é São João do Piauí e de lá se conectam com o mundo. Nesse movimento, experiências diversas se entrecruzam.

Muitas veredas percorridas e uma certeza: é preciso seguir buscando... Quantos passos e pesquisas forem necessários.

REFERÊNCIAS

- ABAD . M. **Crítica política das políticas de juventude**. In: FREITAS. M. V. de. & PAPA. F. de C. (Orgs). **Políticas públicas: Juventude em pauta**. São Paulo: Cortez: Ação Educativa.2003. p.13-32.
- ABRAMO, H. W.**Participação e organizações juvenis**. Fundação Kelog. 1998.
- _____. FREITAS, M.V. de. SPÓSITO, M. P. (org). **Juventude em debate** 2. ed. São Paulo: Cortez, 2003.
- ABRAMOVAY,R.:(Org) **Juventude e agricultura familiar: desafio de novos padrões sucessórios**. Brasília: Edições Unesco, 1998.
- ALENCAR, M.C.deM. **Eu sou da roça, jovem rural: Identidades em Construção**. Dissertação de Mestrado. UFC, 2005.
- ALMEIDA. A. M de. **Pensando a família no Brasil**. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1987.
- ANDRADE, M. C. de. **A terra e o homem no Nordeste: contribuição ao estudo da questão agrária no Nordeste**.6 ed. Recife: editora Universitária da UFPE, 1998.
- _____. **Lutas Camponesas no Nordeste**. São Paulo: Ática, 2ª edição, 1993.
- ARROYO, M.G. **Educação básica e movimento social do Campo**. In: ARROYO, M.G.; CALDART, R.; MOLINA, M. *Por uma educação do campo*. Petrópolis: Vozes, 2004.
- _____. **Ciclos de Desenvolvimento Humano e Formação do Educador**. *Revista Educação & Sociedade* CEDES, Campinas - S. P. nº 68, p. 143-162, Dezembro 1999.
- BAUER, M. W.& GASKELL, G. (editores) **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
- BERGER, P. L.;LUCKMANN, T. **A Construção Social da Realidade**. 9ª Ed. Petrópolis: Vozes, 1985.
- BEZZERA NETO, L.**Sem-Terra aprende e ensina: estudo sobre as práticas educativas do movimento dos trabalhadores rurais**. Campinas, SP: Autores Associados, 1999.
- BOCK S. D. **A inserção do jovem no mercado de trabalho** ABRAMO, H. W. FREITAS, M.V. de. SPÓSITO, M. P. (org). **Juventude em debate** 2. ed. São Paulo: Cortez, 2002.p. 11 a 16
- BOFF, L. **Saber cuidar. Ética do humano: compaixão pela terra**. Petrópolis: Vozes 1993.
- BOGO, A. **O MST e a cultura**. São Paulo : MST, 2000.
- BOMFIM, M. do C. A. do. **Agregação de juventudes: múltiplos olhares**. In: BOMFIM, M.do C.A. do. & MATOS, K.S.L. de. (orgs). **Juventudes, cultura de paz e violências na escola**. Fortaleza: UFC, 2006. p.46-67.

BOURDIEU, P. **Razões práticas sobre a teoria da ação**. Campinas, SP: Papiurus, 1996.

BRANCO, M. T. C. **Os jovens "sem-terra" identidades em movimento**. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos, 1999.

BRANDÃO, C.R. **Casa de escola: cultura camponesa e educação rural**. Campinas: Papiurus, 1983.

_____. **Um “eu” chamado “nós”: movimentos sociais, movimentos populares e a educação popular**. In: BRANDÃO, C.R. A educação popular na escola cidadã. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.p.230-279.

CALDART, R. S. **Educação em Movimento: Formação de educadoras e educadores no MST**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

_____. **Pedagogia do Movimento Sem Terra**. São Paulo: Expressão Popular, 2004

CARNEIRO, M. J. **O ideal urbano: campo e cidade no imaginário de jovens rurais**. In: TEIXEIRA DA SILVA, F.C., SANTOS, R., COSTA, L.F.C. (orgs.). Mundo Rural e Política. Rio de Janeiro: Campus/Pronex, 1998.

_____. **Juventude rural: projetos e valores**. In: ABRAMO, H. Wendel & BRANCO, P. M. (orgs.). Retratos da juventude brasileira: análise de uma pesquisa nacional. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005.p.243-262.

CARRANO, P. C. R. **Juventude: as identidades são múltiplas**. In: MOVIMENTO, juventude e educação. Rio de Janeiro:DP&A, 2000.

_____. **Juventudes e cidades educadoras**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003

CARVALHO, H.M de. **A interação social e as possibilidades de coesão e de identidades sociais no cotidiano da vida social dos trabalhadores rurais nas áreas oficiais de reforma agrária no Brasil**. NEAD, 1999.

CASTELLS, M. **Paraísos comunais: identidades e significado na sociedade em rede. O poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 2000, p. 21-92.

CASTRO, E. G. de. **O paradoxo ‘ficar’ e ‘sair’: caminhos para o debate sobre juventude rural**. In: FERRANTE, V. L. S. B. & ALY JUNIOR, O. Assentamentos rurais: impasses e dilemas (uma trajetória de 20 anos). São Paulo: INCRA/SP, 2005. p.321-49.

CIAMPA, A.da C. **A estória do Severino e a história da Severina: um ensaio de psicologia social**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

_____. **Identidade humana como metamorfose: A questão da família e do trabalho e a crise de identidade no mundo moderno**. Texto de comunicação oral no Encontro Internacional “Família e Psicanálise – Novas Tendências Clínicas”. São Paulo, 1998.

COSTA, M. V. (org.) **Caminhos investigativos: novos olhares na pesquisa em educação**. s/d, DP&A editora.

CUCHE, D. Cultura e identidade. In: _____. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Bauru: EDUSC, 2002, p 175-202.

DAMASCENO, M. N. **Reflexões acerca da educação do campo e uma pedagogia para a educação do jovem rural**. In: MATOS, Kelma Socorro Lopes de(Org.) *Jovens e crianças: outras imagens*. Fortaleza: UFC, 2006.p.122-135.

DAMASCENO, M.N e BESERRA. B, **Estado da Arte sobre educação rural**. 2004, UFC, mimeo.

DAMASCENO, M. N. SALES, Celecina de Maria Veras. (Coords) et all. **O caminho se faz ao caminhar: elementos teóricos e práticas na pesquisa qualitativa**. Fortaleza: UFC, 2005

_____. **O jovem como sujeito social**. Trabalho apresentado na 25ª reunião anual da ANPED, 2005.

DAYRELL, J. T. & GOMES, N. L. **A juventude no Brasil**. s/d 25p.

DELGADO, L A N. **Historia oral: memória, tempo identidade**. Belo Horizonte. Ed. Autentica, 2006.

FERNANDES, B. M. **MST: Formação e territorialização**. São Paulo. Hucitec. 1999.

_____. **Educação do Campo e território camponês no Brasil**. In: SANTOS,C. A. dos. (org.) *Educação do Campo: campo – políticas públicas – educação*. Brasília: Incra; MDA, 2008.p.39-66.

FERRANTE, B. V. **A aventura de pesquisar assentamentos rurais: dilemas da multidisciplinaridade e do pluralismo teórico**. Cadernos de Sociologia/PPGS. Número especial. (1995)Porto Alegre:UFRGS,1993, p.105-116.

FILHO, C. **Trabalhadores ocupam latifúndio improdutivo**. Teresina, 10/11.JORNAL DIÁRIO DO POVO,10/09/1989

FRANCO, M. L.P.B. **Análise de Conteúdo**. Brasília: Plano Editora, 2003.

FREIRE, P. **Pedagogia da Indignação**. São Paulo: Paz e terra, 2000. 184p

FRIGOTTO, G. O enfoque da dialética materialista histórica na pesquisa educacional. In: **Metodologia da pesquisa educacional**. São Paulo: Cortez, 2004. p 69-90.

FUNDAÇÃO CEPRO. **Piauí em números**. Teresina, 7 ed.s/d

GARCIA, S. G. **Antropologia, modernidade, identidade; notas sobre a tensão entre o geral e o particular**. *Tempo Social*. Revista de Sociologia da USP, São Paulo, 5(1-2), pp. 123-143, 1993. (editada em nov. 1994)

GALEANO, E. **De pernas pro ar: a escola do mundo ao avesso** . 8ª Ed. Porto Alegre: L&PM, (1999).

GASKELL, G. & BAUER, M. W. (editores) **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

GATTI, B. A. **Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas**. Brasília: Líber Livro, 2005.

GOHN, M. da G. **Educação não formal e cultura política: impactos sobre o associativismo do terceiro setor**. São Paulo: Cortez, 1999.

_____. **Mídia, terceiro setor e MST: impactos sobre o futuro das cidades e do campo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

GONDIM; FEITOSA ; CHAVES. **Grupos focais como técnica de investigação qualitativa: desafios metodológicos**. Disponível em:

<http://www.ffclrp.usp.br/paideia/artigos/24/03.doc>>.acesso em 20/07/2007

GUIMARÃES, M.T.C. Juventude, educação e campo simbólico. In: **Revista Brasileira de Estudos de População**, v.19, n.2, jul./dez.2002.

GROPPO, L. A. **Juventude: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas**. Rio de Janeiro: Difel, 2000.

HALL, S. **A identidade**. Petrópolis, Vozes, 1999.

_____. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

IANNI, O. **Origens agrárias do Estado Brasileiro**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

IBGE, Censo Demográfico. 2000

KONDER, L. **A construção da proposta pedagógica do SESC Rio**. Rio de Janeiro, Editora SENAC, 2000.

LOIZOS, P. **Vídeo, filme e fotografias como documentos de pesquisa**. In: Bauer MW. Gaskell G, editores. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis (RJ): Vozes; 2002. p.137-55.

MACHADO, P. **Nas trilhas da Morte**. s/d. mimeo.

MARTINS, J. S. **Os camponeses e a política no Brasil**. Petrópolis; Vozes, 1974.

MARTINS. H. H. T. Souza a juventude no contexto da reestruturação produtiva In: ABRAMO, H. W. FREITAS, M. V. de. SPÓSITO, M. P. (org). **Juventude em debate** 2. ed. São Paulo: Cortez, 2002. p.17 a 40.

MAY, T. **Pesquisa social: questões, métodos e processos**. 3ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.

BRASIL. **Ministério da Educação Cultura, Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira**. Brasília: MEC/INEP, 2000.

MELUCCI, A. **Por uma sociologia reflexiva; pesquisa qualitativa e cultura**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

_____. **O Jogo do Eu**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

_____. **Juventude tempo e movimentos sociais.** Revista Brasileira de Educação, nº 5: 5-14. São Paulo, ANPED, 1997

MORISSAWA M.. **A história da luta pela terra e o MST.** São Paulo: Expressão Popular, 2001.

MORAES, R. **Mergulhos Discursivos.** In: GALIAZZI, M. do C.; FREITAS, J.V. de. Metodologias Emergentes de Pesquisa em Educação Ambiental. Ijuí: Ed. Unijuí, 2005. 216p

NOGUEIRA, M. S. **Pequenos produtores rurais: movimentos e interações com a reforma agrária. Brasil – Piauí (1970-1990).** São Paulo, 1997, 192 p. Dissertação (mestrado em História Social), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

_____. **Juventude e Sociedade: jogos de espelho.** Revista Ciência e Vida. Sociologia, ano I, nº 2, 2007

NOVAES, R. e MELLO, C. **Jovens do Rio.** Comunicações do ISER, número 57, ano 21, 2002

PAIS, J. M. **Culturas juvenis.** Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1993.

PERALVA, A.; SPÓSITO, M. P. (orgs). Juventude e Contemporaneidade, **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo: Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em educação, nº 5 e 6. p 25-36, 1997.

PNERA. DF: MEC/INEP/MDA/INCRA/PRONERA, 2005. <http://www.inep.gov.br>

PIMENTA, S. G. **Pedagogia, ciência da educação?** 4.ed. São Paulo: Cortez, 2001.

SACRISTÁN, J. G. **Educar e conviver na cultura global: exigências da cidadania.** Porto Alegre: Artmed, 2002.

SALES, C. de M.V. **Pesquisa qualitativa: cartografando novos percursos na produção de conhecimento** In: DAMASCENO, M. N., SALES, C. de M.V (org.). O caminho se faz ao caminhar: elementos teóricos e práticas na pesquisa qualitativa. Fortaleza: editora UFC, 2005

SALES, C. de M.V. **Jovens nômades, jovens da terra.** In: MATOS, K. S. L. de (Org.) Jovens e crianças: outras imagens. Fortaleza: UFC, 2006. p.136-150.

SALES, C. de M.V. **Criações coletivas da juventude no campo político: Um olhar sobre os assentamentos rurais do MST.** Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 2006.

SCHERER-WARREN, I. **Redes de Movimentos Sociais.** São Paulo: Loyola, 1993.

SCHERER-WARREN, I. e KRISCHKE, P. (org.). **Uma revolução no cotidiano? Os novos movimentos sociais na América do Sul.** São Paulo: Brasiliense, 1987.

SILVA. T. T. **A produção social da identidade e da diferença.** SILVA, T. T. (org). Identidade e diferença. A perspectiva dos estudos culturais, Petrópolis: Vozes, 2000 pp. 73-102.

SILVESTRO, M. L. ET alii. **Os impasses sociais da sucessão hereditária na agricultura familiar.** Florianópolis: Epagri; Brasília: Nead, 2001.

SPOSITO, M. **Estudos sobre juventude e educação**. Juventude e contemporaneidade. São Paulo: ANPED [Revista Brasileira de Educação, número especial, 5-6, 1997, p.35-54.

_____.(org.) et al. **Estado do conhecimento: juventude**. São Paulo, 2000, mimeo.

_____.**Algumas reflexões e muitas indagações sobre as relações entre juventude e escola no Brasil**. In: ABRAMO, Helena Wendel & BRANCO, Pedro Martoni (orgs.). Retratos da Juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005.

STÉDILE, J. P. (org.). **A questão agrária no Brasil: Programas de reforma agrária 1946-2003**. Douglas Estevam (assistente de Pesquisa). 1a ed. São Paulo: Expressão popular, 2003.

STÉDILE, J. P. e FERNANDES, B. M. **Brava Gente – a trajetória do MST e a luta pela terra no Brasil**. São Paulo, SP: Fundação Perseu Abramo, 1999.

STÉDILE, J. P. e Frei Sérgio. **A luta pela terra no Brasil**: Scritta. Editorial, São Paulo, 1993.

STÉDILE, M. **Terras Libertas**. Revista Sem Terra. Nº 48, São Paulo, jan/fev 2009, Edição Especial.

TÉOFILO, E. **A necessidade uma reforma agrária, ampla e participativa para o Brasil**/ Edson Teófilo, Brasília : Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural – NEAD / Conselho Nacional de Desenvolvimento Rural Sustentável / Ministério do Desenvolvimento Agrário, Editorial Abaré, 2002.

TOMMASI, L.**Necessidade, privilégio ou direito?**. In.Revista Ciência e Vida. Sociologia, especial Juventude brasileira. P.24-35. Nº 02, 2007.

TREVISAN, S.D.P, ALGER, K. **Movimentos sociais na luta pela terra e sustentabilidade do ecossistema**. In: Congresso Mundial de Sociologia Rural 10. Congresso Brasileiro de Economia e Sociologia Rural 38; 2000. Rio de Janeiro. Anais.

TRIVINOS, A. N.S. **Introdução à pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**. São Paulo, Atlas, 1992.

UNESCO. **Políticas públicas de/para/com juventudes**. Brasília: 2004

WIESHEIMER, N.**Juventudes Rurais**: mapa de estudos recentes. Serie estudos Nead. Brasília: Nead/MDA.2005

WOODWARD, K. **Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual**. In: SILVA, T. T. (Org.). Identidade e diferença. A perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: Vozes, p. 7-72,

YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 3 ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.

PERIÓDICOS

BRASIL DE FATO,23,2003 p.14

JORNAL O DIA, 13/06/1989

APÊNDICE

APÊNDICE A: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ - UFPI
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO – CCE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) a participar como voluntário(a) em uma pesquisa. Após ser esclarecido(a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar a fazer parte do estudo proposto, assinie ao final deste documento, que está em duas vias; uma delas é sua e a outra é da pesquisadora responsável.

Informações sobre a Pesquisa:**Título do Projeto:**

Juventudes do Campo, Identidades e Práticas Educativas: O caso do Assentamento Marrecas em São João do Piauí

Pesquisadora responsável:

Marli Clementino Gonçalves, Quadra 24, casa 21, setor B Mocambinho I
Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Maria do Carmo Alves do Bomfim

Objetivos e Procedimentos da Pesquisa:

A pesquisa é parte da Dissertação de Mestrado do Curso de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Piauí, na Linha de Pesquisa: Educação, Movimentos Sociais e Políticas Públicas. O objetivo é Analisar como as práticas educativas vivenciadas no Assentamento Marrecas (São João do Piauí) têm contribuído para a construção identitária dos jovens assentados.

Os dados da pesquisa serão buscados a partir das informações obtidas na observação, e através de Técnicas Projetivas e do Grupo Focal.

Implicações para quem Participa:

Considerando que a pesquisadora pretende oferecer elementos de contribuição ao processo de discussão sobre as juventudes do campo e que as informações obtidas pela colaboração dos(as) sujeitos entrevistados(as) comporão o referencial de análise e de construção das conclusões finais, depreende-se que o(a) colaborador(a) está diretamente implicado(a) no resultado final, tendo em vista a importância dos dados por ele(a) fornecido para a composição final do trabalho. Neste sentido, os(as) colaboradores (as) terão suas identidades preservadas se assim considerarem conveniente.

Outros Esclarecimentos:

O (a) participante tem o direito de exigir sigilo de alguma informação que não gostaria que fosse divulgada;

O (a) participante pode a qualquer momento solicitar a retirada do consentimento e, neste caso, a entrevista não será utilizada no processo de pesquisa.

Pesquisadora

Marli Clementino Gonçalves

CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO COMO SUJEITO NA PESQUISA:

Eu, _____
RG _____ CPF _____

Abaixo assinado, concordo em participar do estudo: *Movimentos Sociais Populares do Campo e a "Parceria" Com o Estado: a Experiência dos Cursos Formais*, como entrevistado(a). Fui devidamente informado(a) e esclarecido(a) pela pesquisadora Marli Clementino Gonçalves, sobre a pesquisa, os objetivos e procedimentos nela envolvidos e as implicações decorrentes da minha participação. Foi-me igualmente garantido que a qualquer momento, posso retirar o meu consentimento a qualquer momento, sem que isto resulte em qualquer penalidade ou ônus para mim. Assim sendo, de acordo com a finalidade da presente pesquisa, autorizo a pesquisadora a utilizar os meus depoimentos no relatório ou em outras produções decorrentes da investigação.

_____, ____/____/____

Assinatura Sujeito Participante/Colaborador(a)

APÊNDICE B: QUESTIONÁRIO DO PERFIL DA JUVENTUDE DO ASSENTAMENTO MARRECCAS.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ - UFPI
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO – CCE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

QUESTIONÁRIO DO PERFIL DA JUVENTUDE DO ASSENTAMENTO MARRECCAS.

TEMA: JUVENTUDE DO CAMPO: IDENTIDADES E PRÁTICAS EDUCATIVAS

1. Dados pessoais

- Idade _____ sexo: Feminino () Masculino ()

- Escolaridade

() alfabetizado(a)

() não alfabetizado(a)

Ensino fundamental () completo () incompleto (até qual série estudou?) _____ Onde estuda/estudou? _____

Ensino médio () completo () incompleto (até qual série estudou?) _____ Onde estuda/estudou? _____

Ensino superior () completo () incompleto qual curso? _____

No Brasil tem gente de várias cores e raças. Qual é a sua cor ou raça? _____

Qual a sua religião? _____

2. Dados Familiares

- Pessoas que moram com você:

Pai () mãe () avô () avó () tio () tia ()

Irmão () irmã () Outros/as quem? _____

- Renda média da família

() Até 01 salário mínimo () mais de 04 salários mínimos.

() De 01 a 02 salários mínimos

() De 02 a 04 salários mínimos

- Quais os meios de comunicação você usa para se informar?

- Qual a sua religião?

- Qual a sua cor/raça?

Obrigada!

APÊNDICE C: Roteiro de Discussão Grupo Focal

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ - UFPI
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO – CCE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

Roteiro de Discussão Grupo Focal

Jovens dos Cursos Técnicos

Nome

Há quanto tempo mora no Assentamento Marrecas?

Para você o que é ser jovem?

Como são os jovens que moram no seu assentamento?

Quais são os principais problemas que os jovens do assentamento enfrentam?

Como é sua relação com a sua família?

Como era/é sua relação com a escola onde estudou ou estuda?

A que (quem) credita ser o que é?

Quais são os seus sonhos, suas expectativas para o futuro?